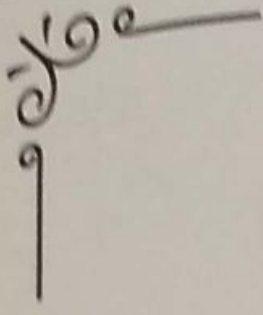


TRATADO
PRÁTICO DOS VÍCIOS
E DAS VIRTUDES



Beata Maria Concepción
Cabrera de Armida (Conchita)

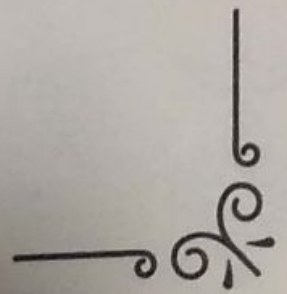




Tratado Prático dos Vícios e das Virtudes

Concepción Cabrera de Armida

1ª edição em língua portuguesa



NOTA DO EDITOR

Os textos contidos no presente Tratado sobre as virtudes e os vícios foram extraídos de escritos inéditos da Serva de Deus Concepción Cabrera de Armida, ordenados de forma sistemática e impressos pelo padre Félix de Jesús Rougier em edição privada de 1921.

Esta reedição contém levíssimas correções que deixam o texto original sem alterações substanciais, tal qual saiu das mãos e do coração de ambos os servos de Deus.

Acrescentaram-se citações a fim de facilitar o acesso aos escritos originais.

México, D. F., janeiro de 1976.

IMPRIMATUR

Maximus, Episc. Derbensis
Vic. Gen. – Aux. Archiep. Mexican
Die 15 martii 1921

ADVERTÊNCIAS PRELIMINARES

1. Este livro foi escrito pela Serva de Deus Concepción Cabrera de Armida. A maior parte foi redigida no ano de 1900, durante os seis meses em que a autora passou à cabeceira da filha gravemente enferma, com as interrupções que se fizeram necessárias. Apenas alguns trechos são de anos anteriores. A sistematização do livro foi realizada integralmente pelo Servo de Deus Félix de Jesús Rougier, a partir dos escritos inéditos de Concepción Cabrera de Armida.

2. A redação do livro tem a forma de um ditado de Nosso Senhor, que se comunicou de diferentes maneiras à sua Serva, mas não como o ditado de um mestre para com seus alunos nem como o ditado de um advogado para com sua secretária. (Cfr. Ignacio Navarro, Itinerario espiritual, Apéndice 1, p. 111ss.).

3. Se, nos autores dos livros bíblicos que escrevem sob a inspiração do Espírito Santo, de cada um ficam impressos a personalidade, o temperamento, o ambiente, a cultura, a época e as demais influências a que estão sujeitos, com maior razão o instrumento humano deixa sua marca visível em qualquer outro tipo de escritos, ainda que de origem divina.

4. A linguagem da Serva de Deus não é a linguagem técnica dos teólogos, mas a linguagem simples, por vezes imprecisa, que usamos em nossa conversação cotidiana. Por exemplo, quando a autora diz: "pode se converter em vício ou até em pecado", certamente um teólogo diria a mesma coisa de uma outra maneira.

5. Conchita escreve com grande simplicidade, não como uma professora que ensina, mas como uma mãe que se dirige a seus filhos. E é dessa forma que deve ser lida, até porque, de fato, todas estas páginas tiveram como destinatários imediatos suas filhas do Oasis e os futuros Sacerdotes de la Cruz.

6. O objetivo destas páginas é ajudar a progredir na vida espiritual aquelas almas desejosas de caminhar seriamente rumo à perfeição, revelando as insídias, os disfarces e as táticas enganosas do inimigo. Ao mesmo tempo, mostrar os remédios mais apropriados para combater vícios, pecados e defeitos, e os meios mais eficazes para avançar nas virtudes.

À primeira vista, esse projeto parece-nos demasiado complexo em razão dos muitos detalhes que o compõem. Contudo, o duodécimo e último grupo de virtudes perfeitas permite-nos enxergar a unidade e a sobriedade da vida espiritual centrada na caridade e nas virtudes teologais. Todo o resto está direcionado a remover obstáculos no caminho do amor ou a oferecer meios que, à luz da fé na Cruz de Cristo, adquirem uma eficácia divina.

Para tanto não é de se estranhar a linguagem por vezes severa com que se condenam alguns vícios, pecados ou imperfeições, pois, na realidade, são obstáculos muito sérios ao progresso espiritual. Tomar estes conselhos de perfeição num sentido apenas jurídico ou moralista de lícito ou ilícito, seria uma falta de apreço pela doutrina aqui exposta e um erro grave, fonte possível de escrúpulos e desânimo. Trata-se aqui, na verdade, de um caminho extremamente rico em pormenores, sutilezas e finuras e que nos eleva à santidade.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA	14
PRÓLOGO	20
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS VIRTUDES	27
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS VÍCIOS	31

PRIMEIRA FAMÍLIA

VIRTUDES DE SACRIFÍCIO

1. Sacrifício	35
2. Pobreza	35
3. Pobreza espiritual perfeita	36
4. Penitência	37
5. Penitência espiritual perfeita	37
6, 7 e 8. Sofrimento, sofrimento espiritual perfeito e padecimento	38
9. Mortificação	40
10. Abnegação	41
11. Perseguição	41

VÍCIOS OPOSTOS

1. Falta de mortificação	45
2. Moleza	47
3. Delicadeza	47
4. Comodidade	49
5. Gula	51
6. Gula espiritual	52

SEGUNDA FAMÍLIA

VIRTUDES DE HUMILDADE

1. Humildade	57
2. Docilidade	59
3. Modéstia	59
4. Modéstia espiritual	60
5. Pudor	61



6. Pudor espiritual	61
7. Boa vontade	62
8. Mansidão	63
9. Bondade	63
10. Amabilidade	63
11. Benignidade	64
12. Doçura	64
13. Condescendência reta	65
14. Delicadeza	66
15. Delicadeza espiritual	66

VÍCIOS OPOSTOS

1. Soberba	71
2. Soberba espiritual	74
Quantos casos desses há na Igreja!	75
3. Ira	76
4. Desconfiança	79
5. Susceptibilidade	80
6. Susceptibilidade espiritual	81
7. Orgulho	82
8. Amor-próprio	85
9. Indiferença culpada	88
10. Obstinação	89
11. Cólera	90
12. Altivez	92
13. Complacência vã	92
14. Respeito humano	94
15. Afetação	97
16, 17 e 18. Pretensão, presunção e pedantismo	98
19. Vaidade	99
20. Vanglória	102

TERCEIRA FAMÍLIA

VIRTUDES DE RECOLHIMENTO

1. Silêncio	105
2. Recolhimento	107
3. Solidão espiritual	109
4. Meditação	111
5. Oração	114
6. Contemplação	116

VÍCIOS OPOSTOS

1. Curiosidade	123
2. Dissipação	125



3. Frivolidade	127
4. Imaginação viciada	129

QUARTA FAMÍLIA

VIRTUDES DE INGENUIDADE

1. Singeleza	135
2. Clareza da consciência	136
3. Simplicidade	136
4. Lhaneza	137

VÍCIOS OPOSTOS

1. Mentira	141
2. Falsidade	142
3. Duplicidade	143
4. Exageração	143
5. Hipocrisia	145
6. Fingimento	146
A alma: Mas como é possível, Senhor?	148
7. Escusa	149
8. Afetação	150
9. Adulação	151

QUINTA FAMÍLIA

VIRTUDES DE PUREZA

1. Pureza	155
2. Castidade	156
3. Inocência	157
4. Candor	158
5. Limpeza de coração	159
6. Claridade	161

VÍCIOS OPOSTOS

1. Imodéstia	165
2. Sensualidade	168
3. Malícia	171
4. Remédios	173

SEXTA FAMÍLIA

VIRTUDES DE CARIDADE

1. Liberalidade	177
2. Ensino	177
3. Conselho	180



4. Escola	182
5. Consolo	183
6. Correção	184

VÍCIOS OPOSTOS

1. Inveja	187
2. Calúnia	190
3. Murmuração	192
4. Ciúme	201
5. Ódio	203
6. Rancor	206
7. Acrimônia	207
8. Vingança	208
9. Ruindade	209
10. Baixeza	210
11. Vileza	211
12. Perfídia	212
13. Traição	213
14. Burla	215
15. Sarcasmo	216
16. Escândalo	217
17. Dureza de coração	219
18. Avareza	221
19. Premeditação	224

SÉTIMA FAMÍLIA

VIRTUDES DE PAZ

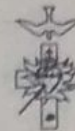
1. Paz	229
2. Repouso	230
3. Serenidade	230
4. Tranquilidade	230
5. Maturidade	231
6. Discrição	232

VÍCIOS OPOSTOS

1. Turbação	235
2. Perturbação	235
3. Inquietude	236
4. Escrúpulos	238
5. Dúvida	238

OITAVA FAMÍLIA

VIRTUDES DE VENCIMENTO



1. Vitória sobre si mesmo	243
2. Obediência	243
3. Contrição	247
4. Trabalho	249
5. Domínio	249
6. Desprezo de si	251
7. Renúncia	252
8. Perdão	254
9. Submissão	255
10. Paciência	256
11. Temperança	258
12. Indiferença	259
13. Conformidade e resignação	259

VÍCIOS OPOSTOS

1. Preguiça	263
2. Ociosidade	265
3. Fastio (Tédio)	266
4. Cansaço	267
5. Tibieza, frieza, desânimo	268
6. Covardia..	270
7. Debilidade	272
8. Fraqueza	274
9. Condescendência culpável	275

NONA FAMÍLIA

VIRTUDES GUERREIRAS

1. Fortaleza	281
2. Firmeza	282
3. Integridade	282
4. Luta	283
5. Energia	284
6. Amor ativo	285
7. Atividade	286
8. Diligência	287
9. Zelo	287
10. Solitude.....	289
11. Liberdade de espírito	289

VÍCIOS OPOSTOS

1. Vacilação	293
2. Indecisão	293
3. Veleidade	294
4. Instabilidade	295



5. Superficialidade	296
6. Fragilidade	297

DÉCIMA FAMÍLIA

VIRTUDES DE CORRESPONDÊNCIA

1. Correspondência	301
2. Constância	302
3. Fidelidade	303
4. Perseverança	304

VÍCIOS OPOSTOS

1. Inconstância	307
2. Infidelidade	310
3. Ingratidão	314
4. Surdez	317
5. Indiferença	320

DÉCIMA PRIMEIRA FAMÍLIA

VIRTUDES DE ORDEM

1. Retidão	327
2. Pureza de intenção	327
3. Oportunidade	329
4. Prudência	329
5. Justiça	330
6. Discrição	330
7. Mansidão	331
8. Previsão	331
9. Liberalidade	331

VÍCIOS OPOSTOS

1. Desordem	335
2. Imprecaução	336
3. Imprevisão	337
4. Precipitação	337
5. Imprudência	339
6. Indiscrição	341
7. Exageração	343

DÉCIMA SEGUNDA FAMÍLIA

VIRTUDES PERFEITAS

1. Fé	347
2. Esperança	349



3. Caridade	350
4. Graça	353
5. Santidade	354
6. União	354
7. Presença	355
8. Vontade de Deus	358
9. Perfeição	359

VÍCIOS OPOSTOS

1. Injustiça	365
2. Dureza de juízo	367
3. Desobediência	368
4. Liberdade	370
5. Sensibilidade	372
6. Impenitência final	376

CONCLUSÃO	379
ÍNDICE ALFABÉTICO DAS VIRTUDES	381
ÍNDICE ALFABÉTICO DOS VÍCIOS	383

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Tratado Prático dos Vícios e das Virtudes

Concepción Cabrera de Armida

O presente tratado foi escrito à três mãos (cf Advertências Preliminares): Nosso Senhor quem dita, Conchita que escreve e Pe. Félix que sistematiza conforme a teologia católica de sempre. E esse movimento é que, junto à *causa canonisationis*, que é um fato dogmático, faz perceber a autenticidade dos escritos e a veracidade dos dons místicos de Concepción Cabrera de Armida: em nada colidem entre si essas duas vias a da alma privilegiada e a da autoridade da Igreja, antes, elas se confirmam e se iluminam mutuamente.

Conchita, como era conhecida por todos, foi uma leiga mexicana e mãe de nove filhos. Nasceu em San Luis Potosí em 8 de dezembro de 1862 e morreu na Cidade do México em 3 de março de 1937. Além de esposa, mãe e viúva, fundou as Obras da Cruz, fruto, além dos pedidos de Nosso Senhor, de sua espiritualidade profundamente devotada aos sacerdotes. As obras da Cruz, que constam inclusive de congregações masculina e feminina, tem por fim rezar pelos sacerdotes e auxiliá-los de todas as formas possíveis.

Podemos dizer que esta é a razão mais profunda deste tratado: a santificação dos sacerdotes – mas não sem os leigos, como o próprio testemunho de Conchita deixa claro. E aqui é necessário remontar ao providencial encontro de Conchita com o Padre Félix Rougier (1859-1938). Tão marcante e determinante foi esse encontro que o confessionário onde ele ocorreu encontra-se conservado como relíquia. Dali por diante se fortalecerá uma amizade espiritual entre ele e Conchita, própria das almas chamadas à uma graça particular de santificação.

Padre Félix, um sacerdote que buscava a perfeição, ao encontrar-se



com Conchita tem sua vida ainda mais elevada. E, além da fundação dos Missionários do Espírito Santo, terá o privilégio de organizar os escritos de Conchita, ditados por Nosso Senhor, de modo que fossem instrumento de formação para os noviços da nova congregação. Mas não podemos esquecer que isso é fruto de um encontro entre ambos, uma leiga e um sacerdote, ambos chamados a um alto grau de perfeição. Assim fica claro que o presente tratado, como será possível perceber também na sua leitura, não é destinado apenas aos sacerdotes, mas também aos leigos chamados à perfeição.

Os fundadores, em vista do carisma da paternidade espiritual, não têm outro desejo senão que seus filhos espirituais progridam na perfeição cristã, e essa é a razão dos escritos de Conchita para além do privilégio das graças místicas que ela abundantemente e extraordinariamente recebeu.

Pe. Félix teve a delicadeza de no Prólogo, dirigido aos noviços, elaborar uma excelente síntese sobre as virtudes tratadas por Conchita e dizer que ali estava um programa para o noviciado, programa este banhado no carisma da "ordem" da Cruz. Aliás, muitas das virtudes terão uma união perfeita e fonte no Mistério da Cruz. As virtudes, dirá o sacerdote, são as "riquezas da Cruz". A Cruz desmascara os vícios. É uma trincheira que Satanás jamais traspassa. De modo que relacionar as virtudes ao mistério da Cruz significa dizer que toda virtude tem sempre qualquer coisa de sacrifício, como que a dar-lhe o quilate, e elevá-la ao sobrenatural pela via da Paixão. A Cruz é o fio de ouro que traspassa todo este Tratado das Virtudes.

Aspectos que convém destacar acerca das virtudes e dos vícios

O Tratado não apenas explica o que seja cada virtude, mas a sua raiz e correlação com outras virtudes, mostra ainda suas consequências nesta vida e na outra. As virtudes estão agrupadas em famílias que também são chamadas constelações a fim de se entender melhor o quanto estão relacionadas, por isso, a primeira virtude de cada família, pode ser entendida como um astro em torno ao qual orbitam satélites. Isso mostra que uma virtude nunca está ou se desenvolve sozinha. Algumas inclusive se entrelaçam tão fortemente que só podem ser distinguidas por um ou outro detalhe.

O mesmo é possível constatar a respeito dos vícios, cujas famílias ou



constelações antagônicas são postas após a descrição das respectivas virtudes; suas raízes, desenvolvimento e consequências, a que virtudes se opõem bem como o remédio para saná-los. Conchita não se detém às consequências dos vícios nesta vida, que já são terríveis, mas anuncia as consequências na outra vida. Cito apenas como exemplo o castigo denominado “especial” para um vício tão comum nos dias atuais que é o respeito humano. Disse Nosso Senhor:

“Tenho um castigo especial para o respeito humano. Satanás lança num fogo voraz as almas que no mundo arrebatou dos Meus braços, fazendo com que, afastando-as do Meu Coração, se envergonhassem de Mim, começando pelo respeito humano até chegarem ao ódio e à malícia extrema contra Mim (p. 95).

A precisão de Conchita, como não seria menos, é cirúrgica em relação ao modo como se manifestam as virtudes e vícios, no modo como se relacionam e ao ponto que podem chegar. Há virtudes (assim como vícios) ligados distintamente à alma e ao corpo como é o caso das virtudes da pobreza e da mortificação, elas encontram ressonância interior e exterior.

Há virtudes mais refinadas, são as que ela denomina espirituais. O termo “espiritual” é utilizado ao lado de uma virtude ou vício para fazer notar uma sua sutileza ou cristalização, sendo que no caso da virtude “espiritual”, será sempre mais enraizada e elevada, e já referente ao vício “espiritual”, apesar de também, ao seu modo, enraizado, será sutil e dissimulado, aninhado e escondido.

Aos vícios, portanto, ela desmascara todas as artimanhas possíveis de sua introdução numa alma começando da psicologia diabólica: Satanás, diz ela, colore os vícios “menores” ou mais discretos para levar a outros maiores e escandalosos. Conchita descreve várias vezes o ciclo vicioso que se forma entre o vício, o corpo e a alma. E mesmo agindo nas potências inferiores da alma, o Diabo visa, através do vício, o espiritual, não só por ser ele uma criatura espiritual, mas porque é o que mais glória a Deus dá, quando está devidamente ordenado a Ele. Por isso o vício é um grande engano de si mesmo em relação à realidade e a Deus.

Perigosíssimos, alguns vícios chegam até mesmo a formar o que ela chama de “segunda natureza”, isto é, infectam todas as operações como se lhes fossem conaturais. Por isso há vícios que precisam do auxílio da graça não só para serem desaninhados e vencidos, mas inclusive, descobertos; há vícios que perdurarão até o fim, como a vaidade que perseguirá o homem “até o túmulo”



(p. 102). Em ambos os casos, requer-se auxílio especial da graça para vencer ou combater até o fim. Serão justamente as virtudes descritas por Nosso Senhor a pôr luz e contrastar toda psicologia maliciosa por detrás dos vícios, e colocar à disposição do homem chamado à perfeição um arsenal de graças seja para a vitória que para o combate até o fim.

É impressionante notar a ordem pedagógica com a qual as famílias de virtudes e de vícios aparecem dispostas. Primeiro as de sacrifício, como que a dizer que não há virtude sem sacrifício assim como a destruição dos vícios exige sacrifício. Já as de humildade vão encontrar seu brilho no Mistério da Encarnação, com o qual, apesar do chamamento à Cruz, Conchita teve uma estreita relação. E o que é a Encarnação senão o caminho da Cruz! É a Encarnação que dá o quilate da família da humildade, cujas virtudes que são divinizadas ao unirem-se no Coração do Verbo Encarnado. Nessas virtudes o sobrenatural chega a parecer natural quando trata-se de um grau eminente e sublime de virtude. E assim sucessivamente para cada família como que a construir um edifício sólido e robusto para as virtudes e podar ou cortar pela raiz os vícios.

O impacto da leitura deste Tratado na vida

Ao elevar seus filhos a honra dos altares a Igreja está dizendo que não são mais patrimônio particular desta ou daquela família, apesar de serem a sua herança, mas passam a ser uma riqueza a qual podem e devem ter acesso todos os fiéis. Assim sendo o Tratado das Virtudes torna-se um tesouro inestimável a todos os que dele quiserem se enriquecer na batalha contra os vícios e no desenvolvimento das virtudes. Por isso gostaria de dizer algumas coisas importantes dado belíssimo trabalho da editora Katechesis ao colocar em todas as mãos possíveis uma obra como esta:

1. Trata-se de uma leitura indispensável aos que se sentem chamados à perfeição cristã. Conchita escreve para quem deseja estreita vida de perfeição e se lançar em tal progresso, não obstante a marca da Cruz, isto é, dos sacrifícios e dificuldades. A leitura deste Tratado é, portanto, um chamado de Deus, um dom da graça. E o leitor esteja preparado para uma verdadeira "tomografia"



do seu estado de alma e da vida passada assim como para um verdadeiro derramamento de luzes para a vida futura.

2. Este Tratado é uma abundante despesa para a meditação quotidiana. O número 12 no qual se agrupam as famílias de virtudes é ainda mais sugestivo, dado que pode se estabelecer a leitura, a meditação e o estudo de cada família para cada mês do ano. O que é facilitado pelos quadros das famílias de virtudes e vícios conforme cada capítulo. Da meditação, Conchita escreve ser: o para raio do pecado, princípio para ordenar a vida e defesa dos ataques do Inimigo. E unida à oração, a meditação se torna uma torrente de bênçãos, pois quem não para de rezar não para de receber graças. Eis o caminho da contemplação mística

3. Um instrumento formidável para a educação para as virtudes. Sacerdotes, religiosos e leigos, casados ou celibatários, educadores (pais, catequistas, professores) tem ao seu dispor um formidável arsenal para educar-se nas virtudes e educar a outros nesse caminho tão indispensável e para o qual fomos criados, pois o fim mais excelente da educação da vontade é a sua identificação com a vontade divina.

4. Um excelente exame de consciência. O progresso nas virtudes não está apenas em amar o bem, mas em odiar ao mal. A virtude precisa ser conhecida para ser amada, assim como o vício precisa ser manifesto na sua malícia para ser odiado e combatido. Ora, uma leitura atenta e meditativa deste Tratado, além de dar um conhecimento das virtudes e dos vícios, pode tornar-se num minucioso exame de consciência seja para auxiliar no Sacramento da Reconciliação, seja para a direção espiritual. E, como não poderia deixar de ser, também servirá para a análise das graças de Deus, pois já o fato de sentir-se chamado a uma vida mais perfeita não pode ser outra coisa senão um manancial de graças dispostas por Deus a fim de ajudar a alma que assim deseja. Este tratado será uma "tomografia" da alma ao que dele souber dispor.

5. Um instrumento que não pode prescindir da graça. A graça tem papel primordial no progresso das virtudes e no quebrantamento dos vícios. Por isso, à medida que a leitura avança é muito importante que ela se transforme em oração, vida sacramental e propósitos.

Por fim, mas não menos importante, e sim como um coroamento, o leitor notará que a Santíssima Virgem estará presente tanto nas virtudes mais simples quanto nas mais elevadas. Isto significa que Ela está no começo e no fim, isto



é, com os iniciantes e os avançados. Ambas as categorias de almas precisam dEla, porque Nossa Senhora não só possui todas as virtudes em elevadíssimo grau, mas as tem para distribuí-las e ornar seus devotos. E Nossa Senhora as quer distribuir. Mas é necessário pedir!

Certamente as disposições de alma que forem surgindo durante a leitura deste Tratado e que forem sendo transformadas em pedidos à Virgem Santíssima, e falo com toda segurança: as letras desse Tratado, das folhas de papel serão impressas nas almas que assim o fizerem: lendo e rezando, rezando e lendo. E foi justamente para esse fim que Nosso Senhor ditou, a Beata Conchita escreveu e o Venerável Pe. Félix organizou este belíssimo Tratado. E que agora a Editora Katechesis, por sua vez, faz chegar até o leitor de língua portuguesa.

Deus abençoe sua leitura e o faça progredir nas virtudes cada vez mais!

Pe. Alexandre L. Alessio, CR

Março de 2021.

PRÓLOGO

Aos Noviços Missionários do Espírito Santo

"Aprende onde se acha a virtude" (Baruc 3,14)

Filhos meus, muito amados em Jesus:

Na questão 55 da primeira parte da segunda seção da Suma, São Tomás nos apresenta um duplo tratado em que considera, de forma geral, virtudes e vícios.

Nas questões 55-60, o Santo Doutor trata da essência das virtudes, de suas divisões, causas, conexões e igualdade. Depois, nas questões 61-89, estuda os vícios em sua natureza, diferenciando-os, comparando-os e detendo-se em suas causas.

Até a questão 122, o Santo Doutor segue seu importantíssimo estudo de cada virtude particular e, com ciência profunda e gênio incomparável, trata da ciência das virtudes, tarefa árdua do ponto de vista teológico.

Este Tratado sobre as virtudes e os vícios, que estudareis durante vosso noviciado, tem um caráter bem diferente. É, direta e essencialmente, voltado para a prática. Todos os seus preciosos ensinamentos são integralmente impregnados pelo espírito da Cruz. Isso não é de se estranhar, pois este trabalho foi extraído, palavra por palavra, daquilo que, em minhas conferências, chamo de "manuscritos da fundação".

O Tratado sobre virtudes e vícios brota do papel sem uma ordem prévia, fruto de muita paciência, amor e interesse, para o benefício dos noviços das Congregações.

Observando a semelhança de algumas virtudes, foi possível dividi-las em doze famílias, sem que esse número tivesse sido escolhido previamente. Vêm-nos à mente estas palavras do Apocalipse:



*"No meio de sua praça e às duas margens do rio,
achava-se uma árvore da vida, que produz doze frutos,
dando cada mês um fruto, servindo as folhas da árvore
para curar as nações" (Apocalipse 22, 2).*

Depois das virtudes, fixamo-nos nos vícios correspondentes. A esses também foi possível dividir em doze famílias.

Assim, ficou pronto o Tratado que apresento-vos agora. Explicarei, prática e cuidadosamente, a cada mês do vosso noviciado, uma das doze famílias de virtudes e de seus vícios contrários.

Quanto à ordem que escolhemos para trabalharmos as diferentes virtudes, pensamos começar pelas Virtudes Gerais (cfr. São Francisco de Sales, Introdução à Vida Devota, 3ª parte, cap. I), isto é, pelas que são de uso mais frequente e cuja influência tem mais efeito no conjunto do comportamento humano. Pareceu-nos evidente que devêssemos começar pelas virtudes que ocupam um lugar mais proeminente no dia a dia. São as mais práticas. Portanto as mais importantes e essenciais.

É mais natural e lógico começar com as virtudes do sacrifício, de nuance especial.

Vós estais aqui para "arrancar vícios e plantar virtudes" [N.E.: expressão usada pela Beata Conchita]. Para que aproveiteis melhor este estudo, parece-me necessário recordar brevemente alguns dados teológicos sobre as virtudes e os vícios. Procurarei ser claro. Em primeiro lugar, veremos o que é uma virtude, o que se entende por ato de virtude e como se cultivam as virtudes.

Nos livros de moral e de espiritualidade, o termo *virtus* pode ter três significados:

Pode significar a prática do bem em geral: o homem pratica a virtude quando realiza o bem sob todas as formas.

Pode significar a prática de um bem particular, e nesse sentido inteiramente objetivo se distinguem várias virtudes diferentes, como é o caso da virtude da fé, da esperança e da caridade, entre outras.

Por fim, em um sentido totalmente subjetivo, pode significar aquela força pessoal com que fazemos o bem.

Essa última acepção da palavra 'virtude' corresponde à sua etimologia. Virtude provém da palavra latina *virtus*, que significa 'força'.



De fato, toda virtude é uma força, mas nem toda força é uma virtude. Costuma-se aplicar o termo 'virtude' apenas àquelas forças espirituais permanentes que tornam o homem capaz de realizar o bem. Digo 'forças espirituais', porque a virtude torna fortes não os corpos, mas as almas. A virtude é uma força moral. Digo 'permanentes', porque essas forças não se consomem nos atos que realizam e mantêm a capacidade de produzir novos atos. A isso, em filosofia, dá-se o nome de hábito (cfr. Ami du Clergé, 1920, p. 33). Por fim, digo forças que 'tornam o homem capaz de realizar o bem', pois esse é o objeto da virtude, que é o oposto do vício. Virtude e vício são dois hábitos contrários, um oposto ao outro, um inimigo do outro.

O padre Thomás Pegues, O. P., em seu último e admirável Comentário à Suma de São Tomás (Tomo VII, p. 2), diz que, entre todas as distinções que podemos fazer dos hábitos, a mais essencial é a que diferencia em hábitos bons e hábitos maus.

Hábito é, essencialmente, uma disposição para aquilo que convém ou que não convém. Toda disposição ao que convém, é boa; toda disposição ao que não convém, é má. Disso segue que, ao estudar os hábitos segundo suas duas espécies, a espécie dos hábitos bons e a dos hábitos maus, este Tratado deverá conter duas grandes divisões: os hábitos bons que movem o homem virtuoso e os hábitos maus que movem o homem corrupto.

São Tomás trata primeiro das virtudes (2a., 2ae. Q. 55 a 67) e, em seguida, dos vícios (ibid., q. q. sq.). Este Tratado coteja, frente a frente, virtudes e vícios, dando ênfase à sua contraposição.

O Espírito Santo recomenda que "aprendamos onde está a virtude", a saber, em que ela consiste, de onde vem, como se põe em prática e que vantagens oferece.

Há dois tipos de virtudes; as naturais e as sobrenaturais.

As virtudes naturais são virtudes puramente humanas. Às vezes, o homem as recebe ao nascer. Mais frequentemente, adquire-as graças a seus próprios esforços. Por isso, os teólogos as designam com o nome de virtudes adquiridas. Essas virtudes são reguladas pela razão.

As virtudes sobrenaturais pertencem à ordem da graça. Ninguém as possui ao nascer. Tampouco são adquiridas pelo esforço. Provêm diretamente de Deus. Por isso, são chamadas de virtudes infusas. Santo Agostinho diz que "a virtude é uma obra de Deus em nós. Virtus est bona qualitas quam Deus



in nobis operantur" (Lib. II De lib. Arbítrio).

A graça santificante nos une a Deus, associa-nos à sua vida, faz com que Deus viva em nós: "Se alguém me ama, meu Pai o amará, viremos a ele, e nele faremos morada".

Todo ser vivo possui um organismo, isto é, um conjunto de órgãos ou de faculdades com que se manifesta e produz atos para fora de si mesmo. As virtudes sobrenaturais são os órgãos ou faculdades ativas próprias da vida divina e humana, que recebemos pela graça. Constituem o modo, a forma, pela qual Deus nos comunica sua força.

As obras nas quais empregamos as virtudes sobrenaturais são como o indicativo da vida divina em nós. São atos divinos e humanos que possuem um valor tão grande que só Deus pode ser sua recompensa.

Graças a essas considerações, compreendemos melhor como as virtudes sobrenaturais, em razão de seu caráter, origem e poder, elevam-se muito acima das virtudes naturais.

Existe uma correspondência entre virtudes naturais e sobrenaturais. Dito de outro modo: toda virtude sobrenatural corresponde a uma virtude natural, à qual pressupõe, completa e transforma. Também representa uma energia divina que trabalha em simbiose com uma energia humana. As duas virtudes correspondentes, a humana e a divina, têm o mesmo nome. Assim, existem duas humildades, duas prudências, duas temperanças: as de cima e as de baixo. Disso resulta que podemos praticar e, frequentemente, de fato praticamos, ao mesmo tempo, as duas virtudes correspondentes.

A graça santificante é um princípio de vida. As virtudes sobrenaturais são como que o organismo desse princípio de vida. Estão intimamente unidas à graça santificante e não podem separar-se dela. Ao recebermos a graça santificante, recebemos também as virtudes sobrenaturais. Enquanto estamos com a graça santificante, conservamos essas virtudes. Ao pecarmos gravemente, perdemos a graça santificante e, conseqüentemente, as virtudes sobrenaturais. A fé e esperança são as únicas que podem permanecer na alma sem a vida da graça. A alma em pecado mortal, porém, ao cair na incredulidade e no desespero, perderá também as virtudes da fé e da esperança.

Deus pode devolver aos pecadores as virtudes perdidas, e de fato as devolve, junto com a graça santificante, quando recebem Seu perdão.

Note-se que as virtudes naturais, à diferença das sobrenaturais, não mor-



rem por causa do pecado. Todo ato mau, obviamente, enfraquece-as, assim como todo ato bom as fortalece. Entretanto o pecado não chega a destruí-las.

As virtudes sobrenaturais crescem ao crescer a união com Deus. Tudo o que pode estreitar essa união (a oração, a comunhão) concorre para o aumento das virtudes. Contudo, o caminho mais eficaz e prático de crescer nas virtudes consiste no exercício efetivo e habitual das que se quer adquirir em toda a sua plenitude. Quanto mais as praticarmos, tanto mais as fortaleceremos.

As forças naturais são bem distintas das forças sobrenaturais. As primeiras se gastam pelo muito uso; as segundas se fortalecem pela prática. As virtudes naturais se consomem; as virtudes sobrenaturais nunca se esgotam.

Depois de ter dado uma ideia resumida do que seja a virtude, diremos, brevemente, a seguir, o que seja o ato virtuoso.

Chama-se ato de virtude ou virtuoso o ato que põe em prática a virtude.

A iniciativa de um ato de virtude natural vem da razão. A razão concebe as motivações do ato, as propõe ao espírito, e assim desperta as exigências da consciência e determina as resoluções da vontade. As motivações dessa espécie de ato são sempre naturais. Por isso, o homem pode descobri-las pela luz da razão.

A iniciativa de um ato de virtude sobrenatural vem de Deus e não de nós. Deus nos dá a ideia do ato de virtude por meio das suas inspirações e toma parte na realização do ato por meio do que chamamos de graça atual. Essa inspiração e participação divina sempre orientam o ato virtuoso a um fim sobrenatural.

Em razão dos deveres de estado, dos afazeres do dia a dia, das penas da vida, das relações com o próximo, das tentações e, sobretudo, da ação do Espírito Santo na alma, nunca faltam oportunidades para o exercício dos atos virtuosos. Isso deve nos alegrar, porque dos atos virtuosos surge o merecimento, que é o direito a uma recompensa. O trabalho do operário merece um salário. Os êxitos do estudante merecem louvores. Da mesma maneira, todo ato virtuoso sobrenatural também merece uma recompensa. Esse direito provém das promessas de Deus e da excelência do ato virtuoso em si mesmo. O ato virtuoso sobrenatural é um ato de ordem divina que, por isso mesmo, possui um valor divino.

O merecimento de um ato virtuoso pode variar. Seu valor pode ser aumentado pelas circunstâncias nas quais é exercido. Entre as circunstâncias que



podem aumentar seu valor, temos: as dificuldades que é necessário vencer para praticá-lo, o grau mais ou menos elevado da graça de quem pratica o ato virtuoso, a estatura do amor devotado a Deus, a excelência das intenções da pessoa virtuosa.

Se me perguntassem o que se deve fazer para que um ato de virtude seja sobrenatural e tenha, por isso, mérito, lhes responderia que depende da intenção ou vontade de exercer o ato virtuoso. Essa intenção pode ser explícita, quando alguém se propõe, formalmente, a exercer tal ou qual virtude sobrenatural. É implícita, quando, sem haver uma intenção expressa, o ato virtuoso sobrenatural é exercido com a devida advertência, como o ato religioso; ou quando oferecem-se a Deus atos não religiosos, como o trabalho, os sofrimentos etc.

É importante adquirir muitos méritos pela prática das virtudes sobrenaturais. O mérito é a moeda com a qual se compra os favores e as recompensas divinas. Torna fecunda a existência e faz com que produza frutos abundantes. Nos propicia crédito diante de Deus. Faz jus às suas graças e à glória do céu. Poderíamos dizer que sem mérito não há salvação.

Conforme o convite da Sagrada Escritura, expliquei-vos aqui, filhos queridos, “onde está a virtude” e as vantagens proporcionadas pelo ato virtuoso, para inspirar-vos o mais vivo desejo de estudá-las e o propósito de adquiri-las mais facilmente. Diz o Espírito Santo que, quando alguém sabe onde está a virtude, sabe “onde se encontram a vida longa e a felicidade, o fulgor dos olhos e a paz” (Baruc 3,14).

Para ficar mais claro e ajudar a memória a rever mais facilmente o conjunto de cada família, fiz um quadro sinótico de cada família que encabeça o texto. Prestai muita atenção às notas que acompanham o primeiro quadro (Virtudes de Sacrifício), necessárias para sua compreensão, e dos demais quadros.

Sobre os vícios, aqui, tenho pouco a dizer. A seu tempo terei ocasião de tratar amplamente de cada um deles. Talvez, mais do que no estudo das virtudes, tereis modo de conhecer-vos profundamente no estudo dos vícios. Há em cada parágrafo uma psicologia profunda, um conhecimento completo do pobre coração humano, de suas misérias, debilidades e imensurável malícia.

Meus filhos amados, do estudo dos vícios advêm-nos uma forte repulsa a tudo o que é mau, uma grande desconfiança das nossas forças, um maior discernimento para defender-nos e desvendarmos as tentações do demônio.



Pelo estudo das belas virtudes celestiais, reflexos vivíssimos da santíssima humanidade de Jesus, lograreis as mais firmes resoluções de obter esses bons hábitos tão preciosos. Praticando as virtudes sólidas, como a obediência, a caridade, a humildade e o sacrifício, encontrareis o verdadeiro caminho da perfeição e da santidade.

Filhos amados, nunca percais de vista a obtenção da preciosa "atenção amorosa em Deus" da qual mil vezes vos falei, e que é a própria vida contemplativa. Ela vos ajudará na prática das virtudes mais elevadas, unindo vossas vidas a Jesus e Maria, pela santíssima vontade do Pai e a ação do Espírito Santo, o amado de vossas almas.

No estudo paralelo das virtudes e da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual vos aplicais diariamente, por dois anos, vereis como, em nosso modelo amabilíssimo, encontram-se as virtudes em seu grau mais perfeito.

Por intermédio desse estudo, unireis, assim, em vosso coração, a teoria e a prática, o aprendizado técnico e o exemplo mais perfeito, e vos conformareis à imagem do perfeito missionário do Espírito Santo.

Cada um, pelos inúmeros motivos que já lhe foram explicados, sabe o valor de entrar na intimidade com Jesus, a fim de que o Divino Rei viva, reine e derrame suas graças no coração de seus filhos prediletos.

Vosso pai, que, verdadeiramente, vos quer santos e suplica a Jesus, por intermédio do dolorosíssimo Coração de Maria, que vos torne santos segundo a Sua vontade.

Noviciado do Espírito Santo e do Coração de Maria.

Tlálpan, sexta-feira 18 de março de 1921.

Festa das Dores da Santíssima Virgem Maria.

FÉLIX DE JESÚS ROUGIER,

Presbítero.

Mestre de noviços.

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS VIRTUDES

Verdadeiramente, o Senhor é admirável em suas obras. Na região infinita do espírito, não existem palavras para expressar seu poder, sabedoria, ternura e amor! (CC 13,5)¹

Há uma perfeita união entre todas as virtudes, cujas conexões, como numa corrente, se unem sem ruptura até alcançar o céu.

Bendito mil vezes o Senhor, que, em tudo e aqui, de maneira particular, comunica-se por meio do sopro divino do seu Santo Espírito! (CC 13,5)

É tão formoso o campo das virtudes! Contemplamo-las em suas luzes deslumbrantes, em seus múltiplos matizes, a ponto de a alma encantar-se maravilhada, louvando a Deus, que vive entre elas e desfruta de seus distintos aromas!

Ninguém pense que isso seja ilusão ou devaneio. Pelo contrário, é uma realidade encantadora, que, ao ser tocada, abrasa o peito com o fogo santo do divino amor. (CC 13,4)

Ali, sim, há paz, ordem, tranquilidade e segurança! Fica-se tão longe do ruído e agitação do mundo e das criaturas! Tão recôndita é essa morada onde vive o Espírito Santo, que a alma não a encontraria, se Ele mesmo não a introduzisse nesse lugar! (CC 13,8)

O campo das virtudes é regado com o Sangue de Jesus, por isso é tão fecundo e suas flores e frutos imortais. A sombra da Cruz o protege, tão fértil e cheio de graça.

Nesse divino campo, o Espírito Santo cultiva a simplicidade, a inocência, o sacrifício, o recolhimento, a humildade, a obediência, a mortificação, a constância, a compunção e outras mil preciosas virtudes.

¹ Beata María Concepción Cabrera de Armida (Conchita), Diário espiritual de uma mãe de família, São Paulo, Katechesis, 2020. A sigla CC refere-se ao título original dado por Conchita a seu Diário, Cuentas de Consciencia. (NdT)

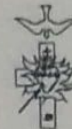


O Espírito Santo as produz e as alimenta. Fá-las crescer, desenvolver e frutificar. Colhem-se aqui os frutos da caridade, do gozo espiritual, da paz e da paciência. Aqui, é o lugar que agracia as almas com seus dons preciosos. Aqui, são conhecidas as riquezas da Cruz, os tesouros da paixão, o inestimável valor do sacrifício oculto e desinteressado. Nessa região onde habita o Espírito Santo, a alma, escondida e pura, escuta seus gemidos delicados, sua dulcíssima voz. É esse o lugar onde se deleitam Jesus e a alma: no harmonioso conjunto de todas as virtudes, onde reina o silêncio interior imperturbável, a paz da alma esvaziada de todo o próprio querer, que já não pensa nem pode pensar outra coisa a não ser o amar e o sacrificar-se pelo Amado. Aqui, vive, penetrante e profunda, a presença de Deus em altíssimo grau. Respiram-se a modéstia, a solidão, o recolhimento, que, em sua intimidade, paz e formosura, recebem abrigo, alento e vida do Espírito Santo.

Nessa tranquila quietude do divino campo das virtudes, a alma, esvaziada de tudo o que não é Deus, inclina-se e une-se intimamente a Ele. O divino Espírito deixa-se sentir, escutar e tocar pelo contato puríssimo com as almas cândidas e virgens. Nesse profundo silêncio da alma pura, arrebatam-se e enlevam-se os divinos amores. Aqui é o santuário da comunicação divina, do mais alto cume da união com Deus. Aqui, a alma, por meio da santificação do amor, somente respira e aspira a Deus!

Nessas alturas, o Espírito Santo – ó incomparável bondade! – unindo-se e estreitando-se à alma pura, enfeitada de todas as virtudes, faz com que esta não pense, nem ouça, nem sinta, nem fale senão do Amado, com o Amado, pelo Amado e no Amado... não podendo ter mais movimento ou vontade a não ser o movimento e a vontade do Amado! Aqui, a alma, absorvida pelo Espírito Santo, começa a ver, diante de sua atônita mirada, outra infinita região de admiráveis segredos, guardados na Cruz. Cai, diante dela, o véu dos sagrados mistérios. Pasma, contempla, na intimidade do amor, a essência divina, a geração eterna, a felicidade de Deus, a própria comunicação do amor! Seu entendimento se enche de luz; sua memória fica suspensa. Sua vontade... Oh! Sua vontade já não lhe pertence, separa-se, aliena-se, confunde-se dentro daquele eterno fogo de caridade, onipotência e bondade!

Terminam aqui os divinos favores, que alcançamos percorrendo o caminho das virtudes? Oh, não! Pois Deus é infinito e reserva-nos sempre novos e inesgotáveis tesouros. O Espírito Santo introduz a alma pura, padecente,



adornada de toda virtude e cheia de graça, a moradas mais íntimas, verdadeiras antessalas do céu. Ali, através de um tênue véu, a alma parece contemplar o próprio Deus, seu calor, seu olhar, e compreender a verdadeira vida! Ali, a própria Divindade acalenta a alma com seu eterno esplendor. Ali, com maior perfeição se crê, espera e ama, embora afinal, dessas três virtudes teologais, só permaneça absorvendo as demais a caridade amorosa! Ama, ama, a alma, e nada mais sabe fazer a não ser amar; amar e desejar ardentemente, mergulhada num abismo de amor... nada mais que amar, e mais amar, sem cansar-se, nem faltar-se... todavia saciando-se com o fervoroso ardor da união... da atração... da semelhança com seu Deus e seu tudo...

Até ali, as sublimes virtudes conduzem as almas profundamente humildes, imoladas, puras, desinteressadas, modestas e obedientes.

Entre as virtudes, umas arrastam a alma em direção a Deus; outras O atraem até a alma pura. Algumas têm duas faces ou aplicações opostas, como a condescendência santa e a culposa.

Dividem-se em grupos, famílias ou matizes, mas o amor, a pureza e o sacrifício representam a substância e os matizes divinos de todas. A pureza levanta-se majestosa entre todas as suas companheiras, como lírio puríssimo, açucena divina. Com sua fragrância especial, impregna, feito bálsamo, todas as demais. (CC 13,5)

A dor da Cruz, essa riqueza desconhecida, também impregna todas as virtudes, conferindo-lhes valor e vida sobrenatural. Sem a Cruz, não há de existir virtude alguma: substância divina de todas as virtudes; substrato de toda santa alma; escada rumo ao céu; laço de indissolúvel união entre Deus e a alma pura. Fez-nos felizes Jesus pela dor, mas por uma dor inocente, pela dor na pureza virginal, pela dor santa e imaculada, que todos havemos de imitar pela constante prática das virtudes.

E o amor? Com esse amor que abraça o imenso campo das virtudes, dando-lhes o ser e a vida, inflama-se o peito divino de Jesus, que, louco de amor, opera prodígios de humilhação e sacrifício em favor do homem! Sua alma puríssima é a gema do amor imolado. É o amor antídoto de todo pecado, vício, paixão desordenada.

A alma que ama transfunde-se em todas as virtudes e as possui, nelas compenetrada. A alma que ama aniquila-se, humilha-se, oculta-se, morre, para viver em Deus e para Deus. A prática constante das virtudes leva a esse



cume de perfeição, à identificação com a vontade divina, que é o escopo deste Tratado: a glória de Deus e a salvação das almas. (CC 13,8 ss.)

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS VÍCIOS

Mundo, Demônio e Carne

O mundo é um dos maiores inimigos da alma. Arrasta-a a muitos e muito grandes vícios. O mundo, o demônio e a carne controlam todos os vícios, tentações e pecados que Me ofendem.

Sendo o chefe dos inimigos de Deus, Satanás mantém a alma humana dividida, partilhando o seu domínio com o mundo e a carne. O demônio, cheio de ódio e malícia, impele as almas para a região da carne e da impureza, por meio de ardis, ciladas, emboscadas. Por sua vez, a carne lança suas redes e seus laços a seduzir as almas, presas pelo demônio e pelo mundo.

Trata-se de inimigos poderosíssimos, que atuam contra Mim e contra o campo divino das virtudes.

Suas armas são conhecidas. Cada um as tem bem afiadas, cheias de segredos mil e traiçoeiras. Disparam contra as almas tiros certos, por vezes sem alarde, com enganos atrativos.

Desvendarei, aqui, as abomináveis astúcias de Satanás contra o mundo espiritual, tão lastimosamente enganado de muitas graves maneiras.

Para matar as almas ou ao menos dividi-las, entretê-las ou desviá-las da graça, retirando-lhes a perfeição, e a Mim a glória, o mundo inspira os seguintes vícios: sensualidade, dissipação, escândalo, leviandade, ócio, comodidade, delicadeza, calúnia, murmuração, difamação, respeito humano, vaidade, fragilidade, fraqueza, debilidade, condescendência, adulação, exagero, curiosidade, precipitação, imprudência, frivolidade, imprevisão, sensibilidade, susceptibilidade, inconstância, instabilidade, infidelidade, indiscrição, veleidade, injustiça.

O demônio controla diretamente estes vícios: soberba, inveja, astúcia, escrúpulos, turbamento, perturbação, inquietude, dúvida, hesitação, indecisão, hipocrisia, egoísmo, mentira, duplicidade, falsidade, baixeza, lentidão, ocio-



sidade, cansaço, ira, cólera, vingança, rancor, ódio, traição, perfídia, orgulho, amor-próprio, pretensão, presunção, ostentação, altivez, afetação, covardia, subterfúgio, vileza, ocultação, premeditação, burla, sarcasmo, fingimento, ingratitude, falta de mortificação, impaciência, acrimônia, dureza, ruindade, desobediência, fraude.

A carne controla estes outros vícios: luxúria, impureza, malícia, volúpia, imodéstia, licenciosidade e suas consequências, obstinação, confusão, insensibilidade, insensatez, dúvida, ilusão, engano, frieza, tibieza, indiferença, desânimo, impenitência.

O vício da desordem abarca a todos os demais, porque habita no coração de Satanás, autor de todos os vícios.

Apesar dessa subdivisão, cada inimigo capital, a saber, o mundo, o demônio e a carne, não se limita a cuidar somente do seu reduto. Pelo contrário, os três, unida e separadamente, trabalham com o mesmo fim de perder as almas e roubar a Minha glória. Conhecem os efeitos que cada vício causa no coração. Sabem quantas almas arrasta consigo o mundo, por meio dos vícios de sua predileção. O mundo lança, em seu campo, redes chamativas multiformes com que cativa as almas desavisadas, as quais seduz e envenena, tornando-as suas.

O demônio e a carne, embora de distintas maneiras, agem juntos para um mesmo pérfido fim, que já expliquei e que as almas hão de conhecer para o próprio bem.

Felizes os corações que se preservam de tais males e que, abandonando os vícios, adentram no belo campo das virtudes, à sombra do sacrifício e da dor, isto é, da preciosa Cruz, que esconde em seu íntimo a doçura e as maiores delícias que pode desejar o coração humano. (CC 15,199-206)

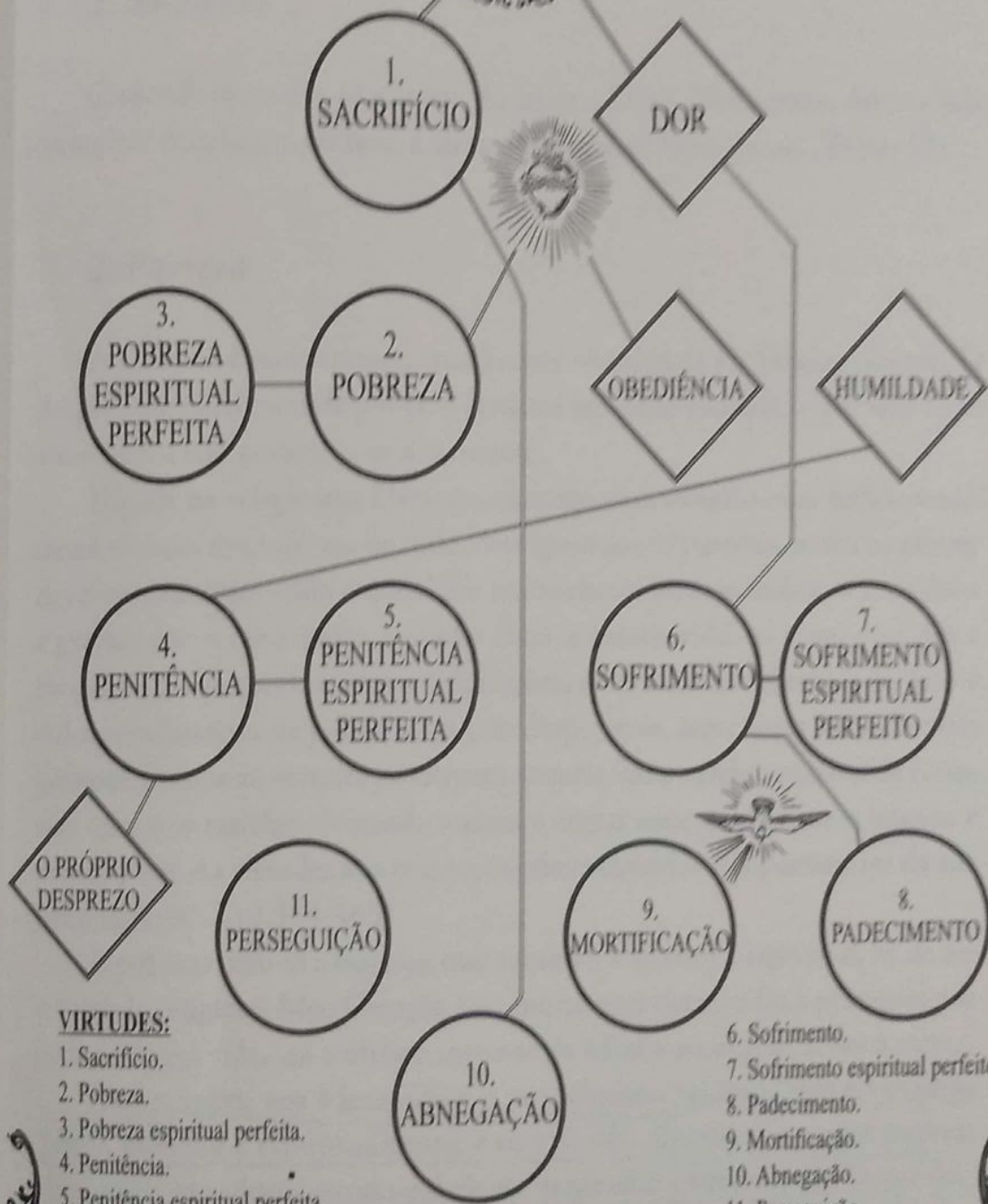
PRIMEIRA FAMÍLIA DE VIRTUDES

VIRTUDES DE SACRIFÍCIO

“AMOR E DOR”



“Ame o Espírito Santo
e faça-o amar.”
“Sacrificar, sacrificar!”



PRIMEIRA FAMÍLIA DE VIRTUDES VIRTUDES DE SACRIFÍCIO

1. *Sacrifício*

O sacrifício e a dor só nascem do amor a Deus. Nele vivem, dentro dele crescem e frutificam, enchem a alma de inúmeros bens. (n. m., Tomo 12)

2. *Pobreza*

A pobreza é muito semelhante à santa obediência e à bela humildade. O desprendimento total da pobreza consiste em nada possuir, o que tem tudo a ver com o não pertencer-se a si mesmo.

Digam os religiosos: Dou-me, entrego-me, esvazio-me, nulifico-me, devolvo tudo, despojo-me de tudo, entrego todas as pessoas, todos os afetos; devolvo ao Senhor tudo o que d'Ele tenho recebido, com todos os seus dons e graças; dou o meu corpo, a minha alma, a minha vida, os meus sentidos e forças, os meus sentimentos e palpitações, e até a minha eternidade. Isso é o desprendimento da pobreza, que, ao despojar-se, sente mais fome de mais pobreza. Porque as virtudes participam daquela fome e sede insaciável de Deus, que nunca se satisfaz, deixando a alma a anelar constantemente o imenso e eterno Bem. As virtudes são emanções do mesmo Deus e participam da sua infinitude. (CC 12,364-365)

A pobreza, não só a exterior, mas também a interior e espiritual, há de ser a veste do religioso. Meu Coração ama muito essa virtude: Eu a pratiquei por toda a Minha vida, até o último instante da Minha passagem sobre a terra.

Muito pobre, aos Meus olhos, é um religioso vaidoso, mas o religioso pobre, material e espiritualmente, é rico no céu. Quero-vos muito pobres: desprezai todo adorno e comodidade até desdenhar a vós mesmos. Desnudai-vos de todo odor mundano e revesti-vos só de Jesus. A cada dia, encontrareis



mais riquezas e encantos na pobreza.

Vesti-vos com muita modéstia. Sejam as vossas joias as mesmas que Me adornaram. Em Minha morte, para o Meu corpo, sobraram apenas o lenho da Cruz, o ferro dos cravos e pontudos espinhos. Estudai-Me, e sede Meu retrato fiel no desprendimento perfeito de tudo o que existe, na terra e no céu, em Deus e por Deus. (CC 6,158-159)

Pobreza e obediência têm cor e aroma bem parecidos. Esse aroma perfuma tudo quanto toca e dá valor aos atos da criatura até onde só eu sei. Essas virtudes exalam bálsamos divinos, brotam do Meu Coração e são Minhas amadas. (CC 13,11) A pobreza é uma rainha coberta de farrapos, tem aspecto desagradável, mas, ao ser abraçada, seu aroma torna-se delicioso. Com ela desfruta-se de uma paz e felicidade desconhecidas ao mundo.

O Senhor enche as mãos que estão vazias. Agrada-Lhe dar àquele que nada tem e reconhece que tudo o que tem é d'Ele, e a Ele o devolve. Esse receber e devolver faz crescer o tesouro que o Senhor derrama na alma do pobre. E o Senhor regozija-se nesse comércio santo, em que, ao receber mais, mais devolve. Porém ai da alma que se agarra a essas graças como sendo próprias!

Eu levo comigo Meus tesouros. E quem Me tem, tem-Me a Mim todo. Porém não em si, mas em Mim mesmo.

A alma unida a Deus é rica das riquezas de Deus. Porém totalmente vazia ou pobre em si mesma. Isso quer dizer que tudo tem sem tê-lo, permanecendo em sua pobreza ainda que esteja adornada de pérolas. Por aqui se vê a necessidade de um radical despojamento de si mesmo para quem queira empreender com fruto uma vida espiritual perfeita. (CC 11,122-124)

3. Pobreza espiritual perfeita

Na primeira bem-aventurança, Eu louvo a pobreza espiritual perfeita e menciono o prêmio de que é merecedora a alma que a possui. O reino dos céus pertence mil vezes mais aos que exercem a pobreza espiritual que aos que exercem a pobreza material. Os pobres em espírito são os que devolvem os dons a seu Dador, renunciando totalmente a eles. São os que morrem à sua própria vontade, para viver tão somente da Minha. Deles é o reino dos céus, e dos obedientes, que, ao se dobrarem, triunfam. Os obedientes cantarão



vitória no reino eterno dos céus.

A pobreza e a obediência espiritual perfeita são irmãs e possuem o reino dos céus. Bem-aventuradas as almas pobres e obedientes!

Isso não é mais que um ato de justiça, pois quem renuncia a si, Me tem a Mim. Quem dá tudo o que tem, Me tem a Mim. Quem morre a si mesmo, ressuscita em Mim. Quem nada tem, tem Tudo. E esse Tudo sou Eu mesmo. Minha liberdade é muito grande, já que, em troca de um pouco de terra, dou um céu. À alma criada que se doa, o próprio Deus incriado doa-se a ela. Quem poderá medir a distância que há entre Deus e sua criatura? Ao olhar a dádiva, crescerá o assombro. A admiração chegará a seu cume para quem puder vislumbrar em que consiste o eterno prêmio do Meu reino infinito.

Bem-aventurada a alma que possuir essas virtudes espirituais perfeitas! Não sabe o Oásis os tesouros de que dispõe. O mundo ignora esta última perfeição, que é praticável e ascende ao céu, até chegar a possuí-lo. (CC 13,120-122)

4. Penitência

A penitência é o fogo que conserva as virtudes, conferindo-lhes sempre novo vigor. Dela surge o desprezo de si. Dela brota a ânsia de padecer, o desejo de imolação.

A humildade é autora dessa grande virtude e preserva seus atos. Mas quem permite seu crescimento é o amor divino.

A penitência é muito agradável a Deus e tem muitas feições. Alcança inúmeras graças para as almas em geral e para a alma que a pratica. A penitência atrai a ternura do Coração de Deus, expia e ganha merecimentos.

A penitência brota da humildade. (CC 13,12)

5. Penitência espiritual perfeita

A penitência exterior tem a força de purificar o corpo e a alma. Existe, porém, um outro tipo de penitência: a penitência espiritual perfeita. Esse segundo tipo de penitência tem um valor imenso e, como o próprio nome diz, toca diretamente o espírito, embora seus efeitos também sejam sentidos no corpo.



Essa purificação não vem da vontade humana, mas depende inteiramente da vontade divina. Essa vontade divina, por si só ou por intermédio de outro espírito, faz a alma passar pelo fogo vivo do crisol da mais intensa purificação. Atormentando a alma, deixa-a capaz de receber as graças divinas. É um fogo que em instantes consome até a menor imperfeição e aproxima o espírito assim purificado. Essa purificação deixa várias afeições santas na alma: dá luz, força e união, três graças que, além de outras, Deus dá à alma feliz guiada por esses caminhos. A penitência espiritual perfeita é um benefício especial de Deus e um presente estritamente gratuito. É um favor do céu com o qual Deus purifica as almas, limpa-as para que ascendam à imensurável alteza da união íntima.

As aflições que atingem as profundezas do espírito são um dom gratuito. Ninguém é capaz de removê-las ou diminuí-las. Pode-se inclinar Meu Coração a concedê-las, praticando os três graus de perfeição da religião da Cruz. (CC 6,224-227)

A penitência é de grande valor e propicia à alma inúmeros bens. O corpo é como uma arma, e a penitência é o gatilho a disparar o fogo sagrado que purifica a alma e a une a Deus. A penitência é arma poderosa contra os vícios. É uma espada contra a preguiça e ataca frontalmente todos os pecados capitais. Defende a castidade, desperta o espírito e é antídoto contra o fogo do Purgatório. Detém a justiça de Deus, é porta de acesso a todas as graças, é pérola resguardada para o céu. A penitência abre as portas da contemplação e dos tesouros celestiais. Contudo até seu nome causa horror. Oxalá se saboreassem seus frutos, seu gosto delicado impossível de ser encontrado no mundo! A penitência inclina o homem à mortificação, ao desprezo de si, à caridade e à união com Deus. (CC 10,19-20)

6, 7 e 8. Sofrimento, sofrimento espiritual perfeito e padecimento

A virtude do sofrimento é parte essencial da dor. O sofrimento cristão, sempre acompanhado de resignação e paciência, é filho do Meu Coração, nascido e santificado n'Ele. No Meu Coração foi santificada a dor interior, cuja virtude e força provêm do Meu sofrimento.

O sofrimento é maior que o padecimento, porque este é material, enquanto



aquele é espiritual. E o que vem do Espírito é sempre mais vantajoso e proveitoso do que vem da matéria.

O padecimento cristão é também uma virtude, muito grande e de riquíssimo e imponderável valor aos olhos de Deus, especialmente quando é praticado num corpo puro e numa alma santa. Um dos grandes meios de santificação da alma é o padecimento físico causado pela doença. Sendo o padecimento filho do sofrimento, na maioria das vezes, os dois caminham juntos. Aqui, não falo do sofrimento puramente moral, embora o valorize e aprecie sobremaneira. Falo do sofrimento espiritual perfeito, que afoga a alma na mais cruel amargura.

Foi esse tipo de sofrimento interior que rasgou Meu Coração mui amoroso, desde o momento da Minha encarnação até que entreguei Meu Espírito nas mãos do Pai. Nesse sofrimento, compraz-se o olhar do Pai. Ao partir de uma alma pura, esse sofrimento alcança mais graças celestiais. Todo padecimento e todo sofrimento, representados na Cruz, são o caminho direto para o céu. Preparam e preservam a alma para a contemplação. São suportes indispensáveis, alimento e vida para a oração, que, proporcionalmente à dor, atraem graças para a alma.

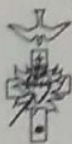
A dor é a arca sagrada dos favores divinos. Sem dor, não há alegria, a saber, não há oração, não há contemplação, nem sólida virtude. Sem sofrimento, simplesmente não há vida espiritual. Alavanca da vida espiritual é a dor manifestada nas diferentes formas de padecimento e de sofrimento.

Muito grande e elevada é essa virtude surgida do Meu santíssimo Coração.

O sofrimento espiritual perfeito consiste em receber, buscar e desfrutar o sofrimento, o padecimento e toda classe de mortificação, voluntária ou imposta por Mim ou por parte do próximo.

Esta definição encerra um vasto campo de cruéis e terríveis tormentos. Só por isso, qualquer alma que passasse por eles alcançaria a mais alta perfeição.

Os inimigos do sofrimento e do padecimento são muitos e lutam em favor do mundo, do demônio e da carne. O conforto e o prazer fazem imensos esforços para derrotar o sofrimento e o padecimento. A delicadeza apura e usa todas as suas armas. A fraqueza e a debilidade fazem as almas tropeçarem e até caírem. Mas o domínio de si, a firmeza, o vigor e a constância são o apoio e as armas com que se alcança a vitória. Mil vezes felizes as almas vitoriosas!
(CC 13,329-333)



9. Mortificação

Nota: Sofrimento e mortificação têm mais a ver com a alma. Penitência e padecimento, com o corpo.

A mortificação é a flagelação constante de toda vontade própria. Inclui-se no sacrifício total da obediência, apesar de que a alma pode praticá-la em todas as suas operações, uma vez que a mortificação é como que o seu incenso.

Esta virtude é muito querida pelo Meu Coração. Cresce e se desenvolve pela prática. É filha predileta do Espírito Santo. Sua missão é purificar as almas pelo sacrifício. Sua perfeição consiste em que esse sacrifício, purificado de todo interesse pessoal, suba ao céu pelo puro amor. Esse amor puro tem muitos graus e diferente extensão. (CC 13,8-9)

A mortificação é uma grande virtude, filha do sofrimento e irmã do padecimento. É o sal com que se temperam todas as virtudes, que, sem esse condimento precioso, perdem o sabor.

Embora seja filha também do sofrimento, a mortificação é maior que o padecimento, seu irmão, e mais parecida com seu pai, por praticar sua missão no íntimo da alma. A missão da mortificação é divina. Sua prática leva a alma a um alto grau de perfeição. A alma mortificada é pura, obediente, humilde, penitente, acompanhada por todas ou quase todas as virtudes. A mortificação tem o poder especial de afastar a alma das coisas da terra e atraí-la à presença de Deus.

A mortificação é a lenha, o combustível com que a alma se inflama de fogo divino.

A mortificação é virtude secreta que, na ocultação e escuridão, proporciona grandes progressos. É inimiga do barulho. Exercita-se e cresce no silêncio profundo. Tem seu assento numa alma pura ou purificada.

A mortificação é uma virtude gigantesca. Mesmo quando, pela humildade, se mostra pequena, derruba inimigos muito poderosos. É uma virtude guerreira que vai à luta e, com sua espada, não repousa em sua missão. Proporciona à alma que a possui méritos infinitos.

A mortificação domina os sentidos e afasta as paixões do homem. Penetra até o mais íntimo da alma, e vai ainda mais longe, até as regiões mais recônditas onde reina, exercendo seu mais perfeito domínio e influência. É uma virtude



tão forte, que se impõe à vontade humana, vencendo-a e subjugando-a. Com seu trabalho e esforço, rende-a, sujeitando-a de tal maneira, que o espírito, mil vezes feliz por tê-la como rainha, passa a viver e respirar nela e por ela. !

Essa virtude atrai infinitas graças celestiais para a alma que a pratica, não apenas no céu, mas também aqui na terra.

Seus inimigos são os mesmos do sofrimento e do padecimento. Entretanto, como fere mortalmente o conforto, a delicadeza e o prazer, a mortificação usa todas as suas armas para se defender heroicamente, apoiando-se na humildade e na constância. (CC 13,33-335)

10. Abnegação

A abnegação é uma formosíssima virtude, filha do sacrifício e da mortificação. Seu apoio é Jesus, seu modelo e força. Seu campo é mui extenso; sua missão, constante.

Amiúde oculta aos olhos dos homens, a abnegação regozija os olhos divinos que a contemplam. Geralmente passa despercebida ao mundo: queima no holocausto do domínio de si e embeleza-se no oculto, enquanto cumpre sua missão.

Aplaca a ira do homem e atrai as bênçãos do céu para a alma feliz que a possui.

O aroma dessa virtude encanta o Meu Coração divino.

Satanás odeia-a e lhe faz uma guerra feroz. Seus principais inimigos são o orgulho, o ócio, a tristeza e o desânimo. (CC 13,85-86)

11. Perseguição

A perseguição é uma das graças com as quais presenteio as almas prediletas do Meu Coração. Há perseguições patentes, causa de terríveis sofrimentos para a alma. Há outras piores que, silenciosas e ocultas, causam mais dano que as anteriores. Na escuridão e no segredo, afligem a alma contra a qual se dirigem.

A perseguição contra os bons, Eu a permito. Essa sim é o verdadeiro crisol em que a alma se purifica. Na perseguição, a alma abandona aqueles afetos perversos que a prejudicam.



Cruel e impressionante é a perseguição, em especial a do inocente, que se enfurece contra uma vítima pura. Todavia é também a mais repleta de recompensas celestiais. "Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino do céu." (CC 13,180)

Contudo não acrediteis que todos os que a justiça humana persegue sejam herdeiros do Meu reino. Só os que são difamados e desprezados sem culpa, por malícia humana ou permissão divina, para que suas virtudes sejam provadas, e seus méritos, aumentados. Na perseguição, encontram o fruto valioso do desprezo alheio. Não creiais que eles alcancem Meu reino só por serem injustamente perseguidos. Da alma inocente perseguida exijo o silêncio na dor, o perdão ao inimigo, a alegria de sofrer. Por amor a Mim. Por puro amor a Mim. Aqui, está o fruto da perseguição e a quem Eu concedo Meu reino.

A alma bendita que se alegra na perseguição, praticando o silêncio e o perdão, atinge o ponto mais alto da virtude. Alguém será capaz de entender a perseguição dessa maneira?

Com a perseguição não se compra o céu: Eu o dou, mas sob certas condições. Na ordem da graça existem perseguições também terríveis. Numa vida extraordinária geralmente há dessas perseguições. Nisso consiste principalmente o reino dos céus.

O mundo e os mundanos se opõem a Mim e ao que é Meu, não abertamente, o que seria menos prejudicial, mas por meio de dissimulações, hipocrisias e aberrações disfarçadas de virtudes.

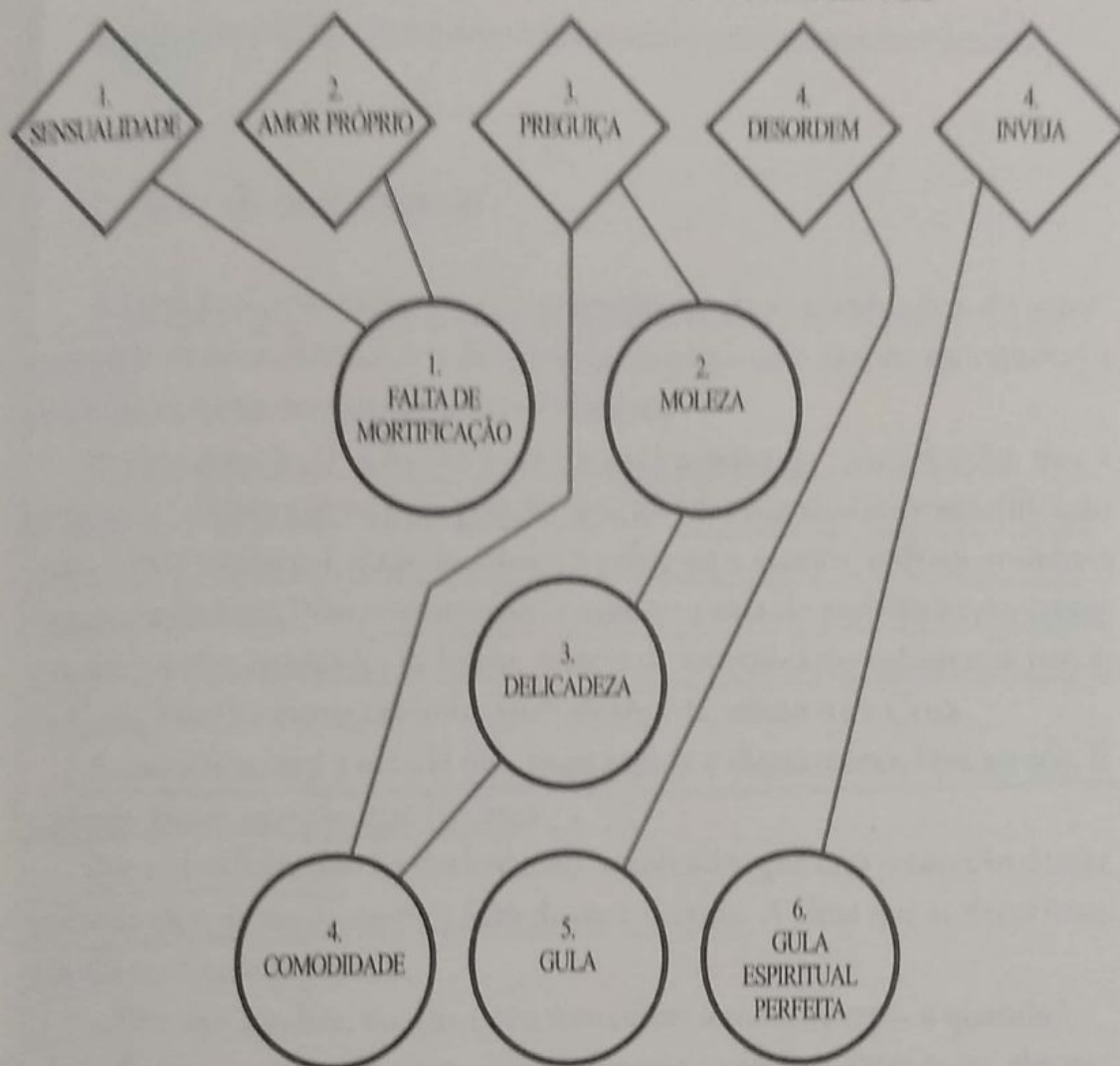
Toda alma que se entrega a Mim passa, em maior ou menor escala, por uma indispensável perseguição purificadora. Embora a perseguição seja uma grande graça na vida do homem e do espírito, pode ser uma pedra de tropeço na qual geralmente sucumbem as almas fracas. Nas vocações religiosas, muitas almas débeis cedem à perseguição; e Satanás alcança grandes triunfos.

Sabem qual é o baluarte da alma na luta contra a perseguição? Maria e a sublime virtude da constância, que se alcança pela intercessão daquela que é o "auxílio dos cristãos" e das almas religiosas. (CC 13,182-184)

PRIMEIRA FAMÍLIA DE VÍCIOS

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE SACRIFÍCIO

SUAS 5 FONTES ENVENENADAS



AVISOS RELATIVOS A TODOS OS QUADROS SINÓTICOS

VÍCIOS:

1. Falta de mortif.
2. Moleza.
3. Delicadeza
4. Comodidade.
5. Gula.
6. Gula esp. perf.

- 1. As Virtude e os Vícios representados com este sinal $\diamond$, tem relação com esta família mas não pertencem a ela.
- 2. A Obediência e a Humildade, por exemplo, são Virtude de Sacrificio, mas se classificam melhor em outras "famílias", se colocam aqui (Veja-se o quadro em frente) para chamar a atenção dos noviços.
- 3. A "filiação" marcada aqui pelas linhas paralelas, assim: ——— é unicamente a indicada pelos manuscritos.
- 4. Essas "filiações" são preciosas para a alma que deseja se conhecer, e ainda mais para os Diretores Espirituais que devem conhecer as almas.

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE SACRIFÍCIO

1. Falta de mortificação

A falta de mortificação vem principalmente da sensualidade e do amor-próprio. A comodidade e a delicadeza nutrem-na e fazem-na crescer; a preguiça favorece seu pleno desenvolvimento.

A vida espiritual subsiste e cresce com a seiva da mortificação, que a revigora e prepara a alma para grandes graças. Mas a ausência de mortificação mata a vida espiritual, quando menos a esfria ou a resseca, enfraquecendo-a na prática do bem. Não podemos nos enganar: a vida do espírito nasce, cresce e se desenvolve apenas no doloroso campo da mortificação voluntária, isto é, da Cruz. Não há outro caminho para alcançá-la, senão o da Cruz.

[A mortificação é a escada que, mais rápida e diretamente, leva ao céu. É a pérola de um coração que Me ama.]

Por outro lado, não há declive mais acentuado, que faça o coração descer por todo tipo de vícios, como a falta de mortificação. A alma que se deixa levar por ela cai logo em pecado.

– Diz-me, Senhor, no que devo mortificar a mim mesmo, e quando?

– Sempre e em toda parte, especialmente quando a alma sente alguma inclinação desordenada, mesmo nas coisas mais santas, tanto mais nos vícios. A alma deve mortificar-se em tudo que não seja reto, e orientar seus atos e intenções a Mim somente, com o único fim de agradar-Me. Nas coisas ilícitas, sempre há de mortificar-se por dever; nas coisas lícitas, por amor a Mim.

A mortificação deve ser o pão cotidiano da alma. É o crisol em que a alma se purifica constantemente; a água em que deve sempre lavar-se. É o maná que contém muitos e sempre novos sabores. Neles a alma chega a embriagar-se de tal maneira, que passa a ser sua felicidade na terra, sendo-lhe penoso viver sem a virtude da dor, com o único fim sobrenatural de agradar-Me e comprazer-Me.



Uma alma mortificada progride grandemente na perfeição. Ao contrário, a alma que se deixa levar por seus gostos e inclinações, mancha-se, rebaixa-se e retrocede, correndo o risco de perder o calor e a vida espiritual. Não há dúvida de que, hoje no mundo, reina uma total ausência de mortificação, que, desgraçadamente, invade também a vida religiosa. A neve do claustro é a falta de mortificação. Destrói o calor e o amor divino, e congela as almas. A ausência de mortificação destrói a oração, estorva a amizade entre Deus e a alma, causa dissipação, tédio, distrações e cansaço. Resseca as fontes da inspiração divina e fecha as portas ao Espírito Santo. Grande mal é a falta de mortificação, um dos venenos com que Satanás mata as comunidades religiosas.

Infelizes os religiosos que não têm a mortificação como rainha e senhora! Mais tarde ou menos tarde, desmoronarão, porque a mortificação é poderosa fortaleza.)

Geralmente uma alma fria é uma alma que não se mortifica. Uma alma que cai frequentemente em pecado é uma alma débil que não se mortifica. Uma alma que não avança no caminho da perfeição, das virtudes e da Cruz é, sem dúvida, uma alma que não se mortifica. A uma alma que não progride na oração, certamente faz falta o indispensável apoio da mortificação, chave com que se abrem as portas divinas que nos põem em comunicação direta com Deus.

A mortificação deve acompanhar-nos em todos os atos, tanto interiores como exteriores. Como é bela a mortificação espiritual! Nela se compraz o Espírito Santo!

Assim como existe mortificação interna da qual promana a mortificação externa, também existe falta de mortificação interna da qual deriva a falta de mortificação externa. Não existe uma sem a outra, pois do coração saem tanto o bem quanto o mal, tanto as virtudes quanto os vícios. Existem, porém, vícios internos que tocam especialmente as regiões mais íntimas da alma, causando muito dano e muito mal. A ausência de mortificação interna, por exemplo, não se opõe e permite a proliferação de pecados ocultos. Facilita os vícios espirituais e os vícios espirituais perfeitos. Dá rédea solta à licenciosidade de todas as paixões. Grandes e espantosos males causa este tipo de falta de mortificação, que só pode ser curada por uma retidão santa, pela penitência, mortificação e por uma intenção pura. (CC 15, 305-310)



2. Moleza

A moleza é filha da preguiça, mui íntima companheira do cansaço e do desânimo. A moleza é a comodidade em seu mais alto grau e o desdobramento da sensualidade. Eu abomino esse defeito tão contrário à Minha doutrina e à Minha Cruz. Todo cristão deveria detestá-lo igualmente.

A moleza enfraquece as inclinações da alma para o que é bom, santo e espiritual, adormece o coração, debilita a força e o valor do sacrifício. A alma de quem se abandona à moleza afasta-se, paulatinamente, dos atos de piedade e da prática dos sacramentos, até abandoná-los por completo e perder-se.

A vida espiritual está em total contraposição à moleza, porque traz em suas veias a atividade e o sacrifício. A dor também se opõe à moleza, pois este defeito, que beira o vício, gosta de repousar numa cama macia de flores perfumadas. Desgraçada é a alma tibia! Pagará mui caro a vida cômoda e deliciosa que leva neste mundo.

A moleza é um vício que se opõe a Deus, tirando-Lhe a glória. Também se opõe ao próximo e aos pobres, pelo bem que deixa de fazer. Opõe-se também à alma que dela padece, pelo funesto prejuízo que lhe causa. A moleza é acérrima inimiga da Cruz. Sua missão é afugentar a alma das virtudes e da vida interior, que tanto bem produzem. A penitência e a mortificação a fazem estremecer. O sacrifício, a abnegação, o sofrimento e o padecimento voluntário são letra morta para a moleza, que foge até da sua sombra.

O único remédio para esse vício pegajoso consiste no trabalho e no desprezo de si, juntamente à constância, penitência e generosidade.

A alma que não se liberta, pronta e valorosamente, dos braços doces e atrativos da moleza, viverá uma vida quanto menos frouxa, egoísta e inútil, e queimará profusamente no fogo voraz do purgatório. (CC 14, 241-243)

3. Delicadeza

A delicadeza é filha da moleza.

Não falo aqui daquela delicadeza pura e espiritual que busca a pureza da alma e lastima até a menor sujeira que a mancha. Pelo contrário, o vício da delicadeza consiste num refinamento polido de exagerada sensualidade.



Os pretextos e os mimos formam uma comitiva; até o ar que esta delicadeza funesta respira, é impregnado de perfumes suaves. Parece que até a luz lamenta essa debilitação satânica da delicadeza.

O amor-próprio, isto é, o excessivo cuidado consigo mesmo reina absoluto na delicadeza. As almas e os corpos abrigados no ninho dourado da delicadeza merecem o purgatório, e ainda se expõem por vezes ao inferno!

O mundo e até algumas comunidades religiosas estão cheios desse mal tão pernicioso. Essa delicadeza maldita é tão penetrante que se insinua suavissimamente em todo e qualquer lugar. Ai das almas que por ela se deixam seduzir! Desgraçadas! A delicadeza afastá-las-á da Minha Cruz e de Mim. E quem se afasta de Mim perde-se sem remédio. Abomino infinitamente esse laço de Satanás, pois somente Eu consigo medir os infintos prejuízos que a delicadeza causa nas almas.

A delicadeza não existe e não poderia existir na vida espiritual. Dito de outra forma, não pode haver vida espiritual onde há delicadeza. Uma é inimiga da outra, e jamais podem juntar-se. A delicadeza foge da Cruz, enquanto a vida espiritual abraça-A. A delicadeza detesta a dor em todas as suas manifestações. A vida espiritual encontra na dor sua maior felicidade. A delicadeza se compraz com os mais requintados prazeres. A vida espiritual os repele e afasta-se deles. A delicadeza ama o descanso e a inação. A vida espiritual arde e abraça o fogo vivo do amor divino, que nunca busca nem aceita descanso, porque seu descanso consiste em não descansar. Existe uma absoluta contraposição entre a delicadeza indolente e a vida perfeita de amor e sacrifício.

O remédio contra a delicadeza consiste na transformação total da alma por meio da crucifixão própria. Aqui, precisamos de todas as virtudes guerreiras para matar toda condescendência e debilidade da alma. Só com o vigor heroico e a força formidável dessas virtudes poder-se-á derrotar e destruir esse vício brando e oleoso que a tantas almas afunda na eterna perdição.

Que as almas abram os olhos e enxerguem, na delicadeza, o caminho direto para sua eterna ruína, e, na Cruz, a senda segura para a eterna salvação.

A dor vem destruir a delicadeza, removê-la de seu trono, desmascarar Satanás, alertar milhares de almas enganadas e adormecidas pelo licor embriagante da delicadeza. (CC 14,243-247)



4. Comodidade

A comodidade é filha da delicadeza. Corre em suas veias a seiva do ócio. É companheira da moleza, e arrasta consigo o ócio.

A comodidade é hoje a rainha do mundo, estende seu poder aos quatro cantos do mundo.

Lamentavelmente tem sob o seu controle também as comunidades religiosas, que, por isso, estão presas em tamanha moleza! A indolência repugna até certo ponto às almas que se dizem espirituais, mas Satanás disfarça a comodidade sob aparências religiosas, fazendo com que a recebam em seus corações sem o menor escrúpulo. Quantos enganos desse tipo há na Igreja!

A comodidade é um dos pontos mais fracos das comunidades religiosas. Por ela, Satanás solapa-as, debilitando seu espírito e precipitando-as na moleza. Com vil astúcia, o demônio convence as comunidades religiosas da necessidade do supérfluo e da tolerância. Dessa comodidade culposa até a delicadeza, somente há um passo. Satanás sabe muito bem urdir mil pretextos imaginários para, insensivelmente, arrastar os religiosos ao reinado da comodidade. Ponderando a necessidade da saúde, passa-se mui facilmente para a sensualidade.

Quão escorregadio é o caminho das astúcias satânicas que conduz à comodidade, e desta a muitos outros males!

A condescendência culposa se expande com boa parte do seu reinado para dentro do campo da comodidade. O amor-próprio é seu braço direito. Também o egoísmo avança na comodidade com boa parte do seu terreno.

Em maior ou menor escala, em todos os atos da vida humana, penetra esse mal daninho que tudo desvirtua e envenena. Essa serpente da comodidade infiltra-se até no que há de mais santo. Encontra-se no templo e na oração, no corpo e até na alma.

A comodidade corporal se revela no dormir, no comer, no descanso e naquelas ocupações que proporcionam prazer. O mérito da virtude está em desvendá-las. Quando o espírito domina a matéria e chega a desprezá-la, contrariá-la e vencê-la, então o homem se ajusta ao fim pelo qual Eu o criei.

A comodidade espiritual caminha junta à comodidade corporal: à medida que se concede comodidade ao corpo, o espírito também se acostuma a uma vida cômoda. Quem quer Me seguir aprenda a dominar o corpo. Negar-se a



si mesmo significa evitar absolutamente que a alma e o corpo cedam a uma vida de confortos. }

A comodidade espiritual consiste em buscar satisfação na oração, nas obras piedosas e de misericórdia e nas penitências. A comodidade espiritual reside na busca de si mesmo. Isso macula a pureza das intenções que há de marcar os atos humanos, santificando-os e conferindo-lhes valor à medida que buscam apenas a Mim. }

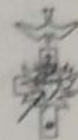
Vede até que ponto vai a maléfica comodidade, invadindo também a vida espiritual depois de se alastrar na vida material! Há poucos que compreendem tal coisa, e esse vício corre o mundo sem que ninguém se preocupe em detê-lo. Só Eu conheço os males terríveis que a comodidade causa nas almas e na vida espiritual! Muitíssimos dos que se dizem Meus, estão abraçados, unidos, presos a esse mal tão pernicioso! Não apenas, por fúteis pretextos, toleram a comodidade, mas correm também ao seu encontro e não podem fazer a menos dela. Muitos deles ousam chamar-se de cristãos e se dizem Meus! Triste engano!

Quem quer vir após Mim, abandone a comodidade, negue a si mesmo e Me siga.

Em Minha passagem na terra, não tive onde reclinar Minha cabeça, e milhões de homens se agitam na mais refinada e indolente comodidade! Esses homens Me seguem? Não. Só dizem que Me seguem. Porém, na prática, ao surgir o sofrimento, renegam Minha doutrina, e, por suas obras, provam o quão longe estão de Mim. Desgraçados! Vão contra a Cruz, por mais que a exaltem a palavras. Desenganai-os e desenganai a vós mesmos: o único caminho que conduz a Mim é o caminho da Cruz, isto é, o do aniquilamento de toda comodidade.

O mundo não entende nada disso. Dói-Me, porém, que também entre as comunidades religiosas se ignore o caminho da Cruz, coisa que irrita e fere Minha justiça. Sem resistência alguma, entregam-se à comodidade, e, uma vez reféns dela, Satanás encarrega-se de fazê-la frutificar para seu prazer.

A comodidade é um mal enorme e espantoso para uma vida espiritual reta e santa. Ninguém compreende a fundo o veneno que traz dentro de si. Veneno lento que mata as inclinações da alma ao sacrifício, nela insuflando uma inércia espantosa. A comodidade também enfraquece os santos arroubos da alma pela Cruz. No mundo não se conhece serpente tão feroz e astuta que,



com sua rede delicada, prende milhares de almas para lançá-las ao inferno!

Há de se mondar essa atmosfera venenosa de comodidade que se respira em toda parte. Como? Com a Cruz e com o reinado da dor. O mundo se afunda por causa da comodidade. A Igreja ressen-te-se e geme por esse grave defeito de seus filhos. Os únicos remédios de tão contagioso mal são o sacrifício, a dor e a Cruz.

Sacuda de si com força a alma esse torpor que a envolve. Renuncie a si mesma e busque a Mim. Despreze a si mesma e se libertará de tão grande mal, que traz-lhe consequências funestas para toda a eternidade. Eu o prometo.

Que as comunidades religiosas se esforcem, façam violência a si mesmas, com toda valentia e constância. Afastem longe de si a comodidade. Se dizem que não a conhecem, é porque não rezam e não Me amam. A oração e o amor são as lentes por onde se enxerga, reconhece e mede a comodidade. A alma que, por essas lentes, olha seu íntimo, vê o que jamais imaginaria. Horrorizada, então, pelo fogo que a envolve, levanta-se, lança para longe a serpente da comodidade, rompe as redes que a prendem.

Bem-aventurada a alma que age assim! Dará grandes passos rumo à perfeição! (CC 14,247-254)

5. Gula

A gula é um vício capital que reina no mundo e é senhor de todos. Entra também no claustro, invade as mesas mais humildes, faz danos inconcebíveis em todo ambiente em que penetra. A gula faz estragos no coração e no corpo de milhares de pessoas. Traz consigo um arsenal de armas venenosas, oriundas da desordem. A gula é filha da desordem, e, por isso, do próprio Satanás. Convive com muitos outros vícios e é causa de males terríveis para a alma.

A gula consiste numa desordem material que leva o apetite humano a ultrapassar os limites, no comer e beber, da moderação e da prudência. Por vezes, domina o homem de tal modo, que o absorve e precipita em muitos e graves males. A gula é um punhal para o espírito: enfraquece suas forças e impele-o à moleza, frieza e desânimo.

Este vício devastador é mais temível do que parece à primeira vista. A



gula é uma paixão baixa e desenfreada que se reveste de muitas faces. Circula solta no mundo, entre pessoas piedosas, ainda mais oculta e temível entre os que se dizem Meus. É um vício que costuma cobrir-se de hipocrisia e da mais fina soberba. Frequentemente é vista em companhia do respeito humano.

A gula faz guerra – e muito! – à vida espiritual, fazendo com que sucumba aos caprichos da matéria. Deveria ser o contrário, pois não só de pão vive o homem.

A toda alma que logra vencer a si mesma, Eu prometo a fartura das Minhas graças, juntamente à fome amorosa e sede insaciável de Mim mesmo. Os que se dizem Meus perseverem generosamente na luta, sacrifiquem seu apetite natural, que, desregrado, converte-se em veneno para a alma.

Muito facilmente, a gula leva o coração ao vício nefando da impureza. Da gula à impureza só há um passo, que, a todo custo, há de ser evitado.

A embriaguez, em particular, quase sempre leva ao maldito vício da impureza. Por ser a impureza seu vício preferido, Satanás favorece-a de muito modos, sendo a gula seu principal instrumento.

6. Gula espiritual

Existe também uma gula espiritual, que, em grande parte, vem da inveja e é um desejo desordenado de santidade, que contraria o abandono à vontade divina.

A perfeição consiste na moderação prudente de todo meio justo. Dou um aviso muito importante para a vida espiritual e material, pois a natureza humana perde-se mui facilmente. No bem como no mal, o apetite sensitivo busca satisfazer-se a si mesmo. A retidão há de ser o critério de todo agir humano, tanto no bem como no mal.

Há pessoas que passam a vida inteira, pensando como satisfazer seu paladar. Mais ainda: muitas vezes, a preocupação em banquetear-se tira do coração a lembrança da Minha pessoa divina. Ó espantosa aberração! Como pode a natureza corrompida se rebaixar a ponto de pospor a um pedaço de pão o Rei do céu e da terra! Faça-se guerra à gula!

A formosíssima temperança e a expiação são o contrapeso da gula. O ódio a si mesmo, auxiliado pela prudência e pela moderação, é útil para sujeitar



a matéria à razão e ao espírito. À medida que se vence a carne, o espírito e a ordem crescem e impõem seu reinado. De muita valia é, nesse campo, o domínio de si, o qual coloca cada coisa em seu lugar, segundo a ordem que Eu criei, em que o espírito reina sobre a matéria.

A razão e a fé hão de orientar o discernimento de qualquer tendência viciada ou desordenada. Oxalá os homens pudessem compreender e praticar isso!

Para ajudar a dominar toda inclinação carnal, vêm em nosso auxílio a penitência e a mortificação, que triunfam também da gula e de muitas outras paixões.

Observai o campo nefando dos vícios e dai o alerta a tantas almas que só vivem na carne, sem sequer vislumbrar as riquezas, tesouros e bens infinitos que se ganham ao vencer as vis paixões e o inimigo, na luta ferrenha consigo mesmo.

Na ordem, encontra-se a felicidade. Na restauração do que a maldita desordem destruiu, está a verdadeira riqueza.

Quanto mais nos afastarmos da carne, tanto mais será nosso ganho no espírito. Tudo aquilo a que o homem voluntariamente renuncia por amor a Mim, encontrá-lo-á duplicado no crescimento interior do seu espírito. Com abundância de graças, o Espírito Santo recompensa toda mortificação carnal. Toda dor ou crucifixão, interna ou externa, que o homem procurar por amor a Mim, receberá larga recompensa. ,

Quão grande é a vida espiritual e quão menosprezado, no entanto, é seu reinado no mundo! Até dentro da Igreja, quão esquecida é a vida espiritual!

Vive o homem de matéria, vaidades fingidas e prazeres efêmeros, que deixam o coração lacerado. Não se preocupa com seu santuário interior, onde haveria de, constantemente, oferecer incenso a seu Deus e Senhor, queimando seus desprezíveis vícios, maldades e paixões, no altar de sacrifícios amorosos. Mas ninguém sabe disso. Muito menos o pratica.

Minha grande misericórdia impele-Me a dar este alerta ao mundo. Despertai do vosso letargo, almas ludibriadas, enganadas e surdas! Venho hoje, no Meu indizível rebaixamento, para salvar-vos, chamando-vos a Mim. Que tamanha bondade não vos assombre! Nestes últimos tempos, quero esquecer-me do pecado do mundo e salvar as almas que vivem cegas na culpa e no erro. Venho dar uma reprimenda a Satanás, levantar Minha Cruz e fazer



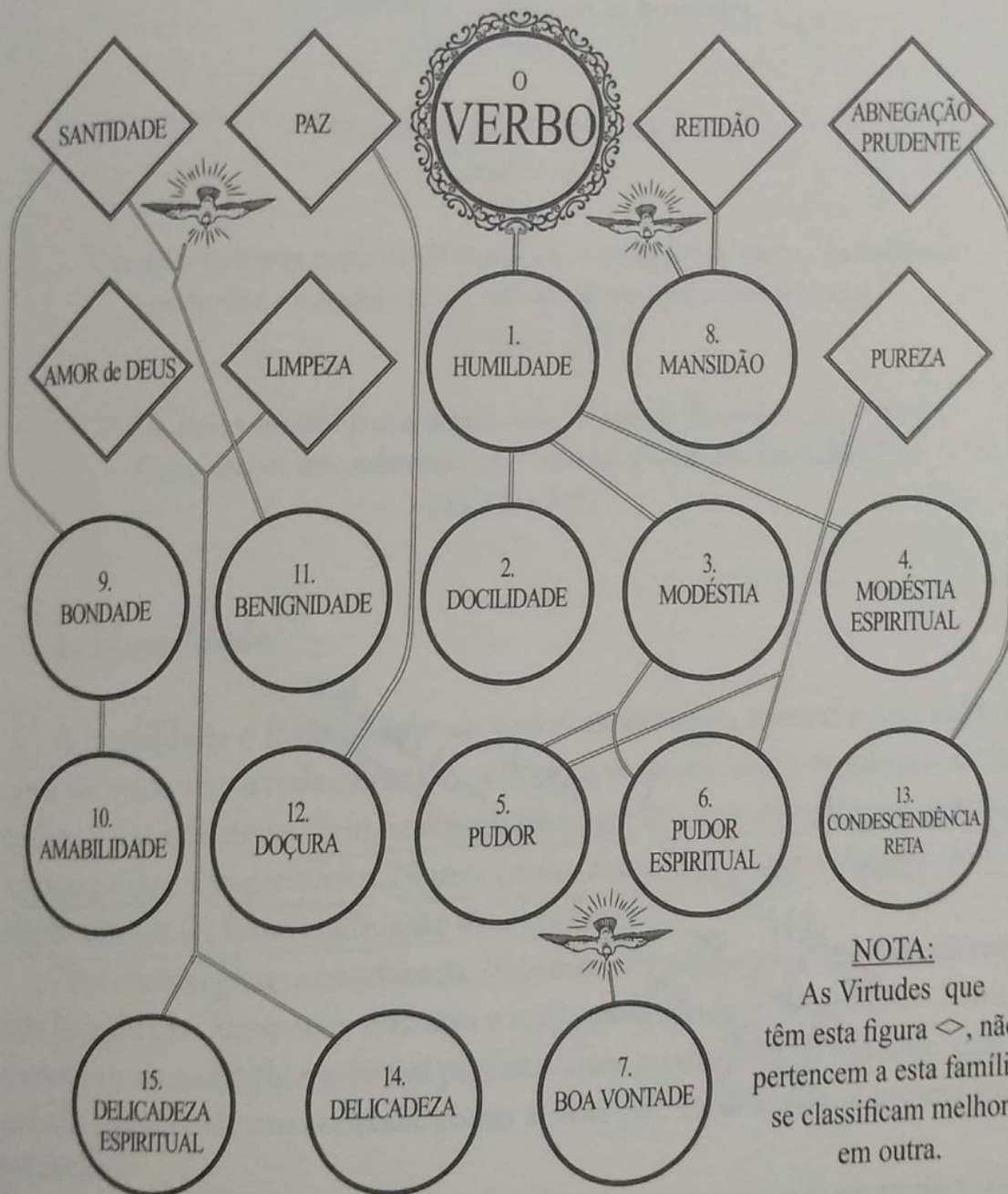
reinar a dor. Não mais quero falsa piedade, nem virtudes fingidas, nem vícios ocultos e traiçoeiros. Já é tempo de tirar a máscara a Satanás e revelar ao mundo suas infames maquinações. |

Quero que reinem a pureza, a Cruz, a dor e a verdadeira santidade. Quero corações firmes que me consolem e que aplaquem Comigo a justiça divina. O mundo se afunda na sensualidade. Arrasta a tibieza consigo o universo inteiro. Ajudai-me! Apressai-vos! (CC 14,162-169)

SEGUNDA FAMÍLIA DE VIRTUDES

VIRTUDES DE HUMILDADE

Obs.: Os Números indicam a ordem que é seguida no texto.



SEGUNDA FAMÍLIA DE VIRTUDES VIRTUDES DE HUMILDADE

- "A sabedoria mora com os humildes."
(Provérbios 11,2)

- "Deus olhou para sua pobre serva."
(Lucas 1,48)

- "Nada façais por espírito de partido ou vanglória, mas a humildade vos ensine a considerar os outros superiores a vós mesmos."
(Filipenses 2,3)

- "Em vosso mútuo tratamento, revesti-vos de humildade; porque Deus resiste aos soberbos, mas dá sua graça aos humildes."
(1Pedro 5,5)

1. Humildade

A humildade é fundamento de todas as virtudes, seu sal e sua vida. A terra de onde as virtudes brotam, a água que as fecunda, o sol que as faz crescer e reproduzir-se. Sem humildade não pode haver obediência, pobreza ou pureza que não definhem. Nunca confio essas joias a alma alguma, sem o sólido alicerce da humildade, mãe de toda virtude.

Tem muitos graus a obediência. Não há, contudo, verdadeira obediência sem humildade. Tampouco é efetiva e real a pobreza sem humildade. Muito menos sem humildade espiritual perfeita. Sem a estufa da humildade, que a guarda, debaixo de seus cristais, como a uma planta delicada, a pureza não sobrevive.

A humildade é a vida de todo ato puro, de todo movimento santo da alma. Sobre ela somente, o Espírito Santo lança as pérolas dos seus dons. Sobre ela somente, a divina pomba edifica e forma o seu ninho. Só por meio da humil-



dade, trabalha nas almas e não descansa, a elas se comunica constantemente, até possuí-las inteiras. Onde não está a humildade, tampouco Eu estou.

Pobreza e obediência têm cor e aroma parecidos. Perfumam tudo o que tocam. Purificam os atos da criatura até um ponto que só Eu sei. Cheiram a divino. São muito amadas por Meu Coração e deste brotam. (CC 13,9-11)

A humildade é filha do Verbo.

Nasceu, por assim dizer, na Encarnação, do seio virginal de Maria. Desenvolveu-se plenamente durante a vida terrena de Jesus. Maria, mais que todos, recebeu seus frutos inestimáveis. Com a virtude da humildade, vieram a pobreza e a obediência. Nasceu a humildade, e gerou a obediência. A obediência e a humilhação do Verbo ocorreram num só ato. Ato sublime ordenado à Redenção, que o homem nunca poderá entender ou apreciar em seu justo valor. Pasma de profunda admiração, ficou o próprio céu, reverente adorando os misteriosos juízos do Onipotente. Em tão grande passo, aplicou-se a Onipotência. No momento sublime em que o Verbo se ofereceu para devolver a glória ao Eterno Pai e salvar o pobre homem, naquele instante, brilharam as virtudes do Verbo feito Carne.

Por isso, as virtudes têm em si a propriedade infusa de salvar as almas. Nenhum humilde, nenhum obediente se perde. Essas duas virtudes portentosas são divinizadas pelo Meu Coração, sedento de padecer em prol do homem, a ensinar-lhe o caminho que vai de Belém até o céu. Ali esperava-Me essa virtude, que também Eu divinizei logo ao praticá-la e da qual nunca Me separei em toda Minha passagem pela terra. Não pôde Meu Coração separar-se dessas três virtudes tão queridas. Tanto as amo, que ainda Me acompanham constantemente nos altares, no sacramento do amor, na Eucaristia! Ali mostro, mais que em qualquer outro lugar, essas virtudes que Me acompanharão até o fim dos tempos, enquanto houver uma alma a ser salva e pela qual sofrer. Humilde, obediente e pobre, encerrado, na Minha imensidade, no menor fragmento de uma hóstia consagrada, assim Eu mostro o maior milagre da Minha onipotência, ao qual Me obrigou o amor, o amor, somente o amor. (CC 13,24-28)



2. Docilidade

A docilidade é filha da humildade e irmã do zelo. É de suma importância para a vida espiritual. O campo vastíssimo que ela percorre é o da obediência cega. Tenho-a como Minha predileta, mui pertinho de Mim, muito amada do Meu Coração. É alicerce de muito grandes virtudes e receptáculo de muitas graças. O Espírito Santo procura-a para comunicar-lhe suas santas inspirações, pois essa virtude prontamente presta-se a ouvi-las e praticá-las.

Seu óbice é uma imprudente direção espiritual.

A alma dócil eleva-se ao céu sem compreendê-lo e ascende sem dar-se conta. É a virtude que se deixa fazer. A alma que a possui, tem um tesouro inestimável. Seu campo é muito extenso. Na vida espiritual ordinária, é quase infinito. Mais ainda, na vida espiritual extraordinária. Ali, tem seu pleno desenvolvimento, à sombra do Espírito Santo, que se comunica com a alma. Seu apoio é o conhecimento profundo do seu nada. Sua fortaleza é o desprezo de si. Sua missão é a santidade.

Os inimigos que mais a molestam são a soberba, o amor-próprio, a surdez espiritual nascida do ócio. (CC 13,86-87)

3. Modéstia

A modéstia é filha da pureza e da humildade. A verdadeira modéstia não consiste apenas num recolhimento exterior, mas tem sua morada especial no fundo da alma de quem a possui. A aparência externa brota do que há no interior da criatura.

A modéstia não é uma virtude somente das crianças ou dos tímidos ou dos de baixa condição. Tampouco é uma virtude fraca, mas valente e formosa, ainda que no oculto do seu recato.

É uma virtude que se esconde especialmente nos corações puros. É uma virtude altíssima, de almas grandes, mui valiosas para Mim.

Enquanto qualidade natural de alguns corações, é certamente apreciável, mas sem valor algum para o céu.



4. Modéstia espiritual

A modéstia sobrenatural é virtude que chega a seu último grau na perfeição da alma. A modéstia espiritual perfeita alça altos voos, apesar de caminhar debaixo da mais profunda ocultação. Esta modéstia santa abriga-se nos corações desapegados do mundo e de si mesmos, que, além de desdenhar toda honra humana, renunciam totalmente a si mesmos. Nisto consiste a modéstia espiritual perfeita: não tão só na humildade exterior, mas sobretudo no que se esconde no íntimo do coração. Consiste na ocultação íntima de tudo o que possa atrair o menor elogio alheio, receando muito da própria vanglória. (Naturalmente, isso não envolve a devida sinceridade e clareza que há de se ter com o diretor espiritual. Falaremos disso mais adiante.)

Quanto Me agrada aquela alma que deveras possui esta bendita virtude e que se esconde de todo olhar, de todo elogio, de tudo que pode enaltecê-la! Esta virtude nascida da humildade, também é capaz de ir mais além, para um segundo grau de perfeição, e buscar o desprezo alheio, fazendo disso seu alimento preferido. É isso o segundo grau da modéstia espiritual perfeita: buscar no oculto o desprezo dos outros. Oh, formosa virtude, que diviniza a alma que a possui! Essas virtudes escondidas, perceptíveis apenas por Mim, não imaginais como Eu as premio.

A modéstia tem um perfume especial transcendente. Quanto mais se esconde, tanto mais aumenta seu aroma com que se regozija Meu Coração. A modéstia fingida ou pantomima da modéstia, que, geralmente, corre mundo, não tem perfume: a hipocrisia é a capa com que se cobre. O fundamento da verdadeira modéstia se encontra no desprezo de si; seu gozo, nas humilhações. Sua fisionomia é a da sua mãe, a humildade. Vive feliz na escuridão e na ocultação. Seus inimigos, a espreitá-la furiosos, são a vanglória, a hipocrisia, a soberba e a dissipação.

Maria é o amparo desta virtude, Ela que é a modéstia por excelência, a arca divina que tem em si todas as virtudes, graças, dons e frutos do Espírito Santo. (CC 13,214-218)



5. Pudor

O pudor é filho da pureza e da modéstia, e irmão da inocência e do candor. É muito amado por Meu divino Coração.

Encontra-se principalmente nas mulheres. Este, porém, é o pudor natural, mais vivo e espontâneo no sexo feminino. Embora seja bom, não é desse pudor que aqui falarei. Ai da criatura que perder esse pudor natural, qualidade especial que lhe conferi ao criá-la e da qual deverá prestar-me conta na hora da sua morte. Falarei, então, de outra espécie de pudor que existe na alma, um pudor sobrenatural, a partir do qual se forma propriamente a virtude do pudor.

6. Pudor espiritual

O pudor da alma consiste num casto rubor, provocado pela santidade que nela habita, e que é a posse, em maior ou menor grau, de toda virtude. Este pudor atrai sobre a alma meu olhar de tenra complacência amorosa.

Este pudor da alma, esta vergonha santa produz na alma uma modéstia e humildade profundíssimas. Esta sublime virtude chega a unir-se à alma que a possui de tal maneira, que o sobrenatural nela aparece como natural, em razão do novo ser que lhe comunica essa virtude.

Esse grau eminente e sublime das virtudes da modéstia e da humildade, que produzem na alma o santo pudor, só o Espírito Santo pode regalá-lo e comunicá-lo, e tão somente a almas mui seletas. Jamais Eu me desposo a não ser com almas pudicas. Sabeis quem são? As que, tendo Minhas riquezas, têm-nas como se não as possuíssem. As que, ao receberem Meus mimos, escondem-se. As que, enaltecidas pelo Divino, rebaixam-se. São essas as almas que Eu escolho para Mim. (CC 13,218-220)

Os inimigos do pudor exterior são muitos. Uma vez desatados, causam estragos terríveis às almas. Porém o pudor espiritual e interior, de que aqui falo, não tem inimigos, porque só existe em regiões tão íntimas em que somente Eu penetro e em que nenhum inimigo pode entrar e perturbar. No Meu reino, Satanás não entra: no que é Meu, ele não tem nem pode ter parte. (CC 13,225)

O pudor de uma alma pura é sempre acompanhado pela presença divina. Esta é seu centro, sua vida e seu escudo. No pudor da alma, tudo é divino.



Nele não penetra a natureza. A alma só com Deus, e Deus com sua alma eleita, sem testemunhas, adentram nos aposentos reais onde vive o Esposo,

Este santo pudor da alma enrubesceu Maria na Anunciação. A vergonha de ver-se tão pura e descoberta aos olhos do Altíssimo, turbou-a, e teve um momento de hesitação em que a vergonha do divino campeava. Era cheia de graça. Entretanto, quando os ouvidos da alma, mais que os ouvidos do seu corpo puríssimo, ouviram a saudação do Anjo, Maria tremeu por sentir-se descoberta diante de seu Deus e Senhor.

Este pudor santo corou Maria, porque sua profundíssima humildade e modéstia foram imensamente maiores que as de qualquer outra criatura. E Eu precisamente buscava esse pudor virginal para nele regozijar-Me e ter Meu descanso.

Logo que Maria, com suas excelentes virtudes, rendeu-se à força da bondade divina, imersa mais e mais no casto pudor da sua incomparável humildade, porém submissa à vontade divina (que, para qualquer alma que Me ame, deve ser seu tudo), respondeu confusa: "Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a sua Palavra". (CC 13,231-234)

Eu Me regozijo no pudor das almas puras, em suas lutas e fadigas! Sigo-as e persigo-as com Meu olhar puríssimo, até os arcanos regaços em que se ocultam! Se soubésseis o quanto Eu amo os suplícios da virtude, os sublimes despojamentos de si, a pobreza espiritual perfeita dessas almas que pudicamente se envergonham de Minhas graças e de Meus dons! Porque isso é um fruto escondido ao mundo... porque... não digo mais... (CC 13,236)

7. Boa vontade

A boa vontade é uma graça que encerra muitas virtudes, como a presteza no divino sacrifício, a abnegação, a humildade, a renúncia de si, o sacrifício e o desejo constante de agradar-Me. É o que peço e desejo dos corações, essa boa vontade singela e forte, que se aparta do mal e se une ao Sumo Bem, deixando-se fazer. Essa boa vontade humana é a que estreitamente se une à vontade divina, alcançando a maior perfeição que pode existir na terra. Essa boa vontade é a atmosfera em que vive o justo. É a riqueza, o tesouro com que se compra o céu. É o mesmo Espírito Santo comunicado à alma, que a possui e guia. (CC 11,147-149)



8. *Mansidão*

A mansidão é filha da retidão e dom do Espírito Santo. Esta virtude é indispensável na vida terrena do homem e muito rica em frutos para a alma. (CC 13,12)

9. *Bondade*

A bondade é filha da santidade e fruto do Espírito Santo. Alimenta-se de todas as virtudes, nunca anda sem elas. A humildade é sua vida. A obediência, seu centro. A pureza, sua atmosfera. A pobreza, sua delícia. A penitência, seu alento. A presença de Deus, seu ser. A oração, a seiva que a faz crescer. O sacrifício, sua delícia. Deus e o amor divino, seu tudo. O Espírito Santo a produz, lhe dá vida e a embeleza!

Esta formosa, nobríssima e divina virtude tem muitíssimos inimigos. Todos os vícios rodeiam-na como feras famintas, à espreita do momento propício para devorá-la. A soberba, a hipocrisia, a fatuidade, a vaidade, a impureza, o mundo, a comodidade, os juízos temerários e muitos outros perseguem-na constantemente, noite e dia, sem descanso.

Suas armas, com que se defende e triunfa, são o conhecimento de si mesma e o auxílio divino, ou seja, a humildade e a confiança. (CC 13,61-62)

10. *Amabilidade*

A amabilidade é filha da bondade. A verdadeira amabilidade tem como base a expiação. Com efeito, não é apenas uma qualidade espontânea que se encontra em almas amáveis e temperamentos pacíficos, mas é também uma virtude adquirida com sacrifício e domínio de si.

Esta virtude conquista e espraia-se por campos multifacetados, podendo ser encontrada em diferentes tipos de pessoas. Conservar, em toda ocasião, a amabilidade no rosto e no coração, sobrenaturaliza essa qualidade, elevando-a a virtude; alcança muitos méritos e atrai sobre si e sobre os outros as bênçãos do céu. Esta virtude é de muita importância no trato com as almas. Exerce uma missão de grandes e copiosíssimos triunfos junto ao próximo, para a



glória de Deus.

Seus inimigos capitais são a cólera, a falsidade, a hipocrisia e o engano. Sua defesa está na continência, na retidão, na simplicidade e na prudência. (CC 13,87-89)

11. Benignidade

A benignidade de uma alma pura é filha da santidade e fruto do Espírito Santo.

Esta virtude não se hospeda num coração soberbo, inquieto e inconstante. Sua morada está na paz; seu apoio, na paciência. Seu campo está no trato com o próximo. Ali se derrama como perfume suave, fazendo um grande bem às almas. Dissipa sem ruído a ira, a soberba e outras paixões. Satanás a teme por causa da guerra secreta e das vitórias por ele sofridas.

Esta virtude celestial se funda numa profundíssima humildade.

Seus inimigos capitais são a debilidade, a imprudência, a hipocrisia e a soberba. (CC 13,13, 85)

12. Doçura

A doçura é filha da paz. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!

Aqui não falo dos pacíficos por natureza, mas da doçura e da paz adquiridas na luta contínua e na prática de toda virtude. Falo daqueles que, havendo lutado contra suas paixões desordenadas e vícios, venceram, pela graça, a si mesmos e alcançaram a doçura e a paz, para eles e para quantos os rodeiam.

Esta doçura é a que faz os filhos de Deus e os herdeiros do céu.

Certamente, não é a doçura natural de um bom temperamento, nem a falsa doçura que encobre o coração hipócrita e da qual temos muitos exemplos no mundo, nos claustros e entre os que se dizem Meus. Bem distante de semelhante vício está a doçura que traz consigo a paz do Espírito Santo, essa paz bendita que se alcança, se conserva e cresce na constante expiação.



A doçura purifica os corações, torna-os semelhantes a seu Pai que está nos céus, transformando-os verdadeiramente em filhos de Deus.

A verdadeira doçura não está nas palavras melosas e amorosas. O mundo se engana com essa moeda falsa que circula mais do que parece à primeira vista. Mais ainda: muitos dos que usam em profusão palavras melosas e amorosas, além de não ser de Deus, são do demônio, cheios de soberba disfarçada e traiçoeira. Muito mal, muito mais do que se crê, essa falsa doçura causa à vida espiritual.

A doçura reta e santa – repito – não é afetada nem rebuscada, mas singela, aberta, natural, amparada pela paz do Espírito Santo.

A alma que possui essa paz é doce sem sabê-lo nem procurar sê-lo. A santa e pacífica doçura sempre brota de um coração puro ou purificado. Há diferença entre puro e purificado. Há uma doçura própria dos corações puros, em que o próprio Deus colocou sua paz. E há também os corações, como são os corações de muitos santos, que têm lutado contra seus vícios e paixões e adquiriram a doçura e a paz como prêmio de seus combates interiores.

Esses dois tipos de doçura são Meus e não há de se confiar em outros tipos de doçura que não tenham essa marca de santidade.

A doçura é companheira do repouso e da serenidade, e nunca deles se separa. Seu apoio é a retidão. Sua vida e a expiação. Seu descanso, a pureza da consciência.

Seus inimigos capitais são a hipocrisia, a duplicidade e os juízos temerários. (CC 13,134-138)

13. Condescendência reta

A condescendência pode ser uma virtude e também um vício. Nasce da abnegação prudente. Sua finalidade é conservar ou garantir a paz. Além de prudente, precisa ser oportuna, para cumprir sua missão e evitar o mal.

Trata-se de uma virtude muito difícil de ser compreendida e praticada, como é o caminhar num terreno íngreme.

Sua vida é o sacrifício de si mesmo, pois, quase sempre, implica uma violência ao coração.

No que diz respeito ao espírito e à vida interior, é ainda mais difícil,



embora só em poucos casos se pode e se deve usar dela.

Seu oponente é a comodidade. Sua finalidade é evitar os males. Seu apoio é a retidão. Seus principais inimigos, a debilidade e a imprudência. Em certos casos, ainda que poucos, a condescendência é indispensável; em outros, é tolerável; na maioria dos casos, é perigosa.

Esses casos devem ser ponderados com prudência com base no critério da oportunidade, sempre em espírito de oração. A condescendência, quando praticada com todos esses cuidados, é segura e santa.

É uma grande virtude. Quantas vezes Eu a exercitei durante Minha passagem pela terra! (CC 13,92-94)

14. Delicadeza

A delicadeza é uma qualidade e uma bela e fina virtude. É filha da limpeza e do amor a Deus.

Tem seus obstáculos quer como qualidade quer como virtude. Como qualidade, seu obstáculo é o amor-próprio. Como virtude, seu obstáculo são os escrúpulos. Ambos têm consequências fatais.

15. Delicadeza espiritual

A delicadeza espiritual é semelhante a uma pureza da alma que faz com que a consciência lastime qualquer mínima falta ainda que não chegue a ser pecado.

É uma virtude muito útil e eficaz para manter limpa e pura a alma aos olhos de Deus.

A delicadeza espiritual tem consigo a luz divina para conhecer e detestar as faltas e é um dom especial do Espírito Santo concedido a almas prediletas. Não pode manter nem sequer admitir sem pena a mais leve mancha na alma. Que grande e que útil para o espírito é esta virtude angélica e bendita! Faz com que a alma sinta pena do pecado num grau extraordinário. Na delicadeza espiritual perfeita, essa pena interior, esse medo de desagradar a Deus, transforma-se numa dor sobrenatural.

A alma não sofre apenas por ver-se manchada, mas também e sobretudo



por ter ofendido a seu Deus e Senhor. Essa pena machuca, e não descansa até experimentar uma plena e efetiva contrição.

A delicadeza é companheira da contrição, porque nasce na alma pura por meio do amor a Deus.

É uma graça peculiar do Espírito Santo.

A alma delicada não peca, e a alma que não peca se salva. Quando chega a falhar, logo se arrepende e se humilha, e chora seu pecado ou sua falta. Certamente, nela não sobrepuja o amor-próprio por ver-se feia e manchada, mas o amor a Deus continua sendo seu Norte. Por isso, sofre e, por sua infidelidade, morre de pena ao considerar a bondade infinita de Deus.

Muitas graças e méritos são alcançados em favor da alma feliz que pratica essa virtude.

Seus inimigos são o mundo, a vaidade e os escrúpulos.

Seus únicos apoios, a humildade e a pureza. (CC 13,370-372)

SEGUNDA FAMÍLIA DE VÍCIOS

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE HUMILDADE

Obs.: Os Números indicam a ordem que é seguida no texto.



VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE HUMILDADE

- *"Jamais o soberbo há de morar em minha casa."*
(Salmo 100,7)
- *"Onde houver soberba, ali também haverá desonra."*
(Provérbios 14,3)
- *"A soberba é abominável a Deus e aos homens."*
(Salmo 10,7)
- *"Princípio de todo pecado é a soberba; quem nela se compraz será coberto de maldições e será por ela derrubado."*
(Eclesiástico 10,15)

1. Soberba

Que Jesus só se encontra no meio dos homens! Quanta fumaça e quanta palha!

O mais consiste em exterioridades vãs e numa soberba crescente que tudo abarca. Este vício maldito da soberba, vejo-o claramente reinar no mundo e na Igreja: em seus ministros, comunidades religiosas, famílias e nas almas dos que se consideram santos. Espalha-se de forma refinada e espiritual. Vejo-a infiltrar-se muito sutilmente até onde menos poderia suspeitar-se! É o sal com que se tempera o reino das almas.

Meu Deus, que desgraça! E que estragos ela faz inadvertidamente! É um veneno que mata secretamente as almas, se não se lhe interpõe a tempo o antídoto da humildade.

É o rei dos vícios, o vício capital que arrasta consigo os demais vícios e precipita muitas almas no inferno.

Não é exagero dizer que a maioria das palavras, ações e até devoções e



obras piedosas tem essa mancha que, mesmo não sendo pecado, desabona muitos para o céu. (CC 8,2-3)

A soberba é filha de Satanás. Nasce do seu mesmo ser e é mãe de todos os vícios, que gera e traz em seu seio. Todo vício traz em si o germe de Satanás, sua fisionomia, seu semblante. A soberba é causa natural de toda desordem da alma e do corpo. Envenena todo movimento espiritual, destrói toda virtude e santidade. Perniciosa e maldita, a soberba tem derrubado e afundado torres mui altas de santidade. Em maior ou menor escala, todo pecado a traz em si. É uma epidemia universal. Qual sereia enganadora, penetra no mais íntimo do coração humano e adormece-o com sua astúcia diabólica e o manto da hipocrisia e da falsa piedade. Há muita soberba no mundo. Na eternidade, onde já não haverá mais remédio, será terrível e espantoso o despertar das pobres almas covardemente seduzidas e enganadas pela soberba.

Há vários tipos de soberba, moeda de muitos cunhos. A não ser que receba proteção especial da fúlgida luz da graça, quase não há alma que por ela não seja manchada em menor ou maior escala, de uma ou de outra maneira. Pelo discernimento do Espírito Santo, pode ser descoberta na maioria dos atos da vida, pois se ajusta a todo estado, caráter e posição. Nos grandes se apresenta de uma maneira, de outra nos pequenos, nos pobres e nos ricos, nos maus e nos bons, nos espirituais e nos mundanos.

A impureza, o ressentimento, a vingança, a inveja, a ira, o ciúme, a hipocrisia, o orgulho, a obstinação e outros vícios mais ou menos ocultos são seus principais e inseparáveis companheiros. Há outros vícios, horríveis também embora secundários, que, à guisa de satélites, seguem-na sem jamais separarem-se dela.

A incredulidade, a imodéstia, as riquezas, a adulação e as honras são suas armas favoritas, além de outras mil que maneja com admirável destreza. As baixas paixões, das quais a soberba é rainha, formam seu exército, lutam incansavelmente contra as virtudes, levando à perdição eterna as almas, com todos os meios a seu dispor.

O que causa maior tormento em Satanás é seu ódio contra Mim, sua oposição ao Meu poder e grandeza, pois não pode esconder o quanto sou digno de todo amor e louvor, até por parte dele mesmo. A maneira de Satanás descontar e vingar-se é arrebatando das almas a convicção inata de que Eu sou Tudo, elevando-as em falsos pedestais de secreta soberba, transformando-as



em sua presa e afundando-as no inferno. Como seu ser é a própria soberba, Satanás não pode suportar Meu reinado e os louvores que Me são tributados. Todo seu afã é roubar Minha glória, mesmo reconhecendo-Me digno dela, apesar de sua relutância.

Satanás não pode Me amar: esse é seu martírio constante. Assim, aborrece-Me e busca ocultar a soberba para livrar-se de sua pena eterna, sem consegui-lo. Esse é o maior tormento do inferno que persegue eternamente o anjo rebelde. Enquanto espírito Satanás conserva suas qualidades. Sua compreensão tem uma extensão que o homem não pode alcançar nem medir. Tem em suas mãos meios desconhecidos à inteligência humana e é sutil, vivo e esperto para além de qualquer imaginação humana. Satanás também conjectura por alguns indícios o que há de suceder, e mantém em seus laços as almas para induzi-las a pecar. Não conhece o futuro, porém o vislumbra. O campo espiritual é o mais cobiçado por ele, porque é o que mais Me traz glória.

Também entre os vícios, como entre as virtudes, há vícios comuns e ordinários, espirituais e espirituais perfeitos. Isso porque é uma mania de Satanás imitar falsamente tudo o que é santo e perfeito e que pode glorificar-Me. Sua eterna vingança contra Mim é roubar-Me o amor e o louvor, já que ele não pode dá-los. Em seu coração sombrio, o ódio luta contra o amor, e, como nele a fonte do amor está ressecada, a vingança o impele contra Mim. Nele tudo o que devia ser amor transforma-se em ódio e aversão.

Toda a criação, tudo o que sai das mãos da infinita e divina onipotência tende à gratidão, ao amor e ao louvor do Criador. Mais que ninguém, Satanás compreende e experimenta em si mesmo essa necessidade evidente. Incapaz, porém, de expressar louvor, gratidão ou amor, Satanás brada, desespera-se e transmite sua dor a todo o inferno e aos condenados. Assim, apesar deles, todos dão-Me glória, visto que a essência do seu desespero é sua inclinação natural impedida de voltar-se para Mim, sua única razão de ser.

Esse tormento é o que constitui a essência do inferno, em que as almas já queimam, e queimarão, mais tarde, junto a seus respectivos corpos por toda a eternidade. Isso há de ser assim e é justo, pois em Deus sequer há sombra de injustiça. Pelo contrário, esse eterno tormento é a própria glória da justiça ultrajada e o castigo da soberba. Tão grande é a soberba, que a onipotência infinita criou o inferno para castigá-la da forma devida.

Tanto quanto amo a humildade, e é muito, assim também detesto a soberba



em todos seus aspectos e formas. Nada abomino quanto a soberba, uma praga tão repugnante para Mim, que abandono logo a alma em que há soberba e Me retiro. A soberba entra por uma porta da alma, e Eu saio por outra.

2. Soberba espiritual

Existe uma soberba clara, se é que à soberba pode aplicar-se essa palavra. É a menos nociva e a mais fácil de extirpar. Há também outra soberba, espiritual, veneno e destruição de toda comunidade religiosa. Quantos estragos! Quantas almas enganadas, precipitadas na ruína sem ao menos saberem por quê!

Contudo a soberba mais prejudicial, que corrói os corações no oculto, mata e ainda passa despercebida, é a soberba espiritual perfeita. Chamá-la-emos assim porque é tão refinada e delicada, quão venenosa e prejudicial. Esse tipo de soberba é a que reina nas almas que se dizem Minhas. Nelas se esconde entre mais secretas dobras da inteligência, da memória e da vontade. É tão disfarçada, que só pode ser vista graças à luz divina! Geralmente as almas que a abrigam, passam por santas aos olhos do mundo.

As próprias almas não se dão conta de que têm em si esse tipo de soberba. Mesmo quando, por uma graça muito especial, se descobrem soberbas, duvidam, turbam-se, rejeitam semelhante calúnia (em sua opinião, mesmo que não o expressem dessa maneira). Exatamente o ressentimento dessas almas representa o sintoma de que há nelas uma chaga que sangra. Há de passar muito tempo para que essas almas se convençam de seu erro, e não terão outro remédio a não ser uma firme e profunda vida de humilhação, até tomarem de volta o caminho legítimo que as reconduzirá àquelas moradas autênticas a que se chega unicamente pelo estável caminho da humildade.

Terríveis são os perigos da soberba sem a graça e o dom especial do Espírito Santo, que envolve e defende as almas.

Numa falsa vida extraordinária, a soberba reina constantemente como senhora. Pode, por vezes, chegar a entrar até numa vida extraordinária verdadeira, mas sai derrotada. Pode disfarçar-se e enganar por um tempo. Ao fim e ao cabo, será sempre descoberta e banida.

Na vida extraordinária interna e perfeita, o Espírito Santo mantém sua morada, a alma é fiel e tem em si o dom da humildade, inimiga mortal da



soberba, que, assim, não tem brecha e é sempre barrada e rechaçada. Essa, porém, é graça especialíssima outorgada pelo Espírito Santo a mui poucas almas. Por isso, não se deve confiar nem descansar na luta contra esse inimigo capital que infecciona com seu hálito impuro todos os atos da alma e da vida da criatura.

Eis um alerta para a vida interior: a maioria das almas jaz adormecida nas finas redes da soberba espiritual e da soberba espiritual perfeita. Essas almas passam sua vida tranquilas em meio a elogios, sem divisar a serpente infernal que há dentro delas e que as adormece. Ao seu redor, há um ar de fina autocomplacência, e nenhum vento é capaz de tirá-las daquele suave ar perfumado que respiram. Acostumam-se com práticas exteriores de humildade com que acreditam estar a salvo da soberba, quando nisso mesmo manifesta-se a cauda serpentina desse vício maldito.

Criam hábitos de penitências e mortificações, comuns e privadas, com as quais entendem estar a serviço de Deus, o que lhes proporciona a paz do dever cumprido e até a ilusão de ser generosas, em razão do que se gloriam e envaidecem por suas obras. Em seu íntimo, nutrem sentimentos de grandeza, acreditam valer mais que as outras e ser as prediletas de Deus. Mesmo quando, à primeira vista, rechaçam tais pensamentos como tentações, nelas permanece o gozo especial de uma dúvida prazerosa que as entretém e as faz felizes. Mas isso, lá, bem no fundo, sem que sequer desconfiem de sua soberba. Pobres almas enganadas! O que elas creem serem tentações, são aromas que brotam do próprio incenso que está dentro delas.

Essas almas, ao examinar-se a si mesmas, encontram-se santas mesmo quando se dizem pecadoras. Com sua vista ofuscada, não acham nada que possa tirá-las do trono em que se encontram. Faltas e pecados estão longe delas. Não sabem que estão à beira de um precipício. Não sabem que o demônio em pessoa realiza, nelas, sua colheita de forma diferente, pondo-as num pedestal e fazendo com que mui secretamente se adorem.

Quantos casos desses há na Igreja!

A dor destrói a soberba. Somente a Cruz, com sua ação divina, é capaz de expulsar Satanás e destruir suas maquinações. A almas incautas e superficiais,



Satanás sabe dar consolo e agrados ilusórios, que no meio do mel escondem veneno. A firmeza está numa vida de intenso sacrifício, na destruição do homem velho, na prática firme das virtudes morais. A Cruz desmascara a soberba e todos seus disfarces. A dor impulsiona fortemente a vida espiritual: aclara os falsos caminhos extraordinários, tão cheios de mel e perigos satânicos.

Nas comunidades religiosas, há muita mundanidade e sensualidade: a Cruz é postergada, e dificilmente alguém dispõe-se a ser cravado nela. As comunidades religiosas afundam, porque lhes falta a Cruz. Permitiram que reinasse a comodidade. Pelo contrário, faz-se necessário que a dor ocupe seu assento. Já é tempo que as almas despertem, vivam da Cruz e para a glória de Deus. A Cruz e a dor vêm destruir a soberba: são as armas que a vencem e destroem nas almas. São essas as armas que o demônio mais teme, porque são letais para os vícios.

Bem-aventurada a alma que se agarra à Cruz e se prende nela! A Cruz lhe servirá de escudo e defesa contra a soberba e seus sequazes. Será repleta da abundância dos dons e das graças do Espírito Santo. (CC 14,63-77)

3. Ira

A ira é filha de Satanás e tem em sua essência a mais refinada soberba. A ira é uma paixão cega que em suas manifestações desenfreadas ofusca e turba a razão. Esse vício terrível é sempre veemente e desvairado. É incompatível com a paz do Espírito Santo, o repouso, a serenidade, a prudência, a justiça, o domínio de si, a humildade e outra multidão de virtudes.

Na alma iracunda, habita Satanás. A ira – repito-o – procede diretamente do fogo da soberba e do orgulho. Esse vício tem em si a chama envenenada da vingança. É fogo que incendeia o coração, agitando as potências da alma e corrompendo seus atos.

A ira é fruto da sensualidade e do prazer. Toda alma que vive conforme seus caprichos, leva-a consigo. A penitência, a mortificação, a autoflagelação dominam a ira e extinguem na alma essa maldita paixão que tantos e tão grandes males causa à pobre criatura.

Ninguém imagina os terríveis pecados e os crimes espantosos causados pela ira. Uma alma possuída por tão tremenda paixão, cega em seu furor, é



capaz de perpetrar os mais horríveis atos.

Com seus sentidos alterados, o homem irado iguala-se a um bruto sem razão. Nada é capaz de deter a fúria de um coração iracundo que se desborda: como torrente impetuosa, tudo arrasta diante de si e nada o detém até consumir-se sua vingança.

A ira destrói a ordem. Desequilibra a alma em todas as suas operações. Incapaz de autodomínio, a alma irascível não encontra paz, quietude e tranquilidade.

A ira existe em toda classe e condição social, em todo estado e ocupação. Entretanto encontra terreno fértil num coração inculto que jamais se preocupa de arrancar os cardos, dominar a si mesmo e ser virtuoso. Pode ser encontrada também nos santos que, com seu temperamento colérico, inclinam-se à ira. Os santos, porém, aproveitam-na para o bem: lutam, vencem a si mesmos, logram grandes conquistas e com seus méritos moldam a eterna coroa celeste.

A ira é propriamente uma paixão que o coração culpado transforma em vício, permitindo que cresça, se desenvolva e transborde. A alma espiritual põe freios e domina essa paixão. A alma sensual, pelo contrário, solta as rédeas da ira, que, sem freios, domina o espírito, avassala-o, põe-no a seus pés e pisa-o.

Oh, inaudita desordem! A alma dominada, pela graça teria meios suficientes para pisar e repelir as paixões, mas não o faz! Quantas almas assim há no mundo! A maioria vive à vontade, escrava de vícios de que deveria ser senhora!

De onde vem tanto mal? Da sensualidade, da falta de sacrifício, do abandono total da Cruz.

A ira vai sempre em busca de alguém a quem ferir. Se não o pode pelas obras, o faz pela murmuração, seu braço direito.

Tenho explicado suficientemente a ira ordinária entre os que são do mundo. Mas existe também outro tipo de ira, de natureza espiritual. Consiste num íntimo desdém da alma em relação a Mim, e num arremedo de paciência misturada com ira, que se inclina não para a Minha vontade, muitas vezes difícil de ser aceita, mas para a realização do seu próprio querer.

Essa ira disfarça-se com a capa da mais fina hipocrisia. Eu, porém, a conheço. A alma irosa, por vezes vê claramente sua ira; outras vezes, de tão oculta que está dentro dela, não a enxerga, embora se expresse por uma inquietação interior e um profundo arrependimento.



A ira espiritual perfeita consiste numa espécie de profunda tristeza que excita e irrita a alma contra a vontade divina. A soberba mais delicada e oculta está aqui, fazendo a alma pensar que é credora daquilo que Eu não lhe dou. Com isso, sente revolta contra Mim e desafia até certo ponto Minha justiça. Tudo isso, porém, com mil disfarces de uma fingida resignação que o próprio Satanás põe astutamente no espírito do homem.

A alma que tem em si a ira espiritual perfeita, sente uma íntima aversão contra Deus, que em si é má e deve ser emendada com atos de puríssima resignação e santo abandono. Satanás consegue disfarçá-la com a aparência de uma grande virtude, apresentando-a como fome e sede de grande perfeição.

Revela-se assim o espírito mau que infunde a ira espiritual perfeita nas almas boas, turbando-as internamente e manchando-as com a baba asquerosa do seu veneno infernal.

Geralmente, o demônio usa a ira espiritual perfeita na secura, aridez e dificuldade da oração, e manipula-a, infundindo na alma abandono e desolação.

Remédio contra a ira comum e ordinária (vício que aborreço infinitamente, porque vai totalmente de encontro à mansidão e à doçura do Meu Coração) é o domínio de si com seu séquito de virtudes morais. Paciência e humildade também são armas fundamentais para derrotá-la. Virtudes combativas, como firmeza, fortaleza e constância, também têm aqui um grande campo de ação.

A ira espiritual é curada pelo desprezo de si; por uma profunda, firme e sincera humildade; agradecendo imensamente o menor dom ou a menor graça recebida; considerando-se uma alma absolutamente indigna dos maiores favores.

A ira espiritual perfeita encontra seu remédio no completo e total abandono à vontade divina: a alma morre a si mesma, a seus gostos e vontades, sacrificando-se inteiramente a Mim, com todos os seus sentidos e potências, querendo apenas o que Eu quero ou não quero dar-lhe, com a santa e perfeita indiferença de uma alma pura e imolada por puro amor.

As almas que agirem assim, serão felizes. Satanás terá muita dificuldade em cativá-las. Será vencido e enxotado com essas armas poderosas, pois jamais poderá atravessar as trincheiras da humildade e da Cruz. (CC 14,268-278)



4. Desconfiança

A desconfiança é o pecado que mais detesto, o que mais Me ofende e o que dificilmente perdoo. É um sinal claro de reprovação a Mim e envolve todo coração impuro. É uma tenebrosa obscuridade da qual poucas almas conseguem sair e só em virtude de alguma graça particularmente poderosa que as leve de volta para a luz.

A desconfiança, já não como pecado, mas como simples defeito, interrompe na vida espiritual as graças celestes: à medida que a desconfiança cresce, as graças se arredam.

Se a desconfiança é perigosíssima na vida do pecador, na vida do espírito não é para menos, embora numa proporção diferente.

Quereis cortar a fonte das graças? Desconfiai. Não há veneno mais mortal para a alma que a desconfiança, filha de Satanás e irmã inseparável da soberba. Numa alma receosa, também há soberba. Muitos males espirituais têm na descrença sua origem. Parecem virtudes revestidas de humildade, mas são apenas vícios horríveis.

O pecador que não dá crédito joga lama na misericórdia de Deus. E esse pecado não tem perdão. Ouvi bem: todos os pecados podem ser perdoados, exceto o pecado da desconfiança, que desiste da infinita bondade. Em razão de tal crime, o pecador encerra as portas do perdão e do céu.²

O infeliz que desconfia, despreza o Sangue do seu Senhor e seu imenso e infinito valor, vive em pecado e não pode salvar-se.

Enfim, a desconfiança é o sinal mais seguro da impenitência final. (CC 13,557-567)

2 No evangelho de São Mateus, lemos: "Todo pecado e toda blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não lhes será perdoada. Todo o que tiver falado contra o Filho do Homem será perdoado. Se, porém, falar contra o Espírito Santo, não alcançará perdão nem neste século nem no século vindouro" (Mateus 12, 31-32). "Embora não haja pecado algum sem perdão, contudo Jesus diz que este não alcançará perdão, para dar a entender que será perdoado com mais dificuldade que os outros, porque se contrapõe diretamente à fonte de toda graça" (São João Crisóstomo, Homilia 32 sobre São Mateus).



5. Susceptibilidade

A susceptibilidade é filha da soberba e da delicadeza. Satanás a introduz mui sutilmente nas almas para, mais tarde, por seu intermédio, levá-las a outros vícios.

A susceptibilidade é a rainha do amor-próprio. A imaginação tem como missão alimentá-la, agravá-la e dar-lhe mil formas em seu crescimento.

Este vício detestável reina nas almas sensuais onde faz enormes estragos.

Toda alma soberba é susceptível: não se pode mexer com ela sem que faça um escândalo. Por mais delicadamente que se toquem as fibras dessa alma, logo ressoam num rugido retumbante, abalando tudo ao seu redor. São almas em que ressoa um sensibíllissimo amor-próprio que repercute a grande distância e por muito tempo.

O orgulho mais refinado é terreno propício para a susceptibilidade, uma dor interior que acomete a alma ao simples imaginar-se esquecida e depreciada. Sua causa principal são as preferências: a imaginação fere, com o agudo punhal do amor-próprio e do desprezo ou esquecimento alheio, essa alma desgraçada, que pula como possessa, deixando-se arrebatada, interior e exteriormente, pelas avassaladoras paixões da cólera, da ira, da vingança, do ódio e do rancor.

De todas essas feras indômitas, derivam milhares de pecados, com que se ofende diariamente Meu Coração, que é todo humildade e mansidão.

A susceptibilidade é uma faísca que, de repente, acende o coração com o fogo de mil paixões criminosas.

Quantos pecados se cometem por esse maldito vício da susceptibilidade, quando menos no foro íntimo do coração. Trata-se de um vício ou paixão que irrita a alma. Queima-a, fazendo-a gritar, murmurar, revolver-se. De maneira vergonhosa e malévola, também machuca o próximo, de quem se sente ferida, mesmo sem o outro ter culpa.

As almas susceptíveis não conseguem viver tranquilas. Sentem-se, constante e mortalmente, feridas. Levam uma existência cheia de tempestades sombrias e dolorosas penas. É tão grande seu amor-próprio, que, ao menor sinal do mais insignificante desprezo, magoam: nos olhares, nas palavras, nos sorrisos e até no próprio silêncio, encontram motivo para sentir-se ofendidas. São falsos cristais que trincam até com o reflexo da própria luz. Parecem de açúcar, pois se derretem e desfazem ao menor contato com uma gota d'água.



Enfim, são a soberba personificada, aquilatada, que torna as almas intratáveis e os corações desgraçados e podres.

Deveras triste e infeliz é a vida de uma alma susceptível! A indolência, a comodidade, a preguiça e a sensualidade agigantam a susceptibilidade e a sensualidade nas almas que têm uma secreta adoração de si mesmas, que as leva a ocuparem-se e pensarem apenas em si mesmas.

Muito longe estou Eu dessas almas que incensam constantemente a si mesmas. É tão sutil o vício da susceptibilidade que leva as almas a ficarem susceptíveis consigo mesmas. Não posso enviar-lhes a menor cruz, que murmuram, se queixam e chegam até a blasfemar contra Mim, ofendendo-Me.

Muitos pecados contra a fé agitam essas almas, que se consideram merecedoras da minha atenção. Infame Satanás, até onde chega a tua maldita soberba e astúcia!

6. Susceptibilidade espiritual

Na vida espiritual e no trato comigo, muito sutilmente, Satanás também introduz este vício horrível da susceptibilidade nas almas soberbas. No secreto da sua intimidade, essas almas chegam a formar um alto conceito de si mesmas. Por espanto dos próprios anjos, essas almas acreditam serem credoras dos Meus favores e das Minhas graças, mas, como isso as separa mais ainda de Mim, cresce nelas uma ira espiritual perfeita contra Mim, que Me ofende em demasia!

Esse tipo de falsa santidade torna as almas susceptíveis até contra Mim! Se não as consolo quando elas imaginam que deveria fazê-lo; se não lhes concedo favores sensíveis; se me escondo na oração; logo se voltam contra Mim, feridas em seu amor-próprio, e, em seu íntimo, reprovam Meu injusto procedimento.

São almas miseráveis e desgraçadas, enlaçadas por Satanás com a fina soberba espiritual perfeita! Neste campo da susceptibilidade espiritual, Satanás mantém sua rede de ilusões e enganos espirituais. Transformando-se em anjo de luz, satisfaz os caprichos das almas susceptíveis e soberbas, usando seu lado mais vulnerável: eleva-as num trono; admira hipocritamente suas virtudes; outorga-lhes prazeres sensíveis; embriaga-as com o delicioso licor do



amor-próprio satisfeito; concede-lhes diabólicos e crescentes favores, arroubos e revelações; cativa-as, por fim, com falsas visões e contemplações, fazendo-as cair de altos pedestais até a eterna ruína. Oh, almas soberbas e susceptíveis, quanto as compadeço! Que se detenham, abram os olhos e, contemplando seus erros, caiam de joelhos diante de Mim. Com o rosto no pó, profundamente humilhadas, peçam perdão e comecem o abecê da vida espiritual pela obediência cega a seus superiores ou a um sábio e santo diretor espiritual.

Toda santidade que se ufana exteriormente ou se compraz de si mesma no íntimo ou alimenta sua susceptibilidade, é falsa e perigosa. Os verdadeiros santos jamais se têm em conta como tais. Vivem escondidos até de si mesmos, cegos e sem aspirações, aperfeiçoando-se para agradar unicamente a Mim. Não são susceptíveis, não têm mais pretensão a não ser a de ser depreciados. E desprezam a si mesmos com todo seu coração.

Remédio contra o grande mal da susceptibilidade é o desprezo por si mesmo por meio da constante meditação do nada e da miséria do homem.

Neste mundo só triunfarão as virtudes guerreiras. Diante de tamanho inimigo, é preciso um forte exército, formado por domínio e renúncia de si, labuta, firmeza, vigor moral, luta, generosidade e constância. Bem-aventuradas as almas que souberem pôr em prática essas virtudes! (CC 15,87-94)

7. Orgulho

O orgulho é pai do escândalo e filho da soberba. É causa de inúmeros males. Milhares de pecados derivam dele. É o sopro de Satanás e sua própria substância: todo ele é feito dessa substância. O orgulho é a elevação constante do coração que busca as alturas, envaidece-se e vê os demais, desde seu pedestal, como insignificantes, indignos e depreciáveis.

O orgulho é um fumo denso que envolve a imaginação em nuvens de vaidade que se dissolvem nas alturas. É uma paixão que ofusca a razão humana, enchendo-a de vã soberba. É um vício horrível que distancia do pobre, do desamparado e do débil, atacando diretamente a caridade.

Odeio o orgulho e o orgulhosos, porque um coração orgulhoso carrega em si Satanás. O coração orgulhoso é imundo e impuro.



O âmago do orgulho é Satanás: desse centro abominável, surge e contagia milhões de corações.

O orgulhoso é arrogante, vaidoso, perverso e iracundo, avaro, invejoso, estulto, por vezes hipócrita. A sensualidade arrasta-o. A humildade repreende-o. A mortificação repugna-o. O contato com o pobre repele-o. O orgulhoso é fingido, falso, egoísta, murmurador, colérico, vingativo, rancoroso e até pérfido.

Todo vício ou paixão ressoa, mais ou menos intensamente, no coração do orgulhoso: a frieza congela-o; a indolência arrasta-o; a comodidade e a mais refinada delicadeza fazem dele sua presa. O cansaço espiritual, o fastio pelas coisas divinas e o desânimo o dominam. Nele mora a surdez espiritual: ao irromper das paixões, é incapaz de ouvir a suavíssima voz do Meu Espírito.

O coração do orgulhoso vive sempre agitado, em contínua angústia por não ver-se aplaudido pelos demais, conforme sua pretensão. O coração orgulhoso não tem paz, tranquilidade, repouso: seus constantes desejos de glórias e incensos tornam-no um desgraçado. Seu coração, delicado e susceptível enfurece-se a qualquer vento, perdendo a esperança, sempre propenso a incendiar-se à menor faísca, ao menor ciúme, à menor inveja. As tempestades enfurecem em seu íntimo, terríveis, sem controle, até privá-lo de seus sentidos e, por vezes, da sua razão.

Desgraçada é a alma que leva em si monstro tão poderoso. Se não o degola e mata, será infeliz para sempre, num antro espantoso do inferno, expressamente criado para castigá-la.

É o orgulho adversário da humildade: é uma forma de soberba com aparência mais viva, pois o orgulhoso vive e respira da própria soberba. A bela virtude da paciência está muito longe do orgulhoso, cujo desespero chega ao cúmulo nas contrariedades, desencantos e decepções da vida. Como vive o orgulhoso de vãs fantasias e fictícios castelos de fumo, ao deparar-se com a realidade, cai, machucando-se, de suas grandes alturas.

De tão desgastante, essa maldita paixão não afeta apenas o homem exterior, mas também seu trato interior para Comigo, por reduzido que seja. Impregna-se de tal modo nos atos e no próprio ser do homem, que todo ele exala orgulho e soberba. Quando envio, para seu bem, alguma dor ou pena, enfurece-se contra Mim, mais ou menos abertamente. E disso procedem horríveis blasfêmias que Meus santíssimos ouvidos escutam. Como ofende a Deus o coração do orgulhoso!



O orgulhoso traz em si uma corrente de incontáveis pecados, que Satanás amarra em seu pescoço, arrastando-o para a eterna perdição. Quanta amarra desse tipo há no mundo material e espiritual, pois o orgulho é fruto para todo tipo de clima, e mobília para todo tipo de casa! Em palácios e cabanas, claustros e salões, dentro e fora da alma, encontra-se essa serpente infernal cheia de pérfido veneno. Esse vício maldito faz seu ninho também na vida espiritual: insinua-se na vida ordinária, e até na extraordinária, detestado por Deus particularmente pelos males infinitos que causa às almas. Oh, vício abominável, que provocou a queda do anjo de seu trono e inunda o mundo de males e pecados! Deus detesta tanto o vício satânico quanto seu miserável autor, que, desesperado, revolve-se em sua própria obra, delirante e cheio de furor!

A Cruz o esmagará, ela que é agulhão do orgulho e pesadelo de Satanás!

O remédio do orgulhoso está na Cruz, da qual brota a humildade, antidoto da arrogância. A alma que queira curar-se desse mal gangrenoso, apele ao desprezo de si, à renúncia total da própria vontade, rendida nos braços da obediência. Com vigor moral, firmeza, constância e generosidade, abrace as mais profundas e repugnantes humilhações, a labuta, a docilidade, a submissão e a paciência. Que se crave na Cruz e, nessa voluntária e constante crucificação, encontrará formosas virtudes, inclusive a fortaleza para pô-las em prática.

Na Cruz, encontram-se todas as riquezas e joias com que se derrotam os vícios e se ascende ao céu.

A inimiga mortal de Satanás é a Cruz. À exceção de Maria, a ninguém odeia mais que a Cruz, porque sabe muito bem Satanás que nela se encontra toda riqueza espiritual. Nem ignora que a Cruz é a porta por onde se entra no céu. A Cruz é a porta do paraíso. Cristo crucificado é a chave divina dessa porta ensanguentada. Terminou sua vida cravado na Cruz, para que as almas, por meio dessa divina chave, abrissem a porta da Jerusalém celeste. Graças a seus méritos infinitos, tingidas com seu Sangue e beneficiadas pelas virtudes da Cruz, as almas entrarão triunfantes no céu.



Na Cruz, esbarra todo orgulho: no fruto bendito dessa árvore santa, que é Cristo, desfaz-se, dissipa-se, dissolve-se todo coração soberbo. Diante do Cordeiro sem mancha crucificado, sucumbirão os corações mais orgulhosos, esmorecendo na cruz toda perversa perturbação. À sombra da Cruz, desvanece toda fantasia, toda vaidade humana, toda altiva aspiração; quebra-se toda soberba; aquece-se todo coração morno ou frio; acalma-se todo ruído mundano; aquieta-se todo ódio, rancor ou vingança; encontram-se a paz e a tranquilidade, a serenidade e o repouso. Em contato divino com a Cruz, o coração começa a provar o suave sabor da profunda humildade, da pureza imaculada, emendando-se de todos os males.

Na Cruz está o remédio do orgulho. Na Cruz, rompe-se em mil pedaços toda paixão má. Na Cruz, nasce, cresce e se desenvolve a via espiritual, vida puríssima, feita de sofrimentos, que torna o homem feliz no tempo e na eternidade. (CC 14,232-331)

8. *Amor-próprio*

O amor-próprio é digno filho da soberba e do orgulho; amigo íntimo, familiar e amante da hipocrisia. Traz em si, refinadas e escondidas, todas as más qualidades de seus pais, e não deixa nada são no coração humano infectado por essa peste. São espantosos os inúmeros males, causados no coração humano por esse vício infame, que se cobre com mil disfarces e brilhos. Procede de Satanás, que é a fonte de todo mal, e tem sua mesma fisionomia e seu semblante.

O amor-próprio consiste numa refinada e delicadíssima soberba, que tem aparência de discrição, prudência, necessidade, honra ofendida e outros mil pretextos com que adoça seu veneno.

Entra com a mesma liberdade e descaso no coração do santo e do perverso. É moeda de vários cunhos, que corre e circula por toda parte e em muitas direções. À exceção de Maria, que jamais teve a menor mancha, na terra quase não há ser humano imune a esse vício hipócrita e traidor.

O amor-próprio é um miasma fétido que corrompe as ações do homem e até seus atos internos com que se volta a Mim: de meritórios e inocentes, os torna ofensivos e dignos de reprovação e castigo.



O amor-próprio é um verme roedor que destrói as obras do homem e derruba torres de santidade, minando suas fundações.

Muitos apóstatas, muitas almas grandes que venceram a íngreme montanha da perfeição, caíram, mais tarde, no mais profundo abismo dos vícios por culpa do amor-próprio, origem de lamentáveis desgraças.

Essa maldita soberba, disfarçada, pouco a pouco destruíra o edifício, até derrubá-lo e transformá-lo em ruínas e lenha seca para o inferno.

O amor-próprio, aparentemente, é um mal pequeno, mas de fato é um mostro que devora milhares de corações.

O amor-próprio é um ladrão que rouba os méritos da alma, desvirtuando seus atos e valores: é o veneno que estraga os frutos do espírito e tira o brilho das mais nobres virtudes. É a praga que assola os campos da vida espiritual, destruindo ou, ao menos, manchando tudo quanto toca, a fim de causar-lhe um dano. É o vício que põe a perder as comunidades. Enfim, é o inimigo e adversário da humildade, do sacrifício, da abnegação e da dor.

O amor-próprio detesta a pobreza, a mortificação, a penitência, e foge de toda pena, sofrimento e Cruz. O amor-próprio foge da Cruz e do Crucificado; conseqüentemente, de todo o bem, pois a alma que se separa da Cruz e a rejeita, separa-se de Jesus e o rejeita.

O amor-próprio, instintivamente, busca satisfazer sua sede de todas as formas e maneiras possíveis, sem se importar com os meios utilizados para alcançar seu fim. É insaciável em suas aspirações. Nas almas mais tolerantes, é mais desmedido, dominando-as por completo e estabelecendo nelas seu reinado.

Comodidade, indolência, preguiça e delicadeza são frutos dessa árvore podre que é o amor-próprio. A sensualidade é seu assento: nela cresce, se desenvolve, se impõe e acaba por reinar abertamente com uma crescente soberba, sua companheira.

O amor-próprio faz estragos incalculáveis no homem. Desgraçada a alma que se deixa surpreender nas pequenas coisas por esse monstro disfarçado: mais tarde, ele impor-se-á com seus rugidos. Sem uma graça muito especial e grande, será impossível à alma dominá-lo e destruí-lo.

O amor-próprio é um mar tempestuoso que anda à solta pelo mundo. Na vida espiritual, é um mar calmo, porém sempre mar. Ainda que na superfície pareça tranquilo, no fundo rugem e se debatem as ondas de milhares de secretas paixões.



Seu campo mais cobiçado é o da vida espiritual, onde junta seus melhores frutos e colheitas mais finas.

Têm amor-próprio as almas que buscam a si mesmas e não renunciam a si por completo. Levam em seu íntimo uma legião de falsas perfeições e santidades, que Satanás introduziu junto ao mais refinado amor-próprio, as almas que, hipocritamente, se dizem indignas, vis e miseráveis; as que se detêm interiormente a contemplar seus triunfos e conquistas; as que, com ternura e satisfação, se admiram; as que, no mais oculto do coração, construíram um trono em que, de quando em quando, sobem a contemplar-se e deleitar-se consigo mesmas.

Tem amor-próprio toda alma que não morre a si mesma, que não se rebaixa e humilha, que não se despreza e não foge até da sua própria sombra.

A alma que não se decide, com firmeza e constância, a lutar e morrer antes que deixar-se vencer, valendo-se dessas armas poderosas que ferem e sangram, ficará presa a seu amor-próprio, sem nunca alcançar o cume da perfeição.

O profundo desprezo de si e o martírio constante dominam em seu nascer, por pequena que seja, toda e qualquer rebelião da alma, vencendo sempre sua soberba e orgulho; eliminam, desde logo, qualquer movimento de autocomplacência; pelo conhecimento de si mesmo e a vigília constante, previnem a menor turbulência do coração. Tudo isso derrota e destrói o amor-próprio. E se, numa alma assim dominada, de vez em quando aparecer algum vestígio de amor-próprio, será tão débil, que, longe de causar algum dano, servirá a essa alma para humilhar-se mais e mais, e viver em constante vigilância a fim de não ser surpreendida e desbaratada. São esses os remédios do amor-próprio. Certamente remédios que doem, que exigem firme disposição para o combate e uma alma valente e generosa. Almas frouxas e preguiçosas ficarão submergidas no amor-próprio e continuarão suas quedas intermináveis no mar profundo da soberba.

Ao debilitar e destruir o amor-próprio, triunfa-se de muitos e muitos vícios. Todos eles, em maior ou menor grau, carregam-no junto à soberba e ao orgulho. Essa tríade execrável inunda o mundo, infectando as almas com seu sopro peçonhento.

A Cruz esmaga e destrói o amor-próprio. O amor intenso, inflamado pela dor, move-lhe guerra, purificando as almas e derrocando-o do seu trono. A dor dá a Cristo a glória que Satanás lhe tira e destrói o reinado do amor-próprio.



A dor faz com que a alma busque e ame a Cristo; e a alma que ama deveras a Cristo se aborrece de si mesma. Nesse feliz aborrecimento e ódio santo de si mesmo está a morte do amor-próprio. Na Cruz está sua completa derrota. Bem-aventurada a alma que a ela se abraça e recorre. Nela cravada, morre a si mesma para ressuscitar em Mim e viver tão somente a vida divina da graça. A alma ditosa que agir assim, começará na terra uma vida de puro e santo amor que continuará, mais tarde, na eternidade. (CC 14,331-340)

9. Indiferença culpada

A indiferença procede da dissipação e da soberba. A frieza e a tibieza formam seu entorno. Chega a indiferença a congelar de tal modo o coração, que nada é capaz de devolver-lhe a vida da graça.

Esse vício horrível costuma juntar-se à infidelidade e à inconstância. Sua marca é a ingratidão.

Uma alma pecadora tem remédio. Uma alma indiferente não tem remédio. A indiferença culpada é a rainha dos vícios: conduz a alma à impenitência final e ao inferno.

Almas pecadoras e até obstinadas chegam a converter-se num golpe de graça, mas almas indiferentes têm dentro de si uma surdez total, uma insensibilidade fatal por tudo o que é divino, que se fecham por completo ao arrependimento e à graça.

Chegam as almas a essa indiferença letal, coroa de todos os vícios, pelo caminho ladrilhado de pecados. Satanás as conduz pela mão até se tornarem indiferentes, passando pela soberba, luxúria e impureza, que são os vícios que mais arrefecem as almas, submergindo-as na fonte venenosa de uma gélida indiferença.

A indiferença mata os sentimentos santos da alma. Rouba-lhe a vida da graça e mergulha-a em águas tão profundas, de onde jamais lhe permite sair.

Certamente não é essa a indiferença santa que ajuda a alma pura a entregar-se totalmente à vontade divina. Pelo contrário, é uma indiferença maligna, brotada de um coração infame, manchado de todos os vícios.

É o pecado que produz esse tipo de indiferença: alimenta-a e fá-la crescer para matar a alma infeliz que a traz em si.



Nada de espiritual pode comover uma alma indiferente: olha os santos sacramentos e tudo o que é divino através dos óculos embaçados da indiferença. Não se aterroriza com as verdades eternas, nem se comove e derrete com a suavidade das Minhas ternuras e dos Meus sacrifícios.

A soberba penetra na alma indiferente e senta num trono. Mesmo que o próprio Deus ficasse a seus pés, não conseguiria dissuadi-la por nada neste mundo. Que grande desordem existe dentro dessa gélida indiferença que nada é capaz de derreter! Como as almas deveriam livrar-se dela! Ninguém acredite que a indiferença toma possa da alma repentinamente. Pelo contrário, mina a alma pouco a pouco por meio de vícios que chamamos pequenos, e que não o são: pelo respeito humano, pela comodidade, pela fraqueza e a delicadeza, pela debilidade e a fragilidade, pela inconstância e a covardia, pela ociosidade, pelo fastio, pela preguiça e a mentira, pelo cansaço e pela susceptibilidade, pelo fingimento, a hipocrisia e a dissipação, pelo sensualismo e por todos os demais vícios quando crescem em malícia e intensidade.

Essa é a escada maldita pela qual a alma desgraçada chega até a indiferença. Quanta indiferença existe no mundo e a quantos crimes conduz! O inferno regozija-se ao ver a indiferença religiosa espalhar-se pelo mundo.

Não há outro remédio para a indiferença a não ser uma total reforma interior da alma, algo certamente difícil se não vier do céu em seu socorro uma torrente de graças especiais. (CC 15,167-171)

10. Obstinação

A obstinação nasce de uma infame malícia e traz em suas veias o veneno da impureza, da luxúria e, sobretudo, de uma grande arrogância. Tem em si uma semente infernal. A não ser que a vença uma graça muito especial, geralmente seu fim é a impenitência final e a condenação.

A obstinação é o vício de um coração impuro e orgulhoso. Não tem luz, porque vive envolta no assombro dos pecados que mais cegam a inteligência e cortam toda graça sobrenatural da alma. Esses pecados apartam a alma de Deus, mergulhando-a na morte e na culpa mortal. Jamais a graça ilumina um coração obstinado. A obstinação é um vício horrível que apaga a luz da fé sem que a alma volte a vislumbrá-la.



Há incrédulos que chegam a humilhar-se e, com isso, a salvar-se. Uma alma obstinada, entretanto, jamais se humilha. Desse modo, persistindo em seu pecado, não dobra a cerviz diante de seu Deus e Senhor. Por fim, morre esmagada por uma espantosa cegueira e logo passa à tenebrosa noite do inferno.

Essa obstinação é mais castigo que vício. Castigo terrível da Minha justiça para com as almas impuras, maliciosas e soberbas. (CC 14,127-129)

As almas podem condenar-se também por uma obstinação na vida espiritual que se apoia na soberba. A alma que se obstina em juízos temerários, que se detém nos ardis de Satanás, que faz pouco caso dos avisos que a graça lhe envia, oportuna e particularmente, e que, por sua dureza e capricho, insiste no erro, ainda quando se lhe ensine a luz, essa alma perde-se e afunda em vícios espantosos.

Que as almas se detenham, olhem com atenção o terreno que pisam e examinem cuidadosamente sua marcha para que não caiam. Profundíssima humildade, cega obediência, pureza angelical e martírio são os pontos cardeais de toda vida espiritual e as sólidas bases que devem sustentá-la sob a Minha sombra. Que as almas religiosas meditem esses pontos: por eles orientadas, estarão sempre a salvo da confusão e da obstinação. (CC 14,133-134)

11. Cólera

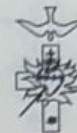
A cólera é filha da ira. Descende da soberba e, portanto, do próprio Satanás. Traz em suas veias, plenamente desenvolvidas, todas as qualidades da sua mãe. Explode como pólvora em suas manifestações, incendiando-se com o fogo vivo de uma ira espantosa.

A cólera também é cega e precipitada. Em suas expressões de crescente furor, deixa a alma maculada de mil pecados, que, frequentemente, acarretam graves consequências e danos funestos. (CC 14,279)

A cólera é o espelho em que Satanás se olha. Trata-se de paixão desvairada, precipitada e desordenada.

A obstinação e a confusão sempre a acompanham. Ai da alma infeliz em que a cólera, paixão detestável e desenfreada, faz o seu ninho!

A veemência desse vício violenta todo ato humano, mergulhando-o em graves males, com consequências lamentáveis, de que o homem sempre há



de arrepender-se. A cólera é uma paixão perturbadora que enche de ruído e agitação o coração soberbo e orgulhoso em que se hospeda. É uma faísca vulcânica que, em instantes, acende o coração do homem com a espantosa paixão da ira.

Onde reina a cólera não pode existir a paz do Espírito Santo. Ao tomar conta de uma alma, esse vício afugenta toda santa inspiração. A alma colérica é soberba e suja a ponto de não conseguir enxergar Minha imagem divina. O ouvido da alma do colérico está tão cheio de ruído, que jamais escuta a suavíssima voz do Espírito Santo. Seu ouvido é surdo às inspirações da graça.

A alma colérica enxerga o mundo que a rodeia com os óculos de uma soberba secreta. Foge-lhe, portanto, a realidade, que se lhe apresenta distorcida e enganosa. A cólera distorce todos os sentidos. Ai da alma presa em suas rédeas! Cai em desgraça e, se não se emenda, a cólera poderá ser para ela ocasião de perdição eterna!

Oh, Satanás, quantas conquistas fazes com esse maldito vício que obscurece a razão do homem!

A cólera, sem dúvida, como princípio ou causa ativa do coração humano, é uma força boa e de grande proveito. Quando é ordenada, proporciona à alma grandes méritos. No entanto o mal do temperamento ardente do colérico consiste no uso desordenado dessa paixão: em vez de refrear seus ímpetos, solta suas rédeas, deixando-a crescer, desenvolver-se e dominar a sua razão e a sua vontade.

O remédio desse mal consiste no domínio de si. Tanto para a mãe quanto para a filha, a saber, tanto para a ira quanto para a cólera, o antídoto é o sacramento do altar, a recepção contínua daquele Coração que é todo doçura, paciência, mansidão e humildade. Esse é o remédio dos remédios, a fortaleza da alma, o corretivo de todos os vícios, a fonte inesgotável de todo bem, santidade e perfeição. Ali está o fogo eterno das virtudes, o amor maior e a dor mais sublime dos quais provém todo bem para as almas que o buscam com avidez e persistência. Essa Carne puríssima e imaculada, esse vinho que gera virgens, são a cura e a defesa de todos os vícios. (CC 14,281-284)



12. *Altivez*

A altivez é filha do orgulho e da soberba, sempre acompanhada pelo mais rebuscado amor-próprio. É um vício bastante desagradável que eleva o coração humano sobre os demais, levando-o a desprezar os irmãos. É contrário à caridade e causa à alma grandes males de todo tipo. A altivez do coração afugenta a graça do Espírito Santo, cuja falta mergulha a alma num caudal cheio de vícios. Para a alma altiva, tudo é pequeno e indigno dela.

No mundo, há confusão entre nobreza e altivez, duas coisas mui distintas. Falo de nobreza de sentimentos e não de sangue, que entre essas também há muita diferença, pois nobres há com títulos mas sem nobreza de coração (mesmo que, frequentemente, uma acompanha a outra), enquanto pessoas há sem títulos mas com alma nobre dos mais finos e delicados sentimentos. A verdadeira nobreza encontra-se nas virtudes. Uma alma que as pratique, possui a verdadeira nobreza. Nesse sentido, a nobreza é uma virtude.

A altivez, pelo contrário, em qualquer caso, é um vício detestável que traz em suas veias o sangue do orgulho e da soberba. Um coração altivo será humilhado. Um coração humilde será glorificado e cumulado de dons e graças.

A altivez é detestada por Deus, a quem agradam humildade, bondade e benignidade. Acerca-se das almas que não temem rebaixar-se em demasia e não se atribuem valor algum. A essas almas Jesus procura, ama e se comunica.

A altivez se cura com a prática constante das mais baixas e repugnantes humilhações perpetradas pelo próprio demônio na alma valente desejosa de servir-Me e santificar-se. As forças para a aplicação desse remédio encontram-se na oração. (CC 14,344-346)

13. *Complacência vã*

A soberba produz a vã complacência em todas as suas formas. A vã complacência espiritual, em especial, é um defeito muito sedutor, que chega a possuir a alma a ponto de transformar-se em vício.

A vã complacência consiste num secreto contentamento da alma para com suas virtudes, que acabam por serem alteradas e corrompidas. A vã complacência é um veneno que perverte até os atos mais santos, apagando e eclipsando



seu brilho. É um estorvo para as graças do Espírito Santo.

Contemplando-se e incensando-se, a alma fica, culposamente, refém de si mesma. Satanás se compraz. Os anjos entristecem-se por essa autocomplacência.

A vã complacência se insinua muito sutilmente e se encontra, em maior ou menor grau, em todas as almas. Só uma criatura ficou isenta, Maria imaculada, que nunca se manchou sequer com a sombra de algum vício ou defeito.

A vã complacência é um inimigo a quem a maioria das almas não teme. Somente Eu posso medir os estragos que faz na vida espiritual. Quantas almas, mesmo religiosas, passam a vida contemplando-se e admirando suas qualidades e virtudes interiores!

Após atento exame, vê-se que, em muitas orações cheias de paz, suavidade e doçura, geralmente existe muita vã complacência. Essas almas que jamais têm luta e gozam de falsa tranquilidade (sendo que a verdadeira vida espiritual é uma guerra constante) são impregnadas de vã complacência e respiram felizes tão sutilmente iludidas.

Quantas virtudes desfigura e torna irreconhecíveis a vã complacência! Com que refinada malícia, muda o ouro em cobre vil! A alma soberba, que em tudo se busca, sem renunciar a si e mortificar-se, fatalmente cairá em tão grande mal.

Todavia a vã complacência ainda vai mais além, buscando, como pode, ainda que disfarçada e hipocritamente, os elogios dos quais goza e nos quais encontra sua felicidade. Em sua solidão, deles regozija-se a alma, desfruta dos mínimos detalhes, fartando-se com seu recordo, deliciando – diria – não apenas seu paladar, mas também seu ouvido com tão agradável melodia.

Sobretudo no trato espiritual de confessores, diretores e superiores com seus subalternos, são muito frequentes e danosos os efeitos da autocomplacência.

Essas almas, acostumadas a viver entre os fumos de suas importantes qualidades e prendas, não podem suportar a menor humilhação por parte dos homens, quem dirá buscá-la por iniciativa própria. Têm aversão a tudo o que lhes tolhe o mérito diante do mundo e de si mesmas. O dia em que, por graça de Deus, se veem desmascaradas, sofrem terrivelmente, porque acostumaram-se com um trato bem distinto.



Quantos enganos satânicos se insinuam pela porta da vã complacência! Torna as almas débeis e fracas, tirando-lhes o vigor. No dia em que lhes falta o incenso alheio, entristecem-se e se enchem de pesar. Estão acostumadas a nadar nas águas do amor-próprio satisfeito. Quando lhes faz falta, consideram-se desgraçadas.

Essas almas creem viver do Meu espírito, mas só vivem de si mesmas. Creem receber os benéficos efeitos do Espírito Santo, mas trazem em si o próprio Satanás, envolto na finíssima capa da soberba. Bem distante dos corações cheios de si mesmos, encontra-se o Espírito Santo, que só desce em almas puras ou purificadas, totalmente esvaziadas de si mesmas.

Há vã complacência em tantas almas que dizem conduzir uma vida espiritual e asseguram ser Minhas! Como são falsos, entretanto, os amores dessas almas para Comigo! Quem não renuncia a si mesmo, não pode seguir Minhas pegadas. A alma que mais nega a si mesma, será a que mais terá amor por Mim.

Almas acostumadas a comprazer a si mesmas dificilmente chegam a compreender seu erro. Transviadas em sua falta de juízo, atribuem-se virtudes como a doçura, a condescendência, a generosidade, a benignidade e a suavidade.

O remédio para a vã complacência encontra-se na renúncia e negação de si mesmo, com o apoio da graça, da firmeza e da fortaleza divinas.

Ditosa é a alma que supera, despreza e abomina a si mesma, deixando-se vencer, sem voltar a rebelar-se contra Deus. Ditosa mil vezes a alma que, negando-se em tudo, toma sua cruz e vive só de Mim, seguindo Minhas pegadas ensanguentadas. Receberá um grande prêmio e será, ainda na terra, muito amada pelo Meu Coração. (CC 15,210-217)

14. Respeito humano

O respeito humano é filho do amor-próprio e da debilidade. Trata-se de um vício que invade o mundo espiritual, mergulha-o no fundo de mil misérias e afoga as almas em suas pútridas águas. É um vício infame que faz com que os corações se envergonhem de Mim e das coisas que deveriam honrar. É o tropeço das almas débeis, covardes, que não me amam de veras. Caem nesse vício milhares de pessoas aparentemente piedosas, que, no entanto, têm um coração falso, Me amam apenas com a boca e sucumbem à menor prova



quando se trata de confessar o Meu nome. Tudo isso porque, em seu coração, Eu não estou presente.

Essas almas túbias têm uma falsa religião e não têm força para defender sua fé diante do mundo e dos Meus inimigos. Eu as observo com pena, porque cairão em grandes males. Ai de quem se envergonha de Mim! Ai dos que não Me proclamam como seu Rei diante do mundo! Ai de quem, escondendo-se, não tem força para reconhecer-se Meu! Eu não o reconhecerei no dia da Minha vitória! Ai de quem, por causa do maldito e detestável respeito humano, renega sua fé e dispensa os sacramentos e os atos de verdadeira piedade!

Tenho um castigo especial para o respeito humano. Satanás lança num fogo voraz as almas que no mundo arrebatou dos Meus braços, fazendo com que, afastando-as do Meu Coração, se envergonhassem de Mim, começando pelo respeito humano até chegarem ao ódio e à malícia extrema contra Mim.

Oh, infame Satanás! Com que sutileza pescas milhares de corações que deveriam ser Meus, mas que, lastimavelmente, cedem ao respeito humano! Ó miserável! Fazendo-os cair à primeira tentação, leva-os, depois, de precipício em precipício, até precipitá-los na dúvida, no desespero e no inferno. O respeito humano é um ímã satânico que atrai as almas para arrojá-las no inferno. Na vida espiritual, como uma muralha impenetrável ao redor da alma, impede qualquer comunicação com Deus. O respeito humano é pedra de tropeço para a falsa piedade; pedra de toque para a santidade. É o reduto onde se prova o verdadeiro amor. É o crisol onde é separado o oro do ouropel; o que tem valor do que não tem; o amor legítimo do amor falso.

O respeito humano tem dois aspectos execráveis e prejudiciais. Por causa dele, cai-se numa multidão de atos pecaminosos. Diante de um mundo devasso, quando a alma não tem força suficiente para resistir ao mal, é débil na fé, não Me conhece, não Me estuda nem Me ama, deixa-se levar pela rápida correnteza desse maldito vício.

O respeito humano frustra uma multidão de boas e santas obras; impede que se dê glória a Mim; detém com mão de ferro a alma para que não Me siga; afasta-a de Meus braços, dos Meus favores e das Minhas graças.

O respeito humano afronta o bem e tolera o mal. Oh, desprezível respeito humano, arma de Satanás que trazes em tuas veias o sangue da soberba e da debilidade, causada pela falsidade das virtudes! Eu te detesto e abomino infinitamente, porque somente Eu sei até onde vai tua miserável infidelidade.



Incalculável para o homem é o estrago feito pelo respeito humano e a astúcia infernal com que Satanás o manipula. É uma das redes mais astuciosas que possui e utiliza no campo espiritual.

Não é de se estranhar que almas superficiais e mundanas o levem consigo, posto que vivem numa atmosfera fria de falsa piedade. Mas o que mais Me dói é que o inimigo da Minha glória também reina entre as comunidades religiosas e entre as almas que se dizem Minhas. A menor falta dessas almas prediletas dói-Me tanto que nem se pode imaginar. Essas faltas do respeito humano, entre religiosos e sacerdotes, são como facadas que rasgam Meu divino Coração. Oh, ingratidão humana, até onde chegas!

Envergonha-te, homem, diante de quem derramou todo seu Sangue por ti! Diante de quem baixou do céu para a terra, a fim de salvar-te e morrer numa Cruz para dar-te a vida! Cora diante desse Redentor que tanto te amou! Humilha-te diante desse excelente amante, que, para não abandonar-te, permanece, até a consumação dos séculos, nos altares; que, enquanto existir um homem na terra, encontrar-se-á numa hóstia consagrada, para acompanhá-lo e salvá-lo! Desse Deus te envergonhas, repito, e não ousas pronunciar seu nome diante de um punhado de vis e miseráveis criaturas que hoje existem e amanhã desaparecerão?

Oh, soberba do coração! Amor-próprio! Culpada debilidade! Não se atreve o homem a dobrar em público seus joelhos diante de Mim, mas se inclina, despreza-se e humilha-se até o ponto mais baixo e degradante, diante de uma mesquinha paixão! Que contraste! Que aberração!

“Não a Esse, mas a Barrabás”, gritou um dia, frenético, todo um povo, o povo escolhido. E esse mesmo grito ainda ressoa em milhares de corações que se envergonham de pronunciar o nome de Cristo que os enobrece, enquanto enchem sua boca com algum título vão, oco e vazio. Como não são capazes de confessá-lo, negam a Cristo. Como não são capazes de praticá-la, rechaçam qualquer virtude.

Oh, mundo! Oh, mundo! Precipitas a ti mesmo na eterna perdição, se não te detém, em tua vertiginosa carreira, a Cruz, que só pode salvar-te. O respeito humano dominar-te-á enquanto não te crucifiques, enquanto escolhas a Barrabás, enquanto não te entregues e proclames em alta voz: que Jesus Cristo é teu Rei, e tu, seu vassalo; que Deus é teu Senhor, e tu, seu escravo; que Ele é teu Criador, e tu, sua criatura; que Ele é teu Pai, e tu, seu filho; que Ele é



teu Deus, e tu, o produto de suas divinas mãos, disposto a servi-lo, amá-lo e confessar publicamente seu santo nome. Tu pertences a Ele e tens a honra de servi-lo, o desejo de amá-lo, a ânsia de corresponder, quanto possível, à Sua vontade.

Tomara que os homens pusessem isso em prática! Destruir-se-ia o reinado do respeito humano no mundo, que é o próprio reinado de Satanás e de seus vícios, que a Cruz veio derrubar. O remédio do respeito humano é o domínio de si, produzido pela oração mental constante, que acende o fogo do amor divino no coração.

A alma que Me ama não se envergonha de confessar Meu nome nem de pertencer-Me, perante a impiedade do mundo. Suporta o detestável deboche, que se lhe proporciona, com integridade e gozo, porque sua felicidade é ser Minha e dar-Me provas do seu amor, sendo feliz em todo tipo de martírio e dolorosas humilhações.

A gloriosa legião dos mártires, das virgens e dos confessores têm dado e dão prova do seu amor e da sua fé, pisando e vencendo toda forma de respeito humano. E ninguém pense que a todos esses santos e aos que são Meus, Satanás não os tenha tentado – e com que força e insistência! – com a sedução do respeito humano. Claro que sim. No entanto, passando por cima dela, com a fortaleza do amor divino, todos eles calcaram sob seus pés o respeito humano, destruíram-no em seu coração pelo autocontrole e domínio de si, triunfando do demônio e de si mesmos, dando-Me honra e glória.

Tenho também um prêmio especial para os vencedores do respeito humano. Cumulá-los-ei de recompensas, reconhecê-los-ei como Meus no grande dia da Minha vitória, e ainda neste mundo lhes darei graças e bens espirituais em abundância. (CC 14,407-416)

15. Afetação

A afetação é filha do amor-próprio e da hipocrisia. É um vício ridículo e odioso, próprio de inteligências curtas e de almas hipócritas. É companheira inseparável e parenta próxima da tríade formada por presunção, pedantismo e pretensão. Todas elas descendem da soberba e do orgulho. Contudo a afetação supera todas, porque está sempre unida à mais sofisticada hipocrisia.



A simplicidade, a singeleza e a franqueza mantêm-se bem longe da alma imodesta. A amabilidade, a sinceridade e a clareza jamais chegam às suas portas.

A afetação associa-se à falsidade, à duplicidade e à mentira. Aborrece-Me e jamais inclino Meus olhos para uma alma hipócrita e afetada.

Numa alma afetada, não pode haver vida espiritual, pois esta se contrapõe a tudo o que é falso, enganoso e hipócrita. Um dos fundamentos da vida espiritual é a singeleza unida à cega obediência; e a afetação não é nem singela nem obediente. A afetação traz em si a soberba, totalmente contrária à obediência, e a hipocrisia, contrária à singeleza. Como Me espanta uma alma cheia de afetação! Quanto amo a simplicidade, a singeleza e a claridade!

O remédio da afetação se encontra na constante meditação da miséria do homem e do seu nada, e na prática contínua da humildade. A alma que deseja abandonar um vício tão odioso, precisa ser valente e abrir seu coração a um santo confessor, revelando toda a sua malícia, por mais asquerosas que sejam suas chagas. O autodomínio há de imperar e destruir o hábito da afetação, por meio das virtudes da sinceridade, da claridade, da amabilidade e da singeleza. (CC 14,350-352)

16, 17 e 18. Pretensão, presunção e pedantismo

Pretensão, pedantismo e presunção são filhas do amor-próprio. Formam uma tríade e andam sempre juntas, enchendo de fumaça o coração do homem.

A pretensão eleva o homem muito acima de suas qualidades. O pedantismo sustenta sua altivez: o homem enxerga tudo abaixo de seus pés, como miserável e desprezível, achando-se melhor que os outros. A presunção completa o quadro: é um falso pedestal onde o homem orgulhoso acreditar-se capaz das maiores empresas e virtudes, sem o apoio divino e o auxílio dos homens.

Oh, inaudita soberba de Satanás! Seu fim iníquo é a perdição do homem, que engana insuflando-lhe o orgulho e o amor-próprio.

Desses três vícios estão cheios os corações. Abundam nas almas de tal modo e em tal grau, que chegam a cegá-las por completo, mantendo distante a humildade.

Todo coração soberbo hospeda esses vícios, frutos da sua mesma arrogância e com a mesma natureza do amor-próprio.



Oh, pretensão miserável da pobre e limitada natureza humana tão sem fundamento!

Oh! Pedantismo louco e desatinado, que não tens em que apoiar-te, a não ser na podridão e no pó de que o homem é formado!

Oh, vil presunção, vã fumaça, fogo fátuo, que vangloria-se sem nada ser, nuvem que logo se dissipa! Em que te fundas para ensoberbecer o pobre coração do homem? E, no entanto, o homem estufa-se com esse vento de vaidade mundana; vive dissimulando seu engano e parecendo satisfeito e contente com o que não é e com as falsas ilusões que forja em sua crescente soberba! Ai! Só nos umbrais da eternidade abrir-se-ão seus olhos e tocará então a viva realidade!

As riquezas e as honras com todos os seus perigos, que são muitos, servem de alimento a esses três vícios que crescem e se desenvolvem, ofuscando a razão e separando a alma de Deus.

O remédio para esses vícios e suas loucas ilusões, que tanto ensoberbecem o coração humano, é a humildade e o desprezo de si. Mas onde se encontram as almas que, por amor a Mim, se disponham a descer de tão altos pedestais, abraçando a pobreza, a humilhação e o rebaixamento próprio? Muito poucas são, infelizmente, e muito raramente aparecem para consolar Meu Coração.

Também na vida espiritual, há pretensão, pedantismo e presunção, pois, onde penetra a soberba, também entra sua coorte. Esses vícios impedem a comunicação divina: Deus só se entrega a um coração humilde que nada presume e de nada se crê digno nem capaz. Jamais o Espírito Santo desce num coração pretensioso e altivo, mas só num coração manso e humilde. (CC 14,3411-344)

19. Vaidade

A vaidade é filha da soberba e do amor-próprio. Está em todos os corações, sobretudo nos femininos. É um vício que nasce com o homem, e cresce e se desenvolve em maior ou menor grau, conforme os meios que se lhe proporcionam. Eleva a alma da terra em devaneios imaginários e loucas quimeras que logo passam e se desvanecem como fumaça.

Principalmente a mulher tem-na incutida em seu próprio ser. Antes morre a mulher do que a vaidade que ela traz dentro de si.



Quem, com a sensualidade, alimenta a vaidade, verá esse vício crescer desmedidamente, arrastando a alma até a sua perdição. Se a puser em seus limites e a dominar com o espírito e a razão, poderá debilitá-la e prendê-la, embora jamais destroná-la por completo.

A vaidade é uma paixão extremamente tenaz. A guerra para derrotá-la dura a vida inteira. É uma serpente de sete cabeças: ao esmagar uma, levantam-se as outras.

É tão sutil a vaidade que, na companhia do amor-próprio, de onde procede, insinua-se em todo coração; nas coisas humanas e nas divinas; no material e no espiritual; no sadio e no perverso; no teatro e no templo; debaixo da seda e do saco de carvão; debaixo do manto real e da roupa mais pobre. Sua insolência atinge tal grau, que corrompe até os atos da mais pura piedade e da mais santa devoção. E infiltra-se – horror! – até no mais íntimo das virtudes, pervertendo-as. Encontra-se igualmente em festas e enterros. É um vício tão maldito, que não se contenta em chegar até os umbrais da morte, mas perpetua-se ainda na arquitetura dos sepulcros.

A mulher ama a vaidade. Tem-na sempre por companheira, à guisa de uma segunda natureza. Em seus pensamentos, desejos, movimentos, aspirações e respirações, há vaidade; em suas potências e sentidos, e até no fundo do seu espírito há vaidade. Para derrotar um vício tão horrível, a mulher precisa de armas mui poderosas. E é um triunfo grande para ela podê-lo dominar e em parte vencer, porque é um mostro com muitas vidas que precisa ser apunhalado sem descanso.

É indispensável, para empreender com fruto a vida espiritual, derrocar a vaidade, pondo-a acorrentada debaixo dos pés. Nisso consiste o primeiro degrau do caminho espiritual. Sobretudo se é mulher quem se propõe a chegar à perfeição. Sem passar por essa etapa inicial, a vida espiritual será ilusão, já que não pode existir perfeição espiritual numa alma vaidosa.

Na vida espiritual, a vaidade é um dique poderoso que detém a comunicação divina. No mesmo instante em que a alma se envaidece pelas graças recebidas, atribuindo-as a seus próprios méritos, estas se retiram e a abandonam. Não há coisa que mais rechace o Espírito Santo que a soberba e todos os vícios que dela derivam.

A vaidade é um movimento secreto do coração, uma ilusão que ilumina os atos da criatura a seus próprios olhos com arroubos que passam e que



deixam, depois, o desencanto da triste realidade. A vaidade é uma fantasia quimérica que desvanece e passa, deixando, após sua passagem dourada, um remorso pungente na alma. É um vento que envolve e enche o coração momentaneamente, deixando-o, mais tarde, triste e sem brilho. É a loucura universal do coração humano. É uma espessa fumaça com que Satanás ofusca a inteligência: levanta o homem às alturas para, de lá, deixá-lo despencar. Nas almas levianas, a vaidade é uma poeira levantada por Satanás, a fim de ofuscá-las e sujá-las de terra.

As riquezas conferem à vaidade um impulso extraordinário. As honras e os altos cargos, no mundo e na Igreja, fazem-na agigantar-se.

Na vida espiritual, além de ser um dique, é uma praga que desvirtua os atos mais santos, contaminando-os com seu contato. A alma vaidosa carrega também outros vícios, como a soberba, o orgulho, a presunção, o pedantismo, a fatuidade (sua irmã), a pretensão e o amor-próprio. Desgraçada a alma que se deixa enredar em malhas tão finas!

O remédio contra a vaidade é muito árduo, implica grande força de vontade, acompanhada pelo desprezo de si. Trata-se de romper constantemente toda revolta interior, com atos de profunda humilhação. Sempre se opor a toda inclinação rebelde. Estudar e meditar tal vício para chegar a dominá-lo e vencê-lo. Mais ainda: é mister recorrer à fonte de todas as graças, por meio da oração, para alcançar a vitória contra esse vício que logra apoderar-se das obras, das palavras e até dos pensamentos da criatura.

A vaidade chega a formar uma segunda natureza no homem; contamina os atos da sua alma a ponto de tornar-se natural em todas as suas operações. Insinua-se até o mais recôndito da alma. Há vaidade no falar e no calar; no andar e no sentar; na elegância e na pobreza; nos movimentos, palavras, escritos e pensamentos; nas orações e devoções; no prazer e na sobriedade. No ar que se respira, também há vaidade. Nas comunidades religiosas, há vaidade em altíssimo grau. Há conventos que são redutos do amor-próprio e da vaidade.

A alma que, abraçada à Cruz, renuncia a si mesma, alcançará subjugar a vaidade e terá forças suficientes para mantê-la vergada a seus pés. Bem-aventurada a alma que vence a vaidade! Subirá a um grau muito alto de perfeição. (CC 14,352-359)



20. *Vanglória*

A vanglória deriva da vaidade. Eleva o coração humano em nuvens de fumaça que se esvaem ao menor indício de vento. Conforme seu próprio nome, a vanglória é falsa. Entretanto o coração humano corre atrás dela e paga com ouro em profusão um pouco que seja desse vil pó que o vento leva embora. A preço da própria consciência, o homem compra tresloucados louvores que não passam dos lábios de quem os pronuncia. Oh, incompreensível loucura do coração humano que se vende por um preço tão vil!

A constante meditação das próprias misérias, das verdades e das realidades últimas cura a vanglória e faz o coração humano conhecer-se, conhecer-Me, amar-Me e abominar-se. Quando a meditação acende na alma o fogo da caridade, mata o germe da vanglória e induz o homem a humilhar-se, esconder-se e depreciar-se até chegar à perfeição.

A luz, os dons e as graças do Espírito Santo não descem num coração que busca, deseja e ama a vanglória. A quem, com destemor rechaça-a, foge dela, abomina-a e detesta-a, a esse Deus escolhe para nele derramar seus tesouros divinos. O Espírito Santo põe o suavíssimo licor de seus favores não em frágeis vasos quebradiços, mas em vasos de ouro puríssimo que guardam, perfeitamente fechados, seus perfumes.

A vanglória é o trono de Satanás, trono movediço e fictício que ilude as almas que se lhe entregam. Falso, enganoso e traidor és tu, Satanás! Já é tempo de cortar teu arroubo. Que cessem teus enganos perniciosos e tuas falsas vitórias! A Luz brilhará por meio da Cruz, na obscura inteligência humana, e cairá a Meus pés o pano da soberba com que os cega tua infâmia, derrotando tuas vis maquinações e vencendo-te.

Foge, Satanás, que a Cruz vai triunfar e derrocar teus vícios com que submergiste o mundo! Esconde-te nos antros do inferno se não queres ser esmagado pelo enorme peso da Cruz gloriosa! (CC 14,349-361)

TERCEIRA FAMÍLIA

VIRTUDES DE RECOLHIMENTO

Filiação:

- O Silêncio é filho da Humildade.
- O Recolhimento é filho do Silêncio e da Modéstia.
- A Solidão Espiritual é filho da Recolhimento.
- A Meditação é filha da Solidão Espiritual.

Nota:

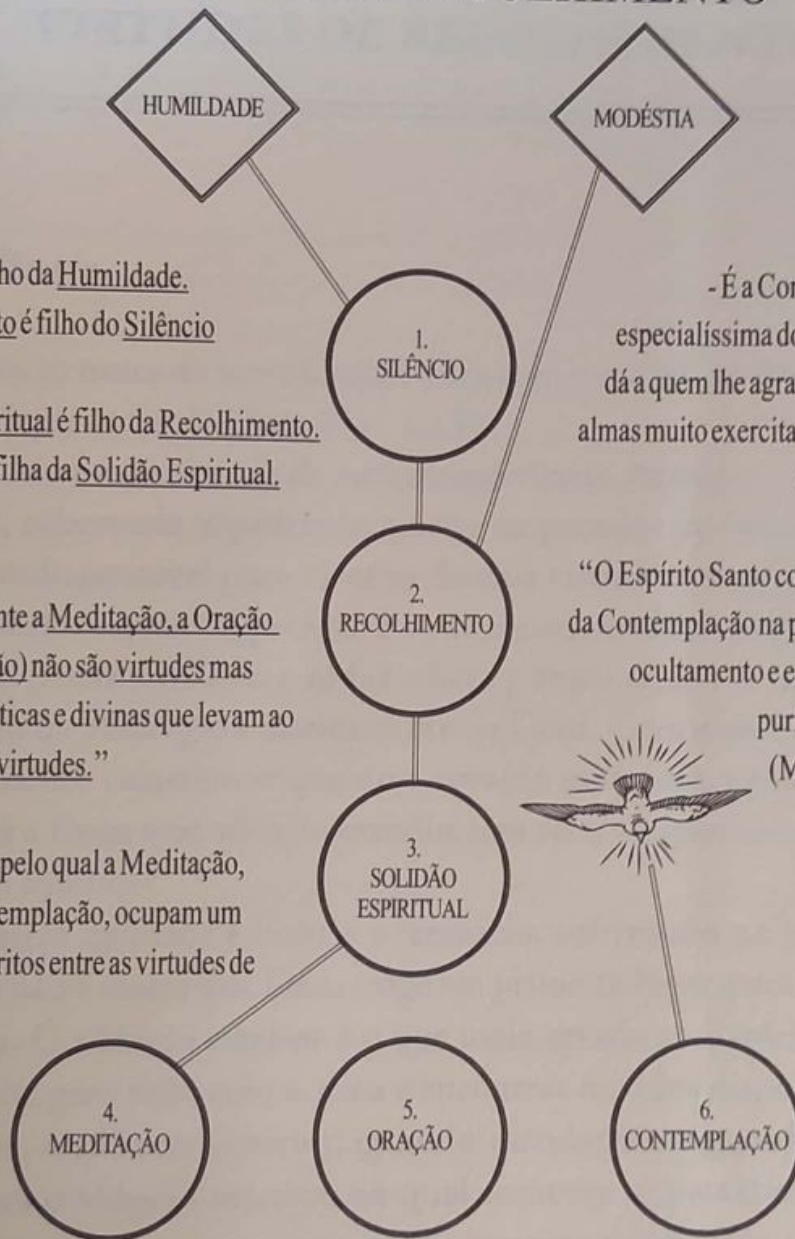
- “Propriamente a Meditação, a Oração (e a Contemplação) não são virtudes mas umas escalas místicas e divinas que levam ao céu por meio das virtudes.”

Esse foi o motivo pelo qual a Meditação, a Oração e a Contemplação, ocupam um lugar nos manuscritos entre as virtudes de Recolhimento.

Filiação:

- É a Contemplação uma graça especialíssima do Espírito Santo, que o dá a quem lhe agrada, mas geralmente às almas muito exercitadas nas virtudes todas e muito Crucificadas.

“O Espírito Santo coloca a graça altíssima da Contemplação na profunda humilhação, ocultamento e escuridão de uma alma puríssima e sacrificada.”
(Manuscrito - Tomo 13)



VIRTUDES DE RECOLHIMENTO

Contemplação
Meditação
Oração
Recolhimento
Silêncio
Solidão Espiritual

VÍCIOS CONTRÁRIOS

Curiosidade
Dissipação
Frigoridade
Imaginação viciada

TERCEIRA FAMÍLIA DE VIRTUDES VIRTUDES DE RECOLHIMENTO

1. Silêncio

O silêncio nasce da humildade, cresce com o sacrifício, floresce e se conserva com a presença de Deus. (CC 1,13)

O silêncio é uma virtude de muita importância. Atrai para a alma grandes benefícios, sobretudo espirituais, e evita os pecados da língua. O silêncio interior é indispensável para viver as demais virtudes em profundidade. O silêncio interior espiritual perfeito é a paz constante da alma que só se ocupa de Deus, só pensa em Deus e só faz o bem porque ama a Deus. O silêncio é a linguagem da alma que é inteiramente de Deus. Com efeito, de que adiantaria se os lábios calassem enquanto o coração murmura, agita-se ou inveja? Contentará a Deus esse silêncio exterior sem ser acompanhado também por um silêncio interior?

O silêncio exterior é bom e necessário, sobretudo na vida religiosa. Entretanto não é esse o que Deus exige em primeiro lugar, para comunicar-se com a alma. O silêncio interior é o que mais agrada ao Espírito Santo, que dele necessita para falar com a alma e encontrar ouvidos dispostos a escutar. Certamente, o silêncio exterior, quando devidamente guardado, serve de preparo para o silêncio interior, no qual somente se percebem os gemidos da Pomba querida, seu canto suave, as amorosas e dolorosas palpitações do Coração de Jesus. Nesse silêncio, escuta-se a voz de Jesus, suas lições, seus amores. Nele encontram repouso a paz, a tranquilidade e as demais virtudes, pois o silêncio é o descanso das virtudes. Seu apoio é uma alma esvaziada. Sua vida é o conhecimento de si mesmo. Sua fisionomia e todos seus movimentos vitais encerram-se dentro da humildade. Seu fim é a santificação própria e alheia.



Jamais está ocioso esse santo silêncio. É um silêncio ativo que incita constantemente a alma a conhecer-se e a conhecer-Me, a desprezar-se e a amar-Me. Nisso alia-se a muitas virtudes suas companheiras e a todos os meios que estão a seu alcance, sendo, ademais, mui amigo do sacrifício e da abnegação.

O silêncio interior beira a oração. Eu o pratiquei por toda a Minha vida, também no tempo da Minha pregação, pois o ato de pregar não perturba o silêncio interior.

O silêncio interior foi a virtude preferida de Maria, que se recolhia em seu interior e guardava em seu coração todos os fatos e palavras da Minha vida.

A alma bem-aventurada que goza desse silêncio interior conserva sempre dentro de si a santa liberdade do Espírito Santo.

É tão grande e necessária essa virtude na vida espiritual, que ninguém chega a compreender inteiramente seu valor. (CC 13,225-228)

O silêncio é remédio eficaz contra a murmuração. Também é um meio eficaz para alcançar o amor divino. O silêncio é de ouro puro. Calar sempre e falar apenas para a glória de Deus e o bem do próximo, é coisa de santos. A língua é o órgão mais difícil de ser controlado pelo homem. É tão fácil falar, e falar mal, caindo na murmuração, que, em muitos casos, o mais prudente e acertado é calar.

O homem raramente se arrepende de ter guardado silêncio; contudo de ter falado em demasia, sempre há de arrepender-se.

O silêncio não só impede a murmuração de quem a ela é propenso, mas corta também a murmuração dos outros. Estingue-se no silêncio toda murmuração: porém no silêncio sincero, total e completo, não só de boca, mas também de coração.

Há também um silêncio dito provocativo (até onde chega a malícia satânica!), que, porém, não é um silêncio sincero que busque a virtude e fuja do vício.

Bem-aventurada a alma que sabe calar! Ver-se-á livre de infinitos males. Muitas e mui heroicas virtudes estão associadas ao silêncio. Soltar as rédeas da língua causa ao homem prejuízos incalculáveis. A alma que não se refreia nas palavras atrai infinitos males para si. O 'pulso do espírito' é a língua. Quando a língua é atada, a alma alça voo e penetra nos segredos divinos. Quando a língua cala, os ouvidos do espírito escutam as inspirações divinas. Tamanho é o ruído da língua no coração, que a alma não pode escutar a voz suavíssima do Espírito Santo.



O silêncio conduz à perfeição, sendo indispensável na vida espiritual. Porém, para que o silêncio seja reto e ordenado, há de ser acompanhado pela virtude da oportunidade. Falar e calar quando convenha é próprio de um homem perfeito e experiente.

Salvo raros casos, silenciar é o que há de mais perfeito e o que mais custa a fazer: calar sempre, não apenas com a boca, mas também com o coração. Calar quando o homem se vê injuriado, zombado, caluniado ou vilipendiado, é virtude santa e mui rara no mundo atual. Grande mérito tem o silêncio em tais casos!

O silêncio tem seu prêmio especial. Pelo silêncio dá-se impulso a muitas virtudes. Nele a caridade encontra, inumeráveis vezes, seu assento.

Silenciar os defeitos do próximo é uma grande virtude. E, quando há necessidade de revelá-los, que seja feito com simplicidade, caridade e com pena interna sincera de quem está obedecendo a uma tal obrigação. (CC 14,392-395)

2. Recolhimento

O recolhimento é filho do silêncio e da modéstia. É indispensável na vida espiritual. É uma virtude interior da alma. O recolhimento exterior brota do íntimo do espírito. A compostura e o recolhimento exterior, se não nascem de uma compostura e recolhimento interior, são falsos e fruto da soberba.

O recolhimento interior é inseparável da presença de Deus: não há um sem a outra, pois, na alma dispersa, jamais descansa o Espírito Santo. O recolhimento interior é sentinela e guarda do silêncio interior. O silêncio é como que o aposento; o recolhimento, a porta de entrada. O recolhimento também é a chave da oração. Sem ele, não se tem acesso à oração, a não ser que Deus, de forma extraordinária, introduza a alma à Sua presença, sem passar pela porta ordinária do recolhimento. Não tão somente o recolhimento leva à oração, mas também conserva a alma em prece.

Que rica é essa virtude, que o mundo só conhece pelo nome! Se as almas compreendessem seu imenso valor, trabalhariam para adquiri-la! Com efeito, o



recolhimento é virtude que se adquire com trabalho e constância, e, obviamente, com a imprescindível graça divina, pois, para ter acesso ao sobrenatural, não basta a força humana, mas é mister a intervenção divina.

A alma recolhida deve ser alma de oração: a alma de oração escala o céu e abre os tesouros da misericórdia divina.

O recolhimento foi o estado de espírito em que viveu Maria. Como é bela aos olhos de Deus uma alma realmente imersa nesse santo recolhimento! Ela atrai sobre si o olhar do Espírito Santo!

É preciso amar muito essa bendita virtude! Nela também habita a santa liberdade da alma.

Nunca percamos, mesmo no meio do mundo, esse santo recolhimento que nos conduz pela mão até a presença de Deus. Esse santo recolhimento interior é um recurso divino para a alma enamorada: a alma vive nele, sem jamais sair do seu seio. Sem perder-Me de vista, sem deixar de olhar para seu Amado, essa alma bem-aventurada comunica-se também com as demais criaturas.

Nessa bendita virtude, encontra-se 'o olhar apenas para Jesus!'

Ninguém pense que a virtude do recolhimento seja exclusiva das comunidades religiosas. Seria um erro. É certo que, nessas comunidades, deve ter principalmente seu reinado e assento. No entanto o recolhimento é próprio de toda alma que ama a Deus, pois quem ama, pensa no amado. E, se na solidão material ou exterior, pensa-se melhor e com mais liberdade, há também uma solidão espiritual, em que se goza plenamente dessa incomparável felicidade. Não quero dizer que a solidão material seja má ou menos necessária e perfeita. Só quero salientar que, nessas virtudes, há certa exterioridade que por vezes as invalida. Eu vou até o âmago da perfeição das virtudes que é o que Me satisfaz e alcança méritos. A solidão e o recolhimento exterior são apenas meios para se chegar à virtude interior, que é a que santifica. O conhecimento das virtudes práticas dirige-se para o fim da solidez das virtudes interiores.

Nunca o Senhor se comunica somente na solidão exterior ou somente no recolhimento exterior. A fim de derramar suas graças, o Espírito Santo busca, ao mesmo tempo, solidão exterior, e recolhimento e silêncio interior. Nessa tranquila quietude, o Espírito Santo deixa-se sentir, escutar e tocar. Só no silencioso e santo recolhimento, deixa-se escutar e tocar. Esse é o privilégio da alma casta. Nunca uma alma maliciosa receberá a graça divina de um pudor recatado.



No silêncio e no recolhimento da alma, acendem-se e crescem os divinos amores. Em breve verás como é necessário esse recolhimento para a vida espiritual e, mais ainda, para a vida extraordinária.

A alma há de se guardar dentro desse santuário interior da comunicação divina: tocar a terra como se não se estivesse tocando, tratar as criaturas com o coração voltado para nosso Senhor, sem dispersá-lo nas exterioridades e sem sair desse santo recolhimento. Os inimigos do santo recolhimento são o mundo, a dissipação, a condescendência, a veleidade, a precipitação e a infidelidade. Esse último inimigo é o veneno que mata o recolhimento. Deus é muito sutil nesse ponto, mais ainda quando eleva a alma até essas alturas: exige uma fidelidade a toda prova. (CC 13,241-247)

3. Solidão espiritual

A solidão interior ou espiritual é a antessala da oração. É filha inseparável do recolhimento.

Para a comunicação divina, é preciso que essa solidão seja acompanhada do silêncio, pois solidão e silêncio não são a mesma coisa. Trata-se de duas virtudes com características próprias, ainda que a sua missão seja muito parecida. Pode haver solidão com ruído exterior e interior. Todavia o silêncio não admite ruído. Solidão e silêncio, juntos, formam o ninho do Espírito Santo.

A solidão interior é o esvaziamento da alma pura ou purificada: com esse vazio, ela prepara uma casa para o Espírito Santo. Esse vazio, indispensável para a comunicação divina, só existe na solidão interior de uma alma límpida, na qual Deus toma assento.

A solidão da alma proporciona esse vazio que o Espírito Santo habita, pois esse divino e santo Espírito jamais desce em almas cheias de si mesmas, de vaidade, de soberba e de vícios. O santo vazio da solidão destrói esses impedimentos, e a alma limpa, que renuncia a si mesma, morre para si, nada deixa em pé em seu coração, essa alma, absolutamente vazia, já começa a viver em seu lugar.

Oh, feliz esvaziamento da solidão de uma alma pura! Se os homens, os que se dizem Meus, compreendessem seu valor, incomparável a nada terreno, sacrificar-se-iam alegres, esforçando-se para alcançá-lo! A alma que vive nessa



solidão, vive muito próxima de Jesus e não demorará para escutar a Sua voz e as puríssimas ternuras do Seu Coração amante.

As almas esvaziadas são as que alcançam esses favores, vivendo na solidão interior de seu coração. As almas que vivem nessa solidão espiritual perfeita respiram um ar que não é deste mundo; já vivem nas altas regiões da vida espiritual.

Quando o Espírito Santo baixa desce nessas almas esvaziadas, sua ocupação é enchê-las e adorná-las de todas as virtudes, santificando seu espírito. Com efeito, o Espírito Santo forma santos espíritos, com suas virtudes, dons e graças. Muito elevadas são todas as virtudes interiores, espirituais e perfeitas, embora acessíveis às criaturas. Uma alma que ama, esvazia-se por meio do sacrifício. O esvaziamento atrai as virtudes. E nas virtudes descansa Jesus. Sim, Jesus só descansa na solidão das almas puras que se crucificam para alcançá-lo. Nessas poucas palavras, encerra-se o Oásis: na solidão e no vazio, estão o amor e a dor. Oh! Se as almas buscassem essa solidão perfeita por meio do sacrifício! Elas chegariam sem dificuldade ao silêncio interior pela porta do recolhimento, e ali escutariam as ternuras e os amores divinos. Desgraçadamente, diante de um mundo materialista e corrompido, poucas almas andam por esses caminhos interiores! Quase todos os homens correm atrás de coisas exteriores! Mesmo alguns dos que parecem espirituais, sem sê-lo, contentam-se com a casca das virtudes, sem penetrar-lhes a polpa dulcíssima, santa e sublime! (CC 3,253-257)

Essa solidão e vazio da alma têm muitíssimos inimigos, que, dia e noite, brandem suas armas. O mundo, o ruído, a inquietação, a agitação, o turbamento, a inquietude e a precipitação; a desordem, a curiosidade, a imaginação e outros vícios, constantemente, assediam e ferem a alma. Esta, porém, à sua volta, também tem uma multidão de virtudes que a defendem: a firmeza, a tranquilidade, o recolhimento, a fortaleza, a paz e a presença de Deus.

Quanto havemos de amar essa solidão interior que proporciona e preserva o vazio da alma pura, limpa e padecente! Essa solidão não consiste numa quietude prazerosa da alma e do corpo, porque o vazio que a forma é fruto de um árduo trabalho do sacrifício e de uma prática constante de muitíssimas virtudes.

Trabalhemos a fim de alcançar a perfeição da solidão espiritual! (CC 3,259)



4. Meditação

A meditação é filha da solidão da alma. À medida que se aprofunda o esvaziamento da alma, com o despojamento das paixões (para isso, a própria meditação é uma arma poderosa), a alma adquire uma luz e um conhecimento sempre mais claros para conhecer-se e conhecer a Mim. A meditação é muito útil para todo homem que vive aqui na terra. Para a vida espiritual, é indispensável. Na meditação, a alma atinge sua luz, força, constância, humildade, obediência e todas as demais virtudes. Para seu fruto e proveito, graças à meditação, a alma adquire também o conhecimento sobre as virtudes.

O mundo se perde porque não medita. A meditação é a porta que conduz à santidade e o caminho para chegar à oração. O homem que medita se salva, porque a meditação é o para-raios do pecado. E o homem que não peca é Meu, e Eu o premiarei como tal.

Toda a vida do homem deveria fundar-se na meditação, porque da meditação nasce o louvor, e o homem, em sua passagem sobre a terra, não deveria fazer outra coisa a não ser louvar-me constantemente. Criei o homem para esse altíssimo fim e coloquei no seu caminho inumeráveis bens para chegar a Mim por meio da meditação e do louvor. Nenhum homem pode meditar sem que de seus lábios e do seu coração comovido brote espontâneo o louvor a Mim, por gratidão, admiração ou profunda reverência amorosa.

Eu sou o único digno de louvor e amor por parte de todos. Qualquer um que se afaste de Mim, erra e se dispersa. A meditação conduz o homem à prática de uma vida cristã, reta e ordenada.

A meditação não impede a vida ativa, pelo contrário a prepara, a fortalece e a sobrenaturaliza. Quantos males incalculáveis se evitariam pela prática santa da meditação! Nela está a fonte dos ensinamentos divinos! A meditação é a porta que conduz aos divinos favores. A oração é a chave dessa porta de ouro.

Satanás detesta a meditação, porque é a grande arma com que a alma se defende de seus ardis e astúcias. Precioso alimento da fé é a meditação: desvenda à alma humilde os campos infinitos das eternas verdades. A constante meditação descortina para a alma inúmeros conhecimentos, e descobre, dentro do possível nesta vida, os santos e divinos mistérios.

Pela meditação, a alma recebe graças incontáveis. Com passo firme, ela conduz o homem ao profundo conhecimento do seu nada, ensinando-lhe



de onde vem e para onde vai. Afasta do seu caminho as ocasiões de pecado e aponta-lhe seu fim último. Desata suas dificuldades, refreia seus vícios e paixões. Endireita o que há de tortuoso em seu espírito, e, qual mãe amorosa, leva-o em seus braços, livrando-o de grandes males.

A meditação prepara a alma para a perfeição. Na vida espiritual, sua missão é mui elevada, nobre e de copiosíssimos frutos. É uma vassoura que varre a sujeira das almas; água que as purifica mediante a contrição, levando-as a ver, tocar e abominar seus pecados e faltas; luz que ilumina as trevas no caminho do homem sobre a terra. Por intermédio dela, a alma descobre os ardis de Satanás e se livra de seus pérfidos tormentos. Tão importante e laboriosa é a missão da meditação, que ninguém pode medir sua amplitude. É uma virtude ativa em permanente exercício. Todo santo tem-na como querida e amada companheira. É alimento, descanso e perfeição de muitas almas.

A meditação é oficina onde se aprontam as virtudes na forma e medida necessária para cada alma. É a loja onde se compram as virtudes. Enfim, é o tesouro escondido que torna rico e poderoso a quem a possui. A meditação é uma lente de aumento que, com incrível clareza, revela os segredos divinos ao olhar do espírito. É a porta que conduz à purificação da alma e à limpeza do coração. Não existem palavras humanas que possam enaltecê-la.

Uma alma que não medita não tem progresso espiritual, simplesmente por não conseguir enxergar e lavar suas manchas. Como a vida espiritual exige pureza de alma para ser levada a cabo, a alma que não medita e, por conseguinte, não se purifica, não pode embarcar devidamente nessa jornada. É um erro acreditar que se possa empreender um caminho espiritual sem uma prévia purificação da alma. Por isso, há tantos enganos nessa matéria. O verdadeiro caminho do espírito só pode ser trilhado por almas limpas e mortificadas. Por quê? Porque implica perfeição e uma série de dificuldades. Ambas as coisas exigem a pureza de um coração mortificado, amoroso e abnegado.

A meditação tem muitos passos e graus, com uma variedade impressionante. Como a oração, tem a propriedade de acomodar-se a toda inteligência e coração, produzindo sempre, nas almas com boa disposição, frutos abundantes de santificação. Serve-se da criação para conduzir o coração humano até Mim, que sou seu princípio, seu fim e seu todo. Nada existe, na ordem natural e na divina, de que a meditação não possa servir-se para a santificação do homem.

O mundo se perde – repito – porque não se detém a considerar sua



ruína. Uma fria dissipação envolve-o, a soberba ofusca sua mente, a adulação adormece-o, a covardia e o respeito humano precipitam-no na fragilidade, na dúvida e na tenebrosa escuridão de mil paixões que o afundam na lama espantosa dos vícios. As almas se perdem porque carecem de meditação e de mortificação, que dela jamais se separa.

A meditação dos mistérios da Minha vida santíssima é de muito proveito para as almas. A meditação da Minha paixão haveria de ser pão cotidiano para todo homem, porque é capaz de acender nas almas o fogo do Meu amor e do sacrifício. As almas que meditam com frequência Minha paixão, se estiverem puras, não tardarão em arder do fogo divino. Não há, no mundo, melhor combustível que a meditação constante das Minhas dores, para acender no coração humano o santo amor a Deus. A meditação que alcança Minhas dores interiores beira a oração em virtude dos frutos divinos que proporciona às almas. Bem-aventuradas as almas que logram entrar pela chaga do Meu costado até o mais fundo do Meu Coração divino! Ali, nessa fonte de dor e amor, todo amor-próprio se afoga e morre, e a alma, então, começa a viver só de Cristo.

A meditação encaminha a alma pela via purgativa e iluminativa, que se encontra, principalmente, no Meu Coração divino. Ali é onde a alma se conhece e Me conhece, sente aborrecimento de si mesma e Me ama; morre para si e começa a viver em Mim, por Mim e para Mim. Ali alça voo para chegar à união com o Espírito Santo. Ali começa para ela a mais fina e pura crucifixão; mergulha no crisol mais ardente de outro tipo de purificação interior, preparando-se para as dores interiores e os divinos amores. Ali dentro aprende e pratica, ou começa a praticar, as formosas virtudes espirituais perfeitas.

Vê, Meu filho, até onde a meditação leva a alma feliz que a pratica?

Propriamente, a meditação e a oração não são virtudes, mas escadas misteriosas e divinas que ajudam as almas intrépidas que por elas sobem até o céu.

Todas as tropas de Satanás se erguem, redobradas, contra a meditação. Com todos os meios que estão a seu alcance, impedem a alma de dedicar-se a esse exercício espiritual. É terrível a guerra que os espíritos maus movem contra a alma que quer praticar a meditação. Para vencê-los, são necessárias as virtudes guerreiras da firmeza, fortaleza, constância e expiação. Comunhão e



fidelidade também são indispensáveis para derrotar esses inimigos incansáveis. Uma coisa sobretudo é necessária à alma que empreende a laboriosa ascensão da meditação, uma virtude indispensável em que precisa se apoiar para não desmoronar. Sabes qual é esse alicerce da meditação e da oração? A humildade, a humildade e a humildade. Quanto mais profundo for esse fundamento, tanto mais firme e elevado será o caminho. Toda meditação que não se apoie sobre o fundamento de uma profunda humildade cairá por terra mais cedo ou mais tarde. (CC 1,263-272)

5. Oração

A oração é a chave dos tesouros eternos. É o silêncio profundo da alma apaixonada. Seu alimento e sua vida. É o âmago em que Deus se junta à alma pura.

A oração encerra em seu puríssimo seio as confidências celestiais dos divinos amores. É um campo escolhido por Deus para se comunicar intimamente às almas inocentes, simples e humildes. Jamais Deus desvende seus véus diante de almas soberbas, falsas ou maliciosas.

A divina escada da oração contém muitos degraus pelos quais a alma sobe e Deus desce.

Oh, graça sublime do Criador para com sua criatura! Deus três vezes santo para com a alma pobre, nua, vazia e sedenta! Com as ricas vestes da graça, Ele adorna a alma despida de seu próprio querer. Enriquece, com seus dons e as pérolas preciosas das virtudes, a alma que é deveras pobre em espírito ou que tem a divina pobreza espiritual perfeita. A alma vazia que morreu a si mesma para viver só para Deus está repleta dos abundantes tesouros eternos. Com a comunicação e posse da sua divindade, Deus acalma a sede de justiça da alma sedenta.

As almas puras hão de apresentar-se, na oração, com quatro propriedades que descrevo a seguir. Repito: são indispensáveis quatro qualidades para uma verdadeira oração e comunhão da alma com Deus. Deus não entra em corações que não sejam pobres, nus, vazios e sedentos. Deus jamais desce com seus tesouros divinos em almas soberbas. Uma alma humilde atrai Seu olhar, Seus dons, Suas graças e Seus divinos favores. A oração, então, não está ao alcance



de qualquer alma, mas somente das que possuem, em maior ou menor grau, essas quatro virtudes. Essas almas também têm acesso à comunhão com Deus proporcionalmente ao grau de suas virtudes.

A oração é uma grande dádiva: a alma que recebe essa graça geralmente alcança a santidade perfeita. Contudo, embora sendo dom divino, a oração é concedida pelo Espírito Santo apenas a almas puras ou purificadas. A pureza de alma e corpo também é condição indispensável para a comunhão com Deus.

A dor é companheira indispensável da oração: nela a oração encontra seu progresso. A pureza e o sacrifício sustentam, conservam e alimentam a oração. Mortificação e penitência são o manancial que rega, fertiliza e faz frutificar o campo divino da santidade. (CC 13,273-276)

A oração é a fonte perene de toda graça: chega ao Coração de Deus e transpõe alturas inconcebíveis ao entendimento humano. Pode-se orar em todo tempo e ocasião. Jamais o trabalho impede a oração. A alma leva em seu íntimo o segredo da oração. Nela está o santuário da comunhão com Deus.

A oração é a voz harmoniosa da alma pura que galga os céus e chega até o trono de Deus. É flecha amorosa que transpassa o Coração do Amado. A oração que chega ao trono divino nunca volta sozinha, mas com graças e favores em benefício da alma pura.

A oração é o alento do Espírito Santo. É a semente que transforma as almas divinizando-as. Tem em si o germe e o progresso de todas as virtudes. A alma que reza, alcança, pois ninguém que pede por esse meio, deixa de receber muito mais. A maioria das almas são pobres e miseráveis, porque não rezam. Que inércia e que cegueira extraordinárias! Tendo em suas mãos tesouros eternos, sequer se dignam de mirá-los! As almas se perdem, porque querem perder-se, já que os meios para sua santificação abundam, mas são desprezados.

A esse propósito, muitos cargos pesam sobre os ministros da Igreja.

A oração é um campo viçoso com muitas flores coloridas. É a escada santa com que o Esposo vai ao encontro da alma apaixonada e aflita que a Ele se entrega secretamente.

Fortaleza, vigor moral, integridade, firmeza e ordem são suas tropas de defesa contra o inimigo.

Outras muitas e muitas virtudes são consequência da oração e filhas dela. A meditação é como uma irmã mais nova da oração, e ambas são filhas de Deus.



As virtudes teologais – fé, esperança e caridade – hão de ser os eixos da oração.

A via unitiva está inserida na oração, assim como os divinos amores, a santidade, a perfeição, a união, a contemplação e os desposórios.

Muitos santos meus, da oração passaram ao céu.

Almas existem, ainda que poucas, que nunca cessam de orar e que, portanto, recebem graças, crescem em santidade e perfeição de coração. (CC 13,278-282)

6. Contemplação

A contemplação não constitui mais uma escada como a meditação e a oração, mas pressupõe o último degrau da escada que é a união. Graças à contemplação, a alma tem pleno acesso a um céu que existe aqui na terra, desconhecido para a maioria.

A contemplação é graça especialíssima que o Espírito Santo dá a quem lhe agrada, geralmente a almas muito virtuosas e padecentes. Só concede esse dom especial a almas puras ou purificadas com sólidas bases morais. Graça muito grande é a da contemplação! Não só se eleva ao céu, mas apresenta-se diante de Deus, descobrindo, com maior ou menor clareza, até mesmo tesouros e segredos divinos! A alma contemplativa é separada de Deus só por um véu mais ou menos denso que se rasgará somente com a morte. A morte conduz as almas a tomar posse da vida que cá neste mundo vislumbram pela graça inestimável da contemplação.

A graça da contemplação tem gradações, todas elas ricas, preciosas e admiráveis, em razão dos puríssimos e magníficos efeitos produzidos na alma. O próprio Deus ilumina e acalenta o campo florido da contemplação. Deus é o sol. Mas permite que nuvens interrompam e obscureçam seu esplendor diante das almas. Por vezes, chega até a eclipsar-se totalmente, deixando a alma nas trevas mais escuras.

Para algumas almas prediletas, a contemplação tem provações muito pungentes: mil tipos de lutas terríveis, desolações, desamparos cruéis e penosos, perante os quais a alma sucumbiria se não fosse sustentada por uma graça poderosa. A alma contemplativa experimenta terríveis abandonos e privações



purificadoras em todas suas potências e sentidos. Essas desolações chegam a beirar a loucura e o desespero. A alma contemplativa sente-se como tomada por mãos de ferro que a despedaçam; como se estivesse sem saída, presa entre feras que a atacam e a destroçam com suas garras.

Por vezes também esconde-se o Amado, e sua ausência, então, torna-se tão penosa quanto mais aumenta seu amor que não tem medida. Esconde-se a fonte da Vida, e a alma se queda sem vida! Obscurece-se o Sol, e se queda nas trevas! Essa alma ditosa já não vive em si mesma, mas no Amado, pelo Amado, para o Amado. Ao ver-se separada da sua fonte, cai num estado de tão cruel sofrimento, que, sem o sustento da graça divina, certamente sucumbiria.

A alma contemplativa pratica toda espécie de oração em seu mais alto grau de perfeição, de onde sai aquilatada, com um valor que só Eu posso apreciar. Dentro da prática contemplativa, crescem igualmente as virtudes até sua mais alta perfeição. E crescem também, em dor e intensidade, as intensas provas que limpam e purificam a alma. Essas provas, muito numerosas e relativamente interiores, são todas cruéis. Há umas que purificam diretamente a vontade com grandes inquietações e terríveis lutas da imaginação.

Há também umas purificações interiores, na mesma substância da alma, que não se diferenciam das penas do inferno, a não ser pela duração. O corpo então perde suas forças e movimentos, mas mantém seu entendimento, e sofre uma atroz agonia na alma, sem poder-se mover, nem se queixar, nem lutar, sendo obrigado a deixar-se despedaçar e queimar interiormente no espírito sem a menor resistência. Às vezes, a alma, embora compreendendo perfeitamente que o demônio está gostando e se esbaldando em atormentá-la, é obrigada a deixar que esse inimigo cruel faça o que bem quiser! Mas tão repentinamente esse espantoso sofrimento a acomete, do mesmo modo deixa-a instantemente, sem poder ultrapassar o limite fixado por Deus. Esses movimentos internos da alma são tão terríveis e imponderáveis, que partem o coração! Todavia, mesmo ali, no mais profundo desse purgatório interior, pode a alma adquirir méritos, conformando-se com a crueldade da sua condição e aceitando-a com paciência, e até com gozo (que cabe, sim, em tão angustiosa agonia), comprazendo-se da vontade de Deus, ainda na aflição produzida por tal tormento.

Em troca, após essas noites escuras, esses sofrimentos e essa purificação interior, volta o dia da misericórdia divina e resplandece novamente o esplêndido sol da divindade. E, como Deus não pode aproximar-se de nada impuro,



pois a sujeira repele a infinita brancura, quanto mais transparente e cristalina. Ele encontrar uma alma purificada, mas a ela Se revela, desvendando diante dela e de suas potências interiores (na proporção da purificação sofrida) os véus que cobrem a divindade.

Os raios divinos ferem a alma purificada nas desolações e desamparos interiores, tão viva e diretamente, que a enchem de grande conhecimento acerca das coisas de Deus. Aquecem-na no fogo ardente do Coração de Deus, infundindo-lhe, junto a esse intenso calor, uma Luz imensa e desconhecida, com a qual a alma distingue – oh, graça do Soberano! – as três divinas Pessoas e sua geração eterna! Admirada e extasiada por esse altíssimo conhecimento, mergulha nos segredos da eterna bem-aventurança do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Vislumbra com a Luz divina as infinitas perfeições, os sublimes atributos e o imenso amor dAquele que é só caridade! Também vislumbra, quais brotos dessa caridade, a Redenção, a Eucaristia e muitos outros mistérios que a deslumbram. Sente-se perdida, essa alma ditosa, num insondável oceano de felicidade, paz, inefáveis e puríssimas delícias, nadando como que dentro de um imenso lago de luz, com um bem-estar indizível e admirável para além de qualquer ponderação! Num instante recorre imensas distâncias, mergulha em insondáveis arcanos, alheios a qualquer inteligência; voa a alturas incomensuráveis, cheia de um gozo sobre todo gozo, de uma felicidade sobrenatural e divina, e de uma paz que o mundo não conhece. A alma então ama com uma pureza e intensidade nunca experimentadas. Contempla a si mesma encoberta de uma veste de graça e de uma luz jamais imaginada.

Aqui a alma sabe claramente de que está sendo agraciada e purificada diante de Deus, para além de qualquer dúvida. Porém esse conhecimento, longe de enaltecê-la a seus próprios olhos, humilha-a e põe-na numa atitude de agradecimento vergonhoso que a impulsiona a prorromper interiormente em atos de amorosa gratidão. O calor, nessas situações, às vezes sobe a ponto de fazer palpitar o coração, inflamando o rosto. Por vezes, a alma também experimenta esse efeito, com mais ou menos intensidade, na oração amorosa. Algumas vezes, esse ardor contemplativo chega a tal grau na alma pura, que, à guisa de uma leve pluma, levanta o corpo a certa altura da terra, infundindo-lhe tamanha leveza, que sobe e sobe, por mais que queira deter-se. Essa levitação ocorre com a alma na hora mais impensada, mas sempre antecedida por um forte fogo no coração.

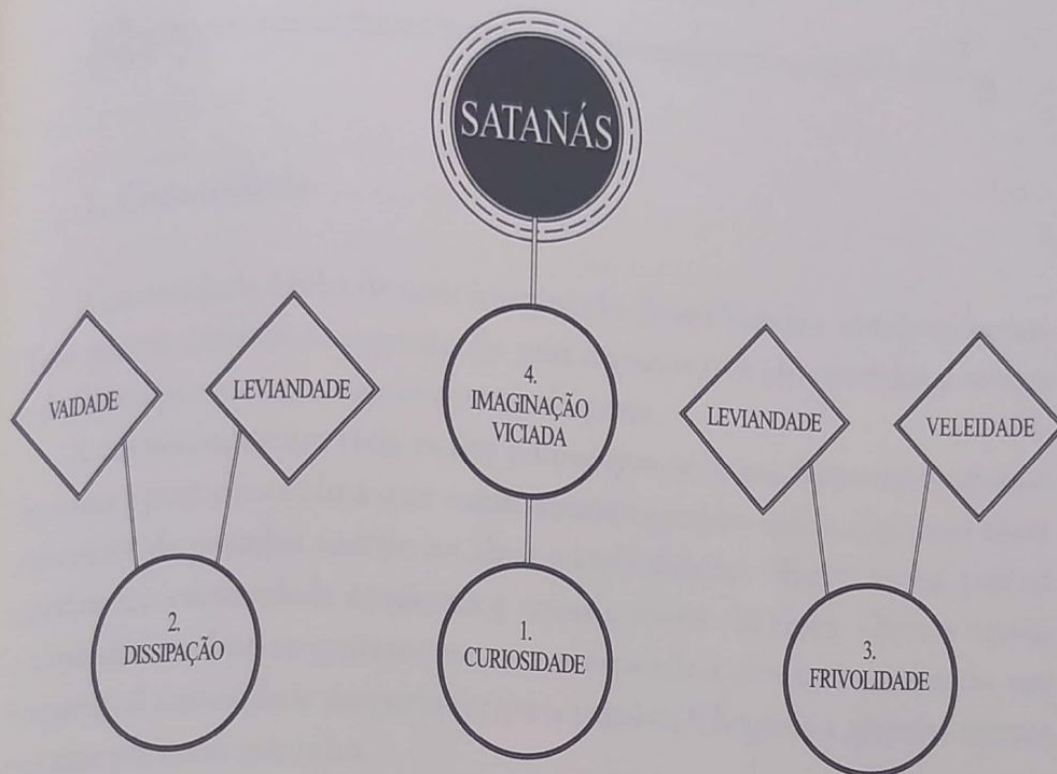


Para livrar-se de mil artifícios enganosos do demônio durante a contemplação, é necessário um diretor espiritual sábio e santo que conheça por experiência o caminho, suas armadilhas e tropeços. Necessita também de clareza, simplicidade e franqueza a toda prova.

Só Deus conhece as riquezas que se escondem na contemplação, assim como seus grandes perigos. Sabes onde põe o Espírito Santo a imensa graça da contemplação? Sabes onde coloca suas elevadas alturas? Na humilhação profunda, no ocultamento e na escuridão de uma alma puríssima e sacrificadíssima. Sem essas condições indispensáveis, o Espírito Santo não desce nas almas com graça tão especial. Toda contemplação que não tenha em si essas qualidades divinas, é nula, falsa e oferece inúmeros perigos. (CC 13,317-327)

TERCEIRA FAMÍLIA

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE RECOLHIMENTO



VÍCIOS CONTRÁRIOS

- 1 - Curiosidade
- 2 - Dissipação
- 3 - Frivolidade
- 4 - Imaginação viciada

FILIAÇÃO E TRECHOS DOS MANUSCRITOS.

- "A Imaginação adulterada viciada é filha de Satanás."
- "É a grande alavanca com que se movem todos os meandros das paixões desordenadas" - "O dia em que desaparecer esta desordem no homem se multiplicará os Santos."
- "A Dissipação é filha da Vaidade e da Leviandade. Tem por principal objeto, destruir a vida interior e conduzir ao pecado." - A dissipação vai contra a Ordem... não há coisa que afaste mais o Espírito Santo da alma.;
- "A Curiosidade é filha da Imaginação louca e desordenada... Onde reside a Curiosidade não existe a Santa quietude do Espírito Santo."
- A Frivolidade é filha da Leviandade e da Veleidade... A Cruz é seu remédio."

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE RECOLHIMENTO

1. Curiosidade

A curiosidade é filha de uma imaginação desordenada e sem bom senso. Tem muitos defeitos da sua mãe. Se seus ímpetos não são contidos a tempo e de forma permanente, vagueia por toda parte.

A curiosidade é um vício muito odioso que, às vezes, traz consequências funestas e prejudica a alma com muitíssimos e grandes males. Quantos tipos diferentes de pecados suscita na alma a curiosidade! Muitas vezes, por se satisfazer, a curiosidade envenena e causa a morte da alma. Outras vezes, a alma curiosa fere-se gravemente, e se arrepende e chora em razão da sua fraqueza. A curiosidade desperta terríveis paixões. Chega-se a grandes crimes por esse perverso caminho.

Em todo estado, classe ou condição, existe o maldito vício da curiosidade que, toda vez que é satisfeito, causa grandes prejuízos à alma.

Trata-se de um vício especialmente feminino, que transmite seu veneno a milhares de corações. A muito custo, uma mulher logra dominar sua propensão natural à curiosidade, que nela nasce e cresce em toda sua plenitude quando não se lhe opõe o remédio das virtudes morais. Só a virtude é capaz de moderar a força da curiosidade. Só a santidade chega a dominá-la inteiramente. Digo dominá-la e não matá-la, pois a curiosidade só morre quando morre a criatura. Consegue-se debilitá-la por meio de uma guerra constante; adormecê-la com a elevação interna do espírito; acorrentar-lhe os pés graças ao domínio de si. Mas nunca matá-la e destruí-la totalmente, porque, apesar de esforços mil, a curiosidade, de quando em quando, levanta a crista, revertendo seu hálito mortífero na alma.

A mulher que consegue dominar sua curiosidade obtém grande triunfo, dá um grande passo na vida espiritual rumo à perfeição, pois onde há curiosidade,



não pode haver a ação e santa quietude do Espírito Santo.

Consiste o vício da curiosidade num desejo instintivo de conhecer o que é oculto, sentindo-se a alma poderosamente impelida a desvendar todo tipo de segredo. Basta que algo, ainda que insignificante, seja oculto, e o desejo se vê compelido e instigado, crescendo conforme a dificuldade para desvendá-lo. Quantas vezes a curiosidade é desproporcional à pequenez do seu objeto!

A curiosidade anda de braço dado com sua irmã a inquietude: uma alma curiosa é sempre inquieta e vive desordenadamente. A imaginação é o combustível da curiosidade: atíça-a e impulsiona-a com todo tipo de tentação. Eliminando a desordem provocada pela imaginação, enfraquece-se a curiosidade e uma multidão de outros vícios.

Onde há mulheres, ali também há curiosidade. Não quero dizer que no homem não haja também esse vício (tomara não houvesse!). Entretanto a curiosidade é um vício especialmente feminino. Entre as religiosas, destaca-se o vício da curiosidade, também o da curiosidade interior ou espiritual, que causa grandíssimos males às almas, e ensoberbece e afugenta o Espírito Santo. A curiosidade entristece o Espírito Santo. Não parece bom que a alma queira saber como e por que recebe esse dom divino. O Espírito Santo tem desgosto das almas que, em seu íntimo, querem averiguar o futuro. Agrada-Lhe que as almas se abandonem, cega e totalmente, em suas mãos divinas e à sua santíssima vontade. Quer o Espírito Santo que essas almas O recebam, agradecendo-O e retribuindo-O com sua pobreza espiritual perfeita. A isso deseja que se reduza o papel das almas que se entregam a Ele.

Para possuir uma alma, o Espírito Santo, exige completo abandono, não apenas da vontade, mas também da memória e do entendimento. Que nada importe à alma subir ou descer, sofrer ou gozar, mas, morta a todo querer ou curiosidade interior, se deixe levar pelo vento, totalmente entregue à vontade divina.

A curiosidade espiritual é obstáculo para as graças, porque o Espírito Santo as retém e não as derrama numa alma curiosa. Na ordem espiritual, esse vício é mais mórbido e funesto do que parece à primeira vista. Deve ser cortado e dominado a todo custo. O remédio geral para toda forma de curiosidade é o recolhimento interior e exterior do coração, unido ao amor por Deus: quem ama a Deus por ser quem é, de maneira puríssima e sem o menor interesse, não se detém em coisas pueris, mas busca e se lança diretamente para o fim



último de todas as coisas.

Num coração preocupado só com as coisas do céu, que sempre pensa em fazer o bem, que fecha olhos e ouvidos a toda curiosidade sem proveito que pode causar graves males e prejuízos, não cabe a curiosidade mundana ou exterior ou dos sentidos. O domínio de si campeia nesse santo recolhimento. A curiosidade espiritual tampouco penetra numa alma abandonada à vontade santíssima do seu Amado. Essa alma já não vive para si mesma. Deus, possuindo-a, torna-a Sua, até ela agir e mover-se pelo sopro da vontade divina, campeando, nesse sublime e santo abandono, a grande virtude da indiferença.

A maior e perfeita virtude que há de derrotar a curiosidade interior é a do santo abandono nos braços de Deus. (CC 15,41-48)

2. Dissipação

A dissipação é filha da vaidade e da leviandade. É o veneno do espírito e a morte da oração. Seca as fontes do recolhimento e as santas correntes dos divinos favores.

A dissipação torna os espíritos fúteis, frívolos e inconstantes. Consiste numa cegueira culpável da inteligência e do coração. A alma dispersa não tem sossego, tranquilidade e paz: vive agitada pelo mundo, pela imaginação e por falsas ilusões, que a degradam sempre mais em sua devassidão.

Com a dissipação turvam-se e debilitam-se as forças do espírito. A dissipação tem o objetivo principal de corromper a vida interior, pelo contato constante com coisas sensíveis e atrativas, e levar a alma ao pecado. A dissipação desperta na alma a sensualidade com todo seu séquito de vícios. Torna a alma frouxa e amante dos prazeres, amiga da comodidade, da delicadeza e da indolência, refratária à mortificação, à penitência, ao trabalho e ao sacrifício. Assim, a alma dispersa vive totalmente refém dos sentidos e de tudo o que é sensível. Sensualidade e sensibilidade são dois inimigos terríveis que a dissipação carrega sempre consigo.

A alma que deseja servir a Jesus há de fugir de toda dissipação, que é a ruína das almas e causa de todo pecado e de todo mal espiritual e corporal. A dissipação é contrária à ordem. Tudo o que esse vício toca se perverte e causa graves prejuízos. Onde reina a dissipação reina Satanás, que maneja



essa arma com grande maestria! É a dissipação uma corrente impetuosa que arrasta milhares de corações, um ímã que atrai as almas para uma vida de vícios. Não há nada que mais afaste o Espírito Santo de uma alma que a dissipação.

A imaginação não só existe nos sentidos corporais, mas também nos sentidos da alma, onde inclusive é mais prejudicial. É uma das principais armas de Satanás. A imaginação corpórea conduz à imaginação da alma, pois os sentidos do corpo são como que portas para as percepções anímicas. Terríveis estragos causa no mundo espiritual a dissipação: é o inverno da alma, que seca, abrasa e gela tudo quanto toca. É a morte de toda comunidade religiosa, pois onde entra destrói tudo.

A vida do espírito há de ficar bem longe da dissipação, a fim de não contaminar-se com um mal tão contagioso. Por causa da dissipação, até a virtude mais alta definha como só Deus sabe; as almas fervorosas afundam-se na tibieza e indiferença. A alma que verdadeiramente ama Deus não cede à dissipação, porque, quando cai nela, logo experimenta um imenso vazio e profundo remorso. Chora sem consolo as consequências de tamanha queda que a reduziram a um lamentável estado. Principalmente na oração, a alma sente a influência prejudicial da dissipação e um frio que congela o coração. Quando menos, sofre intimamente em todo ato de piedade que pratica. Um dos principais instrumentos de que se serve Satanás para adulterar a piedade é a dissipação. Principalmente na recepção do sacramento eucarístico, é onde a alma mais sofre os danos da dissipação. Quão longe dela se encontram o recolhimento e o fervor!

A imaginação, que é uma grande arma a serviço da dissipação, faz da alma seu joguete. Mais almas arranca a dissipação dos braços de Jesus do que parece à primeira vista: mais glória lhe rouba do que o homem imagina! Tão difuso é esse vício em que o mundo se encontra mergulhado, que a milhares as almas se afogam nesse mar!

Grandíssimo mal é a dissipação. O purgatório está cheio de almas dispersas! Muitas almas escorregam também por essa encosta até o terrível fogo do inferno! De tudo isso faz-se pouco caso. No entanto, por causa da dissipação, as almas afogam-se na indiferença, na frieza e na tibieza. Mal há quem as detenha no limiar desse abismo profundo, desse horrível precipício.

Pouco caso se faz desse vício nefasto que ninguém combate e que bajula a



alma para matá-la ou, ao menos, envenená-la. É de dar medo e pena profunda o número de almas que derruba e os incomensuráveis estragos que causa sobretudo na vida espiritual. Horrível vício detestado por Deus! Tanto ama Deus o recolhimento e a solidão quanto odeia e abomina a dissipação. Pobres das almas que se deixam arrastar por ela! Muito hão de chorar a fim de reparar os efeitos de tão grande mal!

Nunca entra, numa alma dispersa, o fervor do Espírito Santo que tanto fortalece o coração do homem! Jamais as portas da contemplação se abrem para uma alma dispersa! Satanás trata-a qual vil joguete e a ilude com mil quimeras, para perder seu tempo precioso.

O remédio da dissipação é a ordem, em que se encontram retidão e conforto. Recolhimento, solidão e silêncio são auxílios poderosos para destruir a sedutora dissipação.

Mil vezes bem-aventurada a alma que logra expeli-la e, mais ainda, a que jamais permitiu-lhe entrar em seu coração! Nem imagina de qual tão grande mal se livrou.

A dissipação é mãe de muitas filhas danosas à alma; estende suas asas para longe, enchendo de vícios e misérias os corações. (CC 15,117-123)

3. Frivolidade

A frivolidade é filha da leviandade e da veleidade. Vaidade e vanglória rodeiam-na. A instabilidade é seu cerne. Vive a alma frívola num vai e vem de pretensões volúveis e vãs, que jamais a encham e satisfazem. Vive no vazio de um mundo cujos efêmeros prazeres não são os que Deus criou para enchê-la e satisfazê-la. Almas frívolas saltam de flor em flor, quais borboletas, sem agradar nem agradar-se, sem satisfazer nem satisfazer-se. Passam uma vida vã, desgraçada, quais joguetes de Satanás e dos vícios.

A inconstância é o apoio da alma frívola; a imaginação torna-a sua presa, pintando, ante seus olhos, horizontes dourados que jamais se realizam, ilusões rosadas que logo se desfazem em fumaça. Pobres almas as que se abandonam à frivolidade! Jamais se firmam na solidez da vida espiritual, pois o terreno que pisam é inconsistente, sempre exposto aos mais terríveis desastres! Nunca agradam a almas frívolas o descanso, a tranquilidade e a paz. Elas buscam



ruído, fogem do recolhimento e do silêncio, onde poderiam apagar sua sede! Pelo contrário, sorrateiramente enganadas por Satanás, correm fascinadas atrás do falso brilho de um mundo infame que as seduz com vãos encantos, para, depois, abandoná-las à dura realidade de um refinado ceticismo, e dali ao inferno eterno!

Desgraçadas das almas frívolas! Se não abrirem seus olhos, se não se libertarem da corrente impetuosa que as arrasta, desaparecerão sem remédio!

O veneno da frivolidade e de muitos outros vícios é a dissipação. Contudo veneno lento, que, a princípio, conserva as almas e, aparentemente, as fortalece e revigora, para depois matá-las sem remédio.

O mundo está cheio de almas frívolas! Qual o remédio da frivolidade? A Cruz. A Cruz é o pulso pelo qual se conhecem as almas frívolas. As que dela fogem e chegam até a odiá-la, carregam mui arraigada dentro delas a frivolidade. Também conhecem-se as almas frívolas por sua maneira de falar, vestir e por todos seus esmeros exteriores. A frivolidade não passa despercebida nem aos olhos mais desavisados. Muito gosta a alma frívola da murmuração em todas suas facetas, da sensualidade em todas suas acepções, da mentira, da curiosidade e de uma multidão de vícios semelhantes.

Só cura a frivolidade a reforma integral da alma por meio da mortificação e da prática constante da humilhação e da expiação, unidas ao desprezo de si e ao aborrecimento do mundo. Poucas são as almas frívolas que alcançam a cura. Menos ainda, as que chegam a curar-se totalmente, pois, para isso, seria preciso criá-las de novo. Porém as que tomam a sério as armas das virtudes, as que combatem a si mesmas sem consideração nem piedade, estas triunfarão dos vícios e do mundo, do demônio e da carne, alcançando em sua constância a coroa da vitória. Desse modo, as almas que lutam e vencem, são as que Me dão mais glória.

Entre as comunidades religiosas, também há frivolidade, e frivolidade espiritual, a qual consiste em desejos vagos, aspirações pueris sem fundamento nem fim, anseios de falsa virtude e perfeição aparente. Essas almas, que andam a voar no ar de uma fingida santidade, têm em si uma frivolidade espiritual, com seu inseparável cortejo de vícios.

Nessas comunidades religiosas, Satanás desdobra suas asas a cobrir o extenso campo da frivolidade espiritual. Deste modo, ao praticar-se uma



virtude só de fachada, entremeada de soberba e hipocrisia, corrompe-se a verdadeira essência da religião. A frivolidade infiltra-se no que há de mais santos e na própria virtude. Quanta virtude vã e frívola há nas comunidades religiosas! E é mais incurável a frivolidade do claustro que a do mundo. A frivolidade do mundo pode ser rendida por uma reação enérgica e integral da alma. A frivolidade do claustro, mais espiritualmente sofisticada, tem fundas raízes, difíceis de serem arrancadas. (CC 15,59-63)

4. Imaginação viciada

A imaginação é dom de Deus. Muitas vezes, porém, é adulterada e pervertida por Satanás. É uma grande alavanca que move toda paixão desordenada. Uma imaginação viciada é filha de Satanás. Nela se forjam mil combinações de ciúmes, rancores, ódios, traições e demais vícios contra o próximo, contra si próprio e contra Mim.

O mais poderoso inimigo da mulher é a imaginação, com que ela aumenta exageradamente defeitos e ações alheias, para o dano próprio e dos outros. Movida pela paixão, a imaginação interpreta atos e palavras inocentes, torcendo-os injustamente. A imaginação é um mar sempre em tempestade. Sua superfície é calma, sempre revestida de uma falsa capa de bonança. Mas, no fundo, debatem-se as ondas de mil paixões; travam-se lutas terríveis de pensamentos insanos, que deixam o coração despedaçado e dolorido.

É a imaginação um espantoso redemoinho, e levanta uma terrível poeira no fundo da alma, e obscurece a razão do homem. É a imaginação um núcleo de revolta onde os menores pensamentos tomam corpo e formas gigantescas. É a imaginação um vulcão em constante ebulição: por fora, calma; interiormente, a alma sofre e despedaça-se em mil paixões desenfreadas e lutas cruéis. A imaginação torna a alma ardente, o rosto delirante, e pode gerar infelicidade sem motivo aparente.

A mais poderosa arma de Satanás é a imaginação. Manipula-a com destreza segundo seus caprichos, conseguindo abundantíssimos frutos no homem. A alma que não contenha com vigor esse grande inimigo, será infeliz e viverá uma vida infernal já nesta terra, pondo em perigo, além do mais, sua salvação eterna. Há almas que só vivem de imaginação! Desgraçadas! Nunca



compreenderão a vida do espírito. Sua vida será vã. E desaparecerão como fumaça.

Uma imaginação viva e impetuosa, sem freios, está em total desacordo com uma vida espiritual. Quem queira viver espiritualmente há de dominar sua imaginação, mantê-la submissa, podá-la na raiz, a cada hora ignorar seus elogios sedutores e seus mugidos estrondosos, até derrocar seu reinado e plantar em seu lugar as belas virtudes da serenidade, do repouso, da ordem e da paz.

Da imaginação procedem inúmeros males: uma enorme rede em que Satanás mantém presas milhões de almas. Tem seu reinado no mundo e na Igreja.

Ao se desfazer essa desordem no homem, multiplicam-se os santos. É a imaginação grande empecilho à vida sobrenatural da alma e refreia a comunhão com Deus. Esse potro sem freio vive à vontade na alma, sem que alguém o ate e detenha em sua carreira. Poucas almas há que movam guerra a essa terrível serpente que injeta seu veneno pelo menor resquício. Por isso, tão pouca santidade há no mundo.

Mui astutamente, Satanás seduz pela imaginação, sobretudo, as mulheres, distraíndo-as com mil ilusões. A imaginação tem múltiplas aparências: Satanás induz as almas, a seu bel-prazer, a contemplarem suas incontáveis ilusões. Joguete de Satanás é a imaginação, com que se diverte astutamente a tirar a paz das almas. É a arma com que move guerra e atrai a si as almas, à sua revelia.

Infame Satanás, destruir-te-ei! Os grandes escrúpulos que suscita pela imaginação são inumeráveis. As paixões secretas que provocas com ela são infinitas. Só Eu conheço as mil aparências com que a imaginação reveste os vícios; o assombro com que apresentas fatos e falas alheias à alma infeliz, tua presa. Só Eu conheço, conto e meço as mil formas cambiantes da imaginação de que Satanás se vale para dano do homem!

A imaginação é um ninho de artimanhas onde Satanás planeja, ao seu sabor, os males e toda espécie de armadilhas com que há de cativar as almas. Com esse anzol Satanás realiza sua pescaria, e não se tem ideia do número de vítimas com que enche suas redes. No campo da imaginação, Satanás faz sua sementeira, e lá nasce, germina, cresce e frutifica toda espécie de mal e de vício. Maldito pantanal em que o homem vive intimamente enredado e respira seus miasmas mortíferos!



Na escuridão da imaginação humana, urdem-se os planos de milhares de vícios funestos e depravados: lá murmura-se secretamente e fere-se o próximo com as mais espantosas calúnias; lá Satanás atíça o fogo de apetites desenfreados, ódios, ciúmes, invejas e outras paixões ainda piores, que mais tarde hão de manifestar-se exteriormente, ofendendo-Me sempre e de todos os modos.

O remédio contra tão grande mal é o domínio de si, a firmeza, o vigor moral e a expiação. Não é tão fácil derrotar um inimigo tão grande. Mas a graça de Deus e a constância, com o auxílio de muito esforço e trabalho, conseguem vencê-lo. Não é num dia que se remove um rei de seu trono. Precisa-se lutar, de braços dados com o julgamento de si mesmo, contra a imaginação que, qual corrente impetuosa, arrasta a alma para a sua perdição.

Alerta! Alerta! Pois esse inimigo mortal e traiçoeiro não é conhecido nem temido, embora seja grande o mal que causa nas almas! A imaginação tem seu assento especial entre as ilusões espirituais, onde Satanás se regozija com seus enganos e traições. A soberba é o braço direito da imaginação, que com ela desdobra seu poder. Males terríveis causa a imaginação, sobretudo a feminina, nesse campo das ilusões espirituais.

Muitas vidas que parecem sobrenaturais e santas são, na realidade, conduzidas por Satanás, que as engana com a imaginação. Sobretudo no que diz respeito a visões e revelações, a imaginação feminina presta-se sobremaneira a grandes e lamentáveis enganos, seduzida por Satanás, disfarçado de anjo de luz. Muitos enganos há, especialmente nas comunidades religiosas, onde, geralmente se age no âmbito espiritual da imaginação. Essas ilusões da imaginação levam basicamente à soberba, como todo engano demoníaco, e este é justamente o meio pelo qual se desvendam as ilusões diabólicas, as quais, apesar dos disfarces, dos fingimentos e da sua sofisticação espiritual, por fim são sempre reveladas.

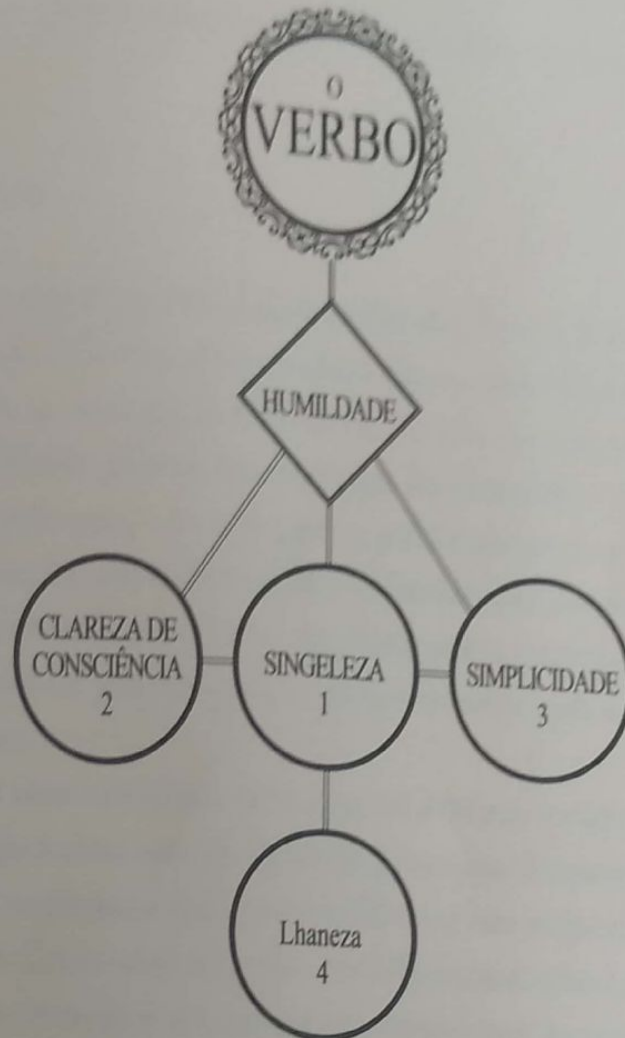
A imaginação é a quimera e o algoz do coração da mulher, porque engana-a tornando-a seu juguete e, a um só tempo, crava nela o punhal venenoso de mil males e sofrimentos!

Uma consciência limpa, simplicidade, franqueza e sinceridade são remédios para dispersar as imaginações que Satanás produz no espírito humano, enchendo a alma de falsas ilusões. A humildade, a docilidade e a retidão são os pontos de partida em que a alma há de se apoiar para não ser enganada. Feliz a alma que sabe organizar e dominar a imaginação! Terá percorrido já



meio caminho rumo ao céu, pois não há coisa que impeça tanto a prática das virtudes quanto uma imaginação descontrolada. Grande virtude é sabê-la atar, dominar e podar. Mas, para isso, são necessárias outras virtudes: humildade, domínio de si, renúncia, obediência, submissão, expiação, trabalho, paciência e constância. Somente com essas armas poderosas se corta, derrota e mata a imaginação. (CC 15,31-41)

QUARTA FAMÍLIA VIRTUDES DE INGENUIDADE



Nº	VIRTUDES	FILIAÇÕES E NOTAS
1	SINGELEZA	A Singeleza é filha da humildade. “-É uma virtude muito amada de meu coração.”
2	CLAREZA de CONSCIÊNCIA	“A Singeleza e a Clareza de Consciência são filhas muito queridas da Humildade.”
3	SIMPLICIDADE	“A Simplicidade é filha da Humildade e irmã da Singeleza.”
4	LHANEZA	“A Lhaneza a é filha da Singeleza.”

NOTA
Ver as Virtudes de Humildade
A retidão e a franqueza são Virtudes de Ordem.

QUARTA FAMÍLIA DE VIRTUDES VIRTUDES DE INGENUIDADE

1. Singeleza

Fala Jesus: a singeleza é filha da humildade. É uma virtude muito querida pelo Meu Coração. Ela atrai sobre a alma ditosa que a possui o olhar de Deus e sua complacência. Seu apoio é a inocência; um coração puro, seu abrigo. É uma flor mui delicada, guardada no abrigo da escuridão e do afastamento do mundo. Cresce pela graça; aperfeiçoa-se pelo conhecimento de si. A pureza é a sua vida; a oração, sua delícia. É uma virtude que aproxima de Deus suas criaturas. O Espírito Santo desce, na alma que a possui, para enriquecê-la com uma torrente de graças; porém graças ocultas que a alma não enxerga embora as possua.

A singeleza tem um olhar com que vê a Mim, e outro com que vê a si mesma. Enriqueço a alma com essa grande graça, que é como que um para-raios da soberba. Sua segurança está na obediência; sua riqueza, na pobreza; seu tesouro, em Jesus Cristo; seu consolo, em Maria; seu crisol, no sacrifício. Suas armadilhas são o mundo e o trato imprudente com as criaturas. Sua defesa se encontra na solidão. A virtude da singeleza sobe rumo à santidade, passa pela perfeição e, muitas vezes, chega à união.

A alma simples, nas mãos de um diretor santo, é uma terra pronta para grandes colheitas espirituais. A singeleza é uma joia rara de inestimável valor: um diretor experiente e santo pode aquilatar seu preço. Ai dele se não trabalhar para poli-la! Ajustarei contas com ele, por seu operado, com extrema severidade.

O principal inimigo da singeleza é Satanás com toda sua astúcia e malícia. Porém Maria é seu refúgio inquebrantável, porque Maria foi a própria singeleza em todo o esplendor da sua beleza. (CC 13,104-106)



2. Clareza da consciência

Jesus: A singeleza e a clareza da consciência são filhas muito queridas e parecidas da humildade.

A alma: E a humildade, meu Jesus, de onde nasce? De onde procede essa pérola divina sem cujo esplendor nenhuma virtude tem valor, sem cujo brilho nenhuma virtude é pura? (CC 13,22)

Jesus: A humildade é filha do Verbo e nasce da sua substância (vejam-se as virtudes da humildade).

3. Simplicidade

Jesus: A simplicidade é uma virtude muito formosa: é filha da humildade e irmã da singeleza. Não é fruto de uma inteligência curta, pois a simplicidade habita na verdadeira sabedoria. A simplicidade só se abriga num coração puro, reflexo do próprio Deus. A simplicidade é divina, porque Deus é ato puro, simples e sem mistura. A substância dessa virtude é indivisível: sua essência e seu ser constituem uma unidade indissolúvel. Eu sou um cristal puríssimo e translúcido, em que só se refletem as outras Pessoas. A simplicidade sacude da alma toda paixão viciosa, deixando-a límpida e pura, apta a receber a divina e Santíssima Trindade. Nisso pode-se ver a grandeza dessa virtude!

A alma: Meu Jesus, agora vislumbro, de verdade, parte da sua enorme riqueza. Não a entendia e até não me agradava seu nome! E pensar que, graças à simplicidade, a alma adquire uma forte semelhança Contigo! Que maravilha, meu Deus! Quão ignorante é o homem! Ele não vê para além de si mesmo! Bendito seja o Senhor em sua eterna sabedoria e bondade!

Jesus: Digo mais: O Espírito Santo não se dá a uma alma que não seja simples. Sabes por quê? Porque a alma que não seja simples, interpreta erroneamente as inspirações divinas, imputa-as a si mesma e não a Mim, seu único autor e dispensador, e cai em grandes males.

A simplicidade é o contrapeso da soberba. O demônio a detesta e odeia. Essa virtude é tão grande que parece pequena. Está entre as virtudes que mais aproximam a alma de Deus.



Os principais inimigos da simplicidade são a malícia e a duplicidade. A hipocrisia, certas vezes, faz dela sua presa. Tão delicada é essa virtude que, às vezes, se mancha só pelo contato com o vício, interrompendo em seguida a comunhão com Deus. Essa virtude edifica a outros, sem se dar conta disso. Seu campo é ela mesma. Na prática das virtudes suas companheiras, seu apoio é Deus. Essa virtude passa pelo mundo desconhecida por quem a possui, e quanto mais oculta, tanto mais alcança seu pleno desenvolvimento. É uma graça dada, inata naquela alma que Deus quis presentear ou vestir com essa única cor. Apesar de haver uma simplicidade parecida e boa nas almas que se exercitam na mais profunda humildade, a verdadeira e legítima simplicidade não se adquire. (CC 13,106-109)

4. Lhaneza

Jesus: A lhaneza é outra virtude muito formosa, inimiga da falsa doçura e da hipocrisia. Nasce da singeleza e é sempre acompanhada pela retidão e pela claridade. Alberga-se numa alma pura, cheia da divina paz do Espírito Santo. Seu apoio é a verdade.

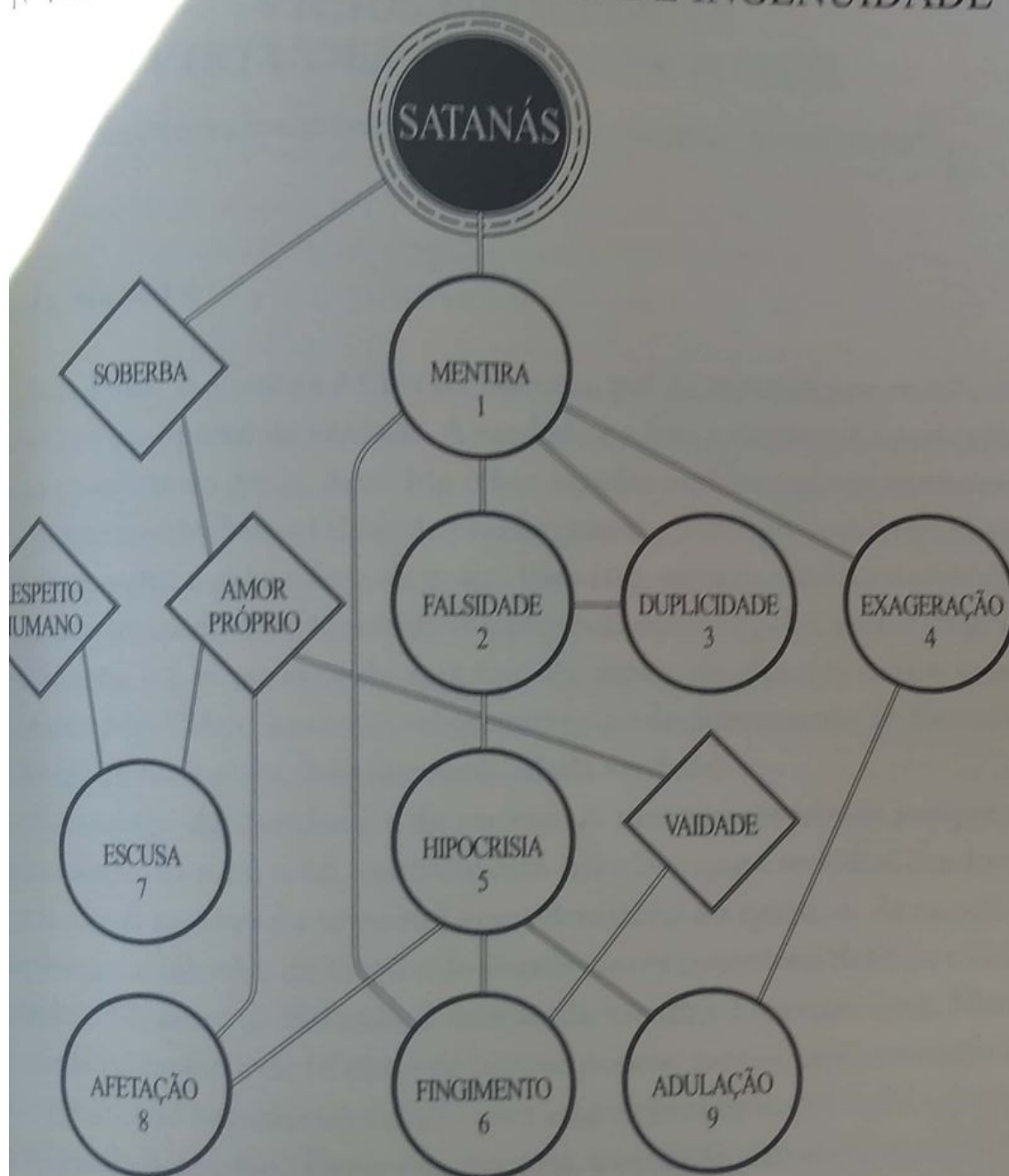
Seus antagonistas são o melindre e a mentira. Vive essa virtude em almas tranquilas e consciências limpas. Não creias que as almas são lhanas por serem rústicas, ou por falta de cultura ou educação. Não. Para que Me entendas, a lhaneza vem da pulcritude.

É singela e clara e, ao mesmo tempo, delicada e modesta. Não busca melindres para expressar-se. Porém também é prudente, comedida, agradável e fina. Carrega o santo selo do candor e da verdade. A lhaneza é uma eminente qualidade que se torna uma virtude por seu perfume sobrenatural e pelo papel que desempenha na vida do espírito.

Os inimigos contra os quais luta são o amor-próprio e o respeito humano. (CC 13,138-139)

QUARTA FAMÍLIA

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE INGENUIDADE



Nº	VÍCIOS
1	MENTIRA
2	FALSIDADE
3	DUPPLICIDADE
4	EXAGERAÇÃO
5	HIPOCRISIA
6	FINGIMENTO
7	ESCUSA
8	AFETAÇÃO
9	ADULAÇÃO

FILIAÇÕES SEGUNDO OS MANUSCRITOS

A Mentira é filha de Satanás... Eu odeio a Mentira.
 É irmã gêmea da Duplicidade.
 Filha da Mentira e é tristeza do meu Coração.
 Filha da Mentira e muito parecida com sua mãe.
 A Hipocrisia é filha da Falsidade.
 O Fingimento é filho da Hipocrisia, da Vaidade e da Mentira.
 É filha do Amor próprio e do Respeito Humano.
 É filha do Amor próprio e da Hipocrisia.
 É filha da Exageração e da Hipocrisia.

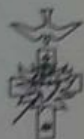
VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDES DE INGENUIDADE

1. Mentira

Fala Jesus: A mentira é filha de Satanás, pai da mentira por excelência. A mentira é o oposto da verdade. A verdade é a luz; a mentira é a escuridão, o gelo e a morte da graça. Aqui Me refiro àqueles espíritos que se encontram totalmente envolvidos na falsidade e no fingimento. Não que uma mentira por si só mate a alma, privando-a da graça. Para isso, seria necessário o concurso de outras circunstâncias. Contudo o espírito da mentira priva a alma da graça santificante, e é nesse sentido que falo da morte da alma, se assim posso expressar-Me. Odeio a mentira enquanto procede diretamente de Satanás e é inimiga da mais pura, límpida e imaculada verdade.

Sou amigo da claridade e da pureza. A mentira reveste-se sempre de trevas e escuridão, em total contraste com Meu Ser, que é todo luz, candura e imaculado. A mentira é a arma mil vezes detestável do egoísmo, da ruindade, da avareza, da soberba, da inveja e de outros tantos miseráveis defeitos e vícios nefandos. Na seara de Satanás, a missão da mentira é extensíssima. Nunca houve alma, exceto a de Maria e de outros poucos santos, que, em maior ou menor grau, não se tenha manchado com esse vício nocivo, que beira o pecado venial e suja o coração. Tanto quanto amo a verdade, detesto a mentira em todas as suas formas e disfarces. É uma epidemia que aparta o Espírito Santo das almas por ela acometidas. Jamais Me aproximo de quem tem essa mancha e fujo do impuro que prejudica os outros diante dos Meus olhos divinos. A mentira suja a alma e a mancha, enturvando nela Minha imagem divina.

A mentira é inimigo capital da alma. Esconde sua deformidade, passando-se por pequena e menos horrível do que realmente é. As almas não temem a mentira. Olham-na sem terror – que digo! – sem a menor repugnância. Todavia ela é uma serpente envenenada (que isso é o pecado venial) que corrompe



a alma, e, com malícia secreta, inclina-a, por meio da frieza e da tibieza, ao pecado mortal. Na vida espiritual, a mentira é um inimigo capital tão grande, que um homem mentiroso jamais poderá entrar pela única porta verdadeira que conduz à vida do espírito. Para cruzar esse caminho, é preciso que reine na alma um espírito de verdade, pureza e claridade, condições indispensáveis para aproximar-se de Mim. Espíritos que não sejam puros, retos e humildes não se aproximam de Mim. A mentira é refratária à humildade e a toda e qualquer virtude. Um espírito de mentira carrega em si falsidade e soberba; é hipócrita e traiçoeiro; dissimulado e rasteiro; vil e covarde. Esse tipo de espírito é qual peste ou veneno para uma comunidade religiosa.

Foge da mentira e conserva em tua alma a pureza e a claridade. A mentira se cura com a humildade. Na maioria dos casos, a mentira serve para encobrir a soberba, a inveja e demais vícios, temendo a alma hipócrita revelar-se aos olhos dos demais. Uma alma humilde não mente. O hábito da mentira também se cura com a meditação, pois o trato frequente com a verdade eterna afasta a mentira para sempre do coração. O espírito de mentira que habita a alma quase não tem remédio. As raríssimas vezes em que se cura, precisa de total transformação. (CC 14,210-213)

2. Falsidade

Jesus: A falsidade é irmã gêmea da duplicidade, mas é ainda mais execrável. A pessoa dissimulada carrega-a sempre consigo. É muito amada por Satanás e sempre busca almas hipócritas nas quais hospedar-se. A falsidade é um defeito rasteiro, muito indigno de um coração nobre. Não penses que esse defeito tão degradante, que pode eventualmente chegar a ser vício, só se alberga em classes sociais baixas. Não, a falsidade é um fruto que dá em todo tipo de terra; desgraçadamente existe nos grandes como nos pequenos. Quantos dos que vestem seda são falsos! A falsidade é veneno que infecta centenas de almas. Chega a corromper a essência do ser humano a ponto de torna-lo falso e hipócrita em seu trato Comigo.

A falsidade muda a disposição de muitas almas que se dizem piedosas, cujas virtudes, maquinalmente, com a maior naturalidade e até sem perceber, tornam-se fracas e passam, tranquila e serenamente, a ser vividas de maneira



falsa. Disso se desprendem inúmeras aberrações, faltas e até pecados em matéria de piedade.

Quantos estragos a falsidade causa no mundo e na vida espiritual! É um vício ou defeito que Me repugna e afasta de Mim! Tudo o que é falso é enganoso, e Eu sou a verdade e a claridade sem véus. Nunca um espírito falso poderá ter acesso aos caminhos espirituais: por ali só entram almas limpas; e a falsidade é podridão que corrompe o coração que a traz dentro de si. O remédio à falsidade só se encontra na sinceridade, franqueza, singeleza e humildade. (CC 14,215-216)

3. Duplicidade

Jesus: A duplicidade é filha da mentira e Meu Coração a detesta. Um espírito duplo também é traiçoeiro, solapado e fingido. Nele não há a verdade pura e limpa tal qual ela é, pois em tudo o que faz é simulado e hipócrita. Eu sou inimigo da duplicidade. A alma dupla me repugna, porque carrega a imagem de Satanás, o qual jamais pode ser franco, limpo ou claro.

A duplicidade é um dos maiores obstáculos à vida espiritual, pois a alma que quer ser Minha e percorre os campos do espírito, há de ser, inevitavelmente, franca e sincera. E um espírito duplo jamais será sincero. Também a singeleza jamais chega a bater à sua porta, e a simplicidade e a lhanza estão bem longe dele.

A origem da duplicidade, assim como a da mentira e de todos os vícios seus companheiros, é a soberba, isto é, o próprio Satanás. Seu remédio é a sinceridade juntamente à humildade. (CC 14,214-215)

4. Exageração

Jesus: A exageração é filha da mentira e é muito semelhante à sua mãe. É um defeito que pode se tornar um vício, o qual, por sua vez, pode chegar a ser como uma segunda natureza no homem. Da exageração, muito facilmente, resvala-se e se cai na murmuração, manchando a alma com faltas graves e até com grandes pecados. A exageração é uma inquietação interior que agiganta desmedidamente a verdade das coisas e dos fatos. É um vício, portanto,



contra a verdade, que se quer adulterada, embora seja o que de mais puro e santo pode existir. A verdade sempre é límpida, clara, singela, pura, cheia de luz resplandecente. Entretanto a exageração tem como missão falsificá-la e manchá-la, porque a mentira nasce e vive lado a lado com ela.

A alma exagerada peca por desfigurar a verdade, que é pura e sem mancha. A alma exagerada é sempre dúplice, falsa, inconstante e sonhadora. Assume como certo tudo o que ela inventa em sua mente, aceitando-o e externando-o sem demora e de bom grado. Quase sempre, as almas exageradas são loquazes, curiosas e impetuosas: não conhecem as belas virtudes do repouso, da serenidade, da circunspeção e da tranquilidade. São inquietas e inconstantes.

Mui virtuosa é a alma que não exagera nem com palavras nem com a imaginação. Mas onde se encontrará uma alma assim? Certamente rara é uma joia desse tipo, porque o ser humano tende por natureza ao exagero e à mentira, sendo refratário à verdade nua e crua. E sua memória e inteligência, o homem inclina-se constantemente para o que não é. A imaginação é onde se esbalda a exageração, transformando em paixão aquilo que começou como simples passatempo. Satanás maneja com destreza sem igual essa arma traiçoeira, induzindo o homem a crer aquilo que, em sua astúcia, exagerou para envenená-lo e entregá-lo ao desespero. Satanás pinta de muitas maneiras aquilo que ele exagera interior e exteriormente. Como ele é o pai da mentira, e esta é sua filha muito amada, habilmente, confere-lhe mil formas, introduzindo-a até dentro das próprias virtudes e da santidade.

De forma enganosa a exageração aumenta as faculdades da alma, estimulando a vaidade e a autocomplacência. Satanás sempre lança suas redes a capturar de vários modos a pobre alma. Como um vício provoca muitos outros, a alma incauta deixa-se enredar sem desconfiar de seus ardis e trapaças.

O remédio contra a exageração é a verdade, a exatidão nas palavras, a profunda humilhação e o desprezo de si. Humilhar-se, retratando-se e confessando as próprias faltas, também é muito saudável para cortar esse vício. A oração, o exame de consciência e o devido castigo conseguem dominar a exageração, mas, para isso, precisa-se de uma vontade firme, enérgica e desejosa de perfeição. Com essas disposições, descerá a graça, e a alma triunfará. (CC 15,21-25)



5. Hipocrisia

Jesus: A hipocrisia é filha da falsidade. O veneno de Satanás corre em suas veias. A hipocrisia é o aprimoramento da falsidade, da duplicidade e da mentira. É um vício ou defeito universal que atinge todo estado, classe e condição. É uma serpente escondida no mais secreto do coração. Se não se corta sua cabeça, ergue-se, domina e corrompe todos os atos da criatura. Odeio, detesto e maldigo esse vício rasteiro, que causa a ruína de multidões de almas. A hipocrisia é o próprio vício, é Satanás disfarçado com a máscara dos sentimentos mais puros, nobres, elevados e santos. É um amontoado de podridão asquerosa e insuportável, recoberto com capa de finíssimo ouro. É uma víbora num estojo de pérolas preciosas.

A hipocrisia é o veneno que, por meio da falsidade e do engano, desvirtua atos que deveriam ser santos e não o são; atos que deveriam ser meritórios e que só são dignos de castigo. No campo espiritual, há muito fruto podre formado por almas hipócritas, por almas tidas como santas que, com sua aparência modesta, encobrem sua impureza.

A essa legião de Satanás pertencem aquelas pessoas melindrosas e tímidas, que se espantam com uma palavra menos edificante, enquanto realizam obras das mais detestáveis e indignas. São pessoas que gostam do aplauso alheio, muito preocupadas em atrair a atenção de todos para suas obras exteriores, para suas lágrimas, suspiros e tontas exagerações. Enquanto isso, regozijam-se, em seu íntimo, com nefandas maquinações, pensamentos sombrios e vícios espantosos.

A maioria dos sacrilégios são perpetrados por almas hipócritas. O respeito humano e a soberba, e mesmo a malícia, arrastam as almas para a horrível hipocrisia, enquanto Eu, que sou a própria inocência e pureza, encontro-Me nesses sepulcros caiados, cheios de asquerosa indecência. Essas almas hipócritas exercem uma falsa piedade. O império da hipocrisia, já muito grande no mundo material, é maior ainda na vida do espírito, onde tem vasto campo de atuação e, sutilmente, exerce suas habilidades, ocultando-se com destreza por entre os vincos das virtudes.

Escopo da hipocrisia é fingir com perfeição o que o coração está longe de ter ou sentir. Habilmente, a hipocrisia cobre o lamaçal da alma com a mais delicada pureza; a mais refinada soberba, com uma profundíssima humilha-



de; a avareza mais odiosa, com o mais sublime desprendimento; a ira mais desenfreada, com o suavíssimo mel dos lábios; a inveja, com as palavras mais caridosas; o ódio, com a sinceridade fingida de um indelével afeto; a gula, com uma grande dedicação à abstinência; a preguiça, com a fingida pena de fantasiosas enfermidades e desculpas edificantes e sedutoras. Se se abrisse diante de ti o campo da hipocrisia, teu espanto cresceria a tal ponto que nem imaginarias! A hipocrisia é a capa de todos os vícios e de todos os pecados, e também de todas as tentações de Satanás.

A hipocrisia comum é abominável em todos os sentidos e causa grandes males na alma infeliz em que penetra. A hipocrisia espiritual é a pior, em razão da fina astúcia sofisticada com que se disfarça. A hipocrisia espiritual perfeita é a mais delicada e sutil, e também a mais prejudicial. A hipocrisia universal ou comum reconhece-se à primeira vista, pois esconde-se sob um fino véu. A hipocrisia espiritual é mais oculta e só pode ser descoberta com óculos potentes. Consiste numa realidade aparentemente sadia; no mais refinado fingimento; na mais pura demonstração de falsas virtudes; na adulteração da verdade.

A hipocrisia é um dos pecados que mais custa descobrir ao coração humano. Sabendo disso, Satanás aumenta as dificuldades e as faz crescer até parecerem gigantescas e insuperáveis. A hipocrisia espiritual perfeita é tão íntima, que só a conhece a alma por ela acometida. Torna-se tão habitual, que, gradualmente, entranha-se no mais íntimo do ser, formando ali seu reinado e até uma segunda natureza.

A hipocrisia espiritual perfeita consiste num conhecimento interno do próprio mal, que a própria alma disfarça para si mesma conferindo-lhe uma aparência de santidade. Até isso chega a astúcia infernal de Satanás! (CC 14,216-222)

6. Fingimento

Jesus: O fingimento é filho da hipocrisia, da vaidade e da mentira. É a mistura desses três vícios, aperfeiçoados em sua execução. O fingimento é muito odioso para Mim, porque sou avesso à mentira, à vaidade e à hipocrisia que o compõem. Há fingimento no mundo e no claustro; no baile e no confessionário; na saúde e na enfermidade; na moda, no traje e no coração;



na comédia e na piedade; na rua e no templo; no corpo e – ai! – também no espírito! Infelizmente, esse vício é muito difuso, sobretudo entre as mulheres, que por natureza são fingidas. Só uma grande virtude e uma profunda santidade conseguem aniquilar o fingimento.

Quão pouca naturalidade existe na mulher; menos ainda em seu espírito! Até interiormente se insinua o fingimento, e, de tão fino, dificilmente é percebido. Aos olhos da maioria, passa totalmente despercebido, porque a luz natural não é suficiente para descobri-lo. Uma luz divina, sobrenatural, é necessária para reconhecê-lo.

A discrição é uma virtude ou qualidade por meio da qual os diretores espirituais descobrem o fingimento: uma lente com que se consegue enxergá-lo em toda sua finura. Porém muito poucas almas possuem a virtude da discrição, por ser esta um dom com que o Espírito Santo presenteia a quem lhe apraz e merece.

Muito contrário ao fingimento é o Espírito Santo, que busca a claridade de uma alma pura e singela para nela refletir-se. O Espírito Santo é a verdade por essência, e repele tudo o que lhe é contrário. Comunica-se a almas simples que não têm sinal de fingimento. Compraz-se com almas lhanas e sinceras. Assenta-se num coração puro e limpo.

O Espírito Santo detesta a escuridão, e o fingimento é formado dela. A santidade, quando não é verdadeira, também é fingimento, pois a verdadeira santidade é clara, pura e singela. Os santos jamais se consideram tais. Quem acredita estar longe da santidade, por ser humilde, geralmente é santo. A verdadeira santidade não pode ser fingida: é tão clara quanto a luz do dia; embora viva no mais remoto recesso, seu esplendor é tamanho, que os olhos espirituais alheios facilmente a reconhecem, enquanto os próprios não a enxergam. As almas santas derrotam as altas fortalezas do fingimento e agem em espírito e verdade.

Retidão e caridade são remédios para tão grande mal. A simplicidade, inimiga do fingimento, é virtude de santos: é muito rara uma alma que a pratique. Simplicidade, singeleza, pureza e delicadeza curam radicalmente o grande mal do fingimento, que se propaga por toda parte. Com a bela virtude de uma intenção reta também curam o fingimento espiritual.

Todo fingimento é mal-intencionado, portanto, mau. É a efígie do próprio Satanás, o espelho em que se contempla. A astúcia faz sombra ao fingimento.



Muitas vezes, a malícia o acompanha. O fingimento é uma epidemia universal. Há tão pouca virtude no mundo, porque o fingimento o corrompe e defrauda, repelindo o Espírito Santo, o qual não desce num coração fingido.

Onde se encontra hoje a bela virtude da naturalidade? Em pouquíssimas almas, porque até a naturalidade pode ser fingida. Oh, miserável Satanás, até onde chegas!

Somente Eu, que sondo o fundo do coração e as intenções, sei até onde vai o mal. Finge-se a pureza, a inocência, o pudor, a modéstia, o candor, até a caridade e a virgindade. Finge-se o recolhimento, a humildade, a mortificação, a penitência.

A alma: Mas como é possível, Senhor?

Jesus: Graças à mais fina hipocrisia. Finge-se a pobreza, a suavidade e a doçura; a serenidade e a paz: nesse campo, desfruta-se o vício odioso do fingimento. Toda virtude, ou melhor, sua aparência externa, pode revestir-se de fingimento e enganar os homens. Quanta sujeira há no mundo! Que tristeza Me dá a ausência de bons frutos virtuosos! Nos claustros e comunidades religiosas, também penetra a praga do fingimento! Quantas máscaras da melhor hipocrisia Eu poderia arrancar! E o pior é que esse vício apoderar-se a tal ponto das almas, que forma nelas uma espécie de segunda natureza. Assim, chegam a ser fingidas até em seu trato para consigo mesmas! Quanto há disso no mundo! Se se pudesse ver, as almas ficariam espantadas!

Há fingimento na oração mental e na vocal: isso não é orar, já que condição da oração é o esvaziamento da alma. A alma fingida está cheia de si mesma, e de mil vícios e paixões enraizadas que lhe são como que naturais. As orações de uma alma fingida são vãs. Longe de agradar-Me, essas orações Me ofendem. As almas fingidas creem-se santas. À força de fingir, chegam a crer que de fato são virtuosas. Mas, como é falsa a premissa, falsas também são as conclusões. Nasce, assim, as mil e mil ilusões da vida espiritual. Desgraçadas as almas que são presa do fingimento! Viverão, neste mundo, uma vida de falsas virtudes, para, depois, despertarem numa realidade terrível, na eternidade!

O fingimento é uma teia sombria em que Satanás envolve a alma, cegando-a e adormecendo-a. Mais que qualquer outro, esse vício induz a alma a



iludir-se: seu despertar será espantoso.

Trabalhem para expulsar de nossas almas o fingimento, que tantos males nos traz e com tantas redes nos envolve! Que as almas peçam a singeleza, a retidão, a claridade e as sólidas virtudes para que o Espírito Santo, com suas copiosas graças, seja derramado nelas! (CC 15,108-114)

7. Escusa

Jesus: A escusa é filha do amor-próprio e do respeito humano. Consiste em não querer assumir o coração as misérias por ele provocadas, valendo-se de frívolos e até ridículos pretextos.

A escusa é inspirada pela soberba: a humildade está bem longe dela. Um coração humilde jamais é dissimulado; ainda que sofra calúnias e injustiças, não se deixa abalar e permanece contente em seu desprezo e humilhação. A escusa é um fruto ordinário em toda classe social e condição humana. Tem seu assento e reinado inclusive em ambientes religiosos, onde também existe amor-próprio!

A escusa é tão suscetível, que, em muitas ocasiões, adianta sua defesa com desculpas, antes mesmo de ser atacada ou questionada. Ao desculpar-se sem necessidade, então, acaba revelando-se: em vez de quiçá passar despercebida, acusa-se, tornando patente sua culpa.

Uma escusa prudente e ordenada que age em favor do próximo é uma virtude elevada a tal ponto, que, mesmo à custa de desabonar a si mesma, desculpa o próximo. Certamente é bem raro tal grau de virtude, mas, felizmente, existe! Culpar-se o homem a si mesmo a fim de evitar a pena do outro, de certa forma, foi o que Eu fiz em Minha passagem sobre a terra. Carreguei em Meu Coração todos os pecados dos homens, para escusá-los diante do Pai Eterno e alcançar-lhes o perdão. Cobri seus crimes enormes com Meu precioso Sangue, para que não fossem castigados! Na Redenção, Deus carrega os pecados do homem a fim de escusá-lo! Sublime caridade essa, que guarda dentro de si uma infinidade de perfeições!

Que bela virtude é a escusa para o bem do irmão! Trata-se de um ato de caridade, que, quando reto e ordenado, faz muito bem e é digno de prêmio. Contudo escusar o mal, com prejuízo de terceiros, é vício e até pecado, con-



forme a malícia e as circunstâncias agravantes daquilo que se escusa.

A escusa de si mesmo é sempre má, ou, pelo menos, imperfeita. Salvo as raras ocasiões em que o exija a prudência, a justiça ou a ordem, quase sempre o amor-próprio impera na escusa de si mesmo. Calar é digno dos filhos do Crucificado. A própria Inocência guardou silêncio quando o povo raivoso e hipócrita, invejoso e soberbo pedia Sua morte, infamando-A com atrozes calúnias. Quanto mais haverão de jamais escusar-se os filhos dos homens, que sempre têm manchas a limpar e defeitos a expiar!

Como o coração humano já nasce com o germe do mal e da soberba, é-lhe como que inata a escusa. Logo desperte nele a razão, surge o vício do orgulho e o da escusa, que têm em suas veias o mesmo sangue.

A escusa simples é menos danosa. Porém, geralmente, quem se escusa, o faz culpando e acusando o outro. Ambas as coisas são contrárias à caridade, porque levanta-se falso testemunho contra o próximo, a fim de se desculpar a si mesmo. Também comete-se grande dano e falta de caridade ao descobrirem-se os defeitos alheios, que deveriam ser ocultados e desculpados conforme a prudência e a retidão.

O remédio para a escusa é não escusar-se: a escusa enquanto virtude consiste em carregar sobre si o mal dos outros para livrá-los e ser desprezado. Mas, tanto para o remédio, quanto para a virtude, precisa-se de muita perfeição, domínio de si, expiação, grande generosidade e humildade sincera.

Bem-aventurada a alma que não se escusa! Exaltá-la-ei e, amorosamente, cuidarei da sua causa! Ditosa também a alma que se sacrifica para salvar a honra do irmão! Em verdade não ficará sem recompensa e Meus olhos mirá-la-ão com predileção. (CC 14,436-440)

8. Afetação

Jesus: A afetação é filha do amor-próprio e da hipocrisia. É um vício ridículo e odioso, próprio de inteligências curtas e almas hipócritas. A afetação é companheira inseparável e parente próxima daquele trio repugnante constituído por presunção, pedantismo e pretensão. Todos têm o mesmo sangue da soberba e do orgulho.



As belíssimas virtudes da simplicidade, da singeleza e da franqueza estão muito longe da alma afetada. Lhaneza, sinceridade e caridade jamais batem à sua porta. A afetação tem seu conluio com a falsidade, a duplicidade e a mentira. Ofende-me gravemente, e jamais inclino Meus olhos para uma alma hipócrita e afetada.

Numa alma presumida e afetada, não pode haver vida espiritual, já que é contrária a tudo que é falso, enganoso e hipócrita. Fundamento da vida espiritual é a singeleza unida à obediência cega. A afetação não é singela nem obediente. Pelo contrário, abriga dentro de si, intimamente unidas, a soberba, que se contrapõe à obediência, e a hipocrisia, inimiga da singeleza.

Oh, quanto me repugna uma alma afetada! Amo tanto a simplicidade, a singeleza e a caridade!

O remédio da afetação é a constante meditação da miséria e do nada do homem, e a contínua prática da humildade. A alma que deseja livrar-se desse vício odioso há de, corajosamente, conhecer-se a si mesma e mostrar a um confessor santo toda sua vida interior, por mais asquerosas que sejam as chagas que nela se encontram. O domínio de si há de imperar, destruindo o hábito da afetação, por meio das virtudes da sinceridade, claridade, lhaneza e singeleza. (CC 14,350-352)

9. Adulação

Jesus: A adulação é filha da exageração e da hipocrisia. Tem em suas veias o sangue da mentira, e geralmente se abriga em almas baixas e ignóbeis. É um vício repugnante, odioso e desprezível. Almas retas nunca adulam, pois a verdade as acompanha constantemente. De fato a adulação está bem longe da retidão e da justiça.

A adulação consiste numa falsa e desordenada exibição de qualidades alheias. O bajulador tem sempre, em seu agir, um fim desonesto ou, ao menos, não reto. Às vezes, adula-se por interesse: para atrair tal ou qual vontade ou simpatia. Outras vezes, por vaidade ou soberba: adula-se para favorecer alguém. Em muitos casos, a adulação é vil e traiçoeira, feita por burla ou sarcasmo. Adula-se em ausência ou presença do adulado, mas sempre com falsidade, fingimento e hipocrisia.



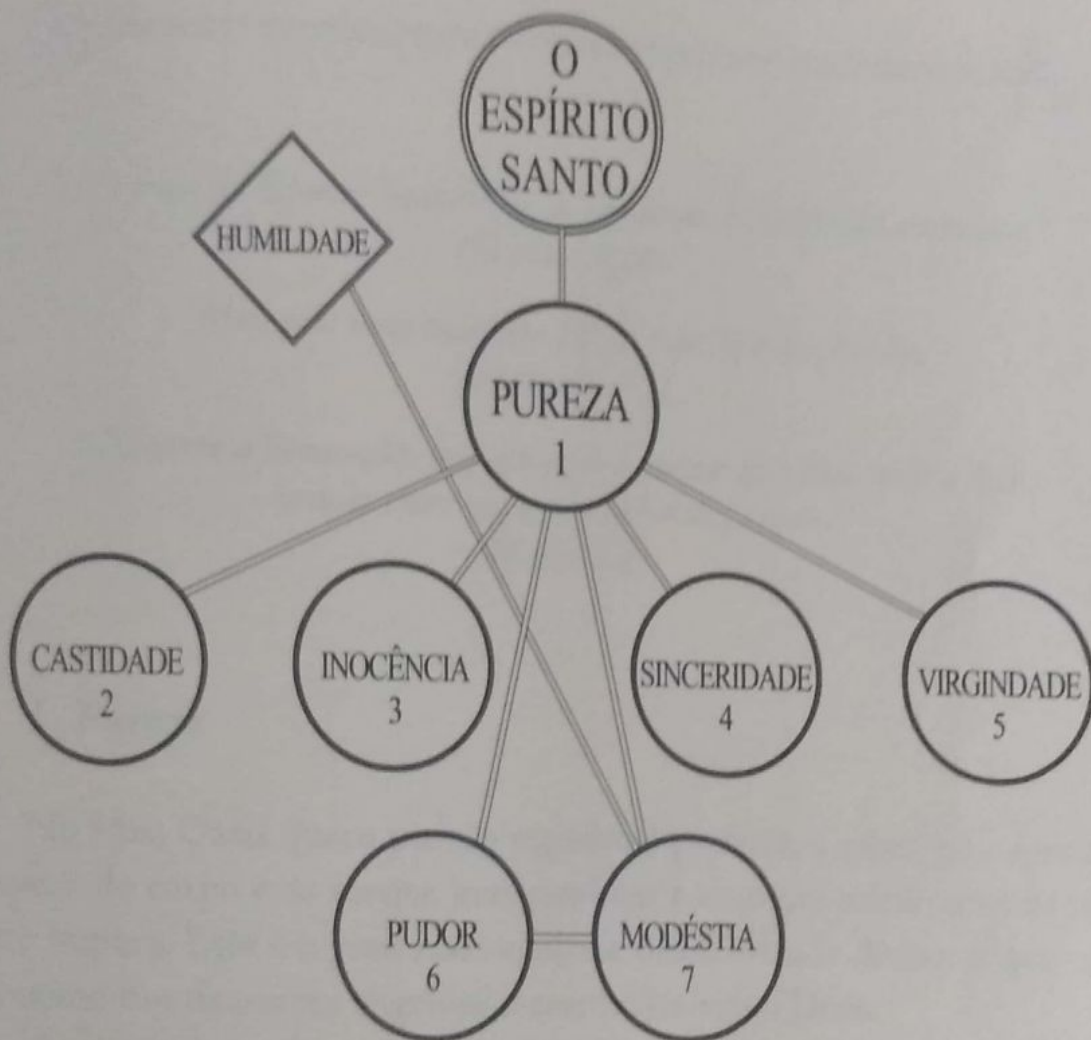
O elogio bem ordenado é virtude que leva à caridade: é digno de um cristão louvar o irmão, mas esse louvor é sempre acompanhado de singeleza, sinceridade e retidão. O santo louvor é prudente, jamais é praticado diante da pessoa louvada. O santo louvor é puro, brota da verdade, sem exageros e fingimentos. O santo louvor é sincero, franco, sempre ordenado à glória de Deus. O santo louvor do próximo não se detém na criatura, mas transcende-a em Deus, sobrenaturalizando as virtudes e enxergando nas qualidades da criatura a mão de Deus, que proporciona tais virtudes e qualidades. É formoso e digno de recompensa o elogio do próximo, porém com as condições que acabei de dizer. Caso contrário, o que é virtude passará a ser vício, mudando-se o elogio em adulação.

O campo da adulação e do elogio é inclinado e escorregadio. Para percorrê-lo, precisa-se de pés de chumbo. Uma intenção reta e pura é o apoio que sustenta a alma em luta contra o vício.

O elogio tem também um ponto escuro: pode deslizar em proveito próprio. O que ocorre com frequência entre os homens! Sem que se perceba, o elogio alheio pode resvalar no amor-próprio, e, a pretexto de elogiar alguém (pois almas espirituais não ousariam fazer isso abertamente, o que ser-lhes-ia também contraproducente), almas gentis atraem para si a simpatia e admiração de muitos. Oh, amor-próprio, quão sutil és tu em tuas maquinações!

Remédio da adulação é o silêncio, que afugenta todo interesse próprio, soberba e burla. Antídoto contra todo louvor de si mesmo e amor-próprio é a humildade sincera. Corretivos do louvor alheio são a sinceridade e a verdade. A retidão do coração abrange esse conjunto de virtudes e serve tanto para evitar a adulação quanto para usar retamente o elogio. (CC 15,25-30)

QUINTA FAMÍLIA VIRTUDES DE PUREZA



Nº		FILIAÇÕES SEGUNDO OS MANUSCRITOS
1	PUREZA	Filha do Espírito Santo.
2	CASTIDADE	Filha da Pureza.
3	INOCÊNCIA	Filha da Pureza.
4	SINCERIDADE	Filha da Pureza.
5	VIRGINDADE	Filha da Pureza.
6	PUDOR	Filho da Pureza e da Modéstia.
7	MODÉSTIA	Filha da Pureza e da Humildade.

QUINTA FAMÍLIA DE VIRTUDES VIRTUDES DE PUREZA

- *"O fruto do Espírito Santo é amor, modéstia, continência, castidade."*
(Gálatas 5,22)

- *"Mais vale uma vida sem filhos, mas rica de virtudes."*
(Sabedoria 4,1)

- *"Quanto à fornicção, impureza ou avareza, que disto nem se faça menção entre vós, como convém a santos."*
(Efésios 5,3)

1. Pureza

No Meu Oásis quero pureza espiritual perfeita, a saber, não apenas a limpeza do corpo e da mente, mas também a absoluta purificação de todo afeto impuro. Esse é o grau mais sublime dessa virtude divina: o que mais aproxima-nos da pureza angelical e assemelha-nos a Deus.

A pureza é o reflexo de Deus. Em Deus a pureza é inata, pois Ele é a própria pureza. Deus é um cristal sem mancha, em cuja transparência divina reflete-se a imagem da beatíssima Trindade. Deus é luz, é claridade. Deus é pureza. Repito: a essência de Deus é a pureza, porque a pureza é a essência da luz e da claridade. Onde há pureza, ali está o reflexo de Deus, isto é, a santidade. Desse foco de eterna pureza, que é Deus, brota a luz, a claridade, a limpeza angélica. Não brota a pureza da luz; é a luz que brota da pureza. Por isso, nas almas puras, encontra-se a luz do Espírito Santo.

Esse conjunto de luz, santidade e pureza, inseparáveis entre si, representa a beatíssima Trindade: uma em três, e três em uma: Deus Pai, santidade; Deus Filho, abarcando a santíssima e pura humanidade; Deus Espírito Santo, luz.

Que se estude, medite e ponha em prática essa depuração absoluta de



todo afeto menos puro. O que há de ser o Oásis para merecer ser o descanso da mesma pureza? Que honra a minha para o Oásis ao descobrir os tesouros de Deus, os altíssimos segredos em que me regozijo!

Jamais o entenderão e o agradecerão suficientemente. Nem todos os corações humanos juntos seriam capazes de pagar com sua gratidão uma só das Minhas graças. Tomara vissem o quanto Deus se regozija em sua pureza eterna e infinita!

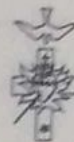
A Cruz tem sido e sempre será o amparo da pureza, sua muralha e fortaleza. Foi para isso que nela foi cravada a própria Pureza, a fim de comunicar-lhe essa virtude celestial. Portanto os Religiosos e Religiosas da Cruz devem ser os Religiosos e Religiosas da Pureza. Ouçam bem e atendam bem as almas do Oásis a isso que se acaba de dizer, porque é ouro. O Oásis é o santuário escolhido por Deus para a grande virtude da pureza. (CC 8,162-166)

A pureza, qual rainha, destaca-se majestosamente entre todas as virtudes suas companheiras e reclina-se em Meu Coração. A pureza tem uma fragrância tão especial, que perfuma e inunda com seu aroma todas as demais virtudes. (CC 13,5)

2. Castidade

A castidade não é o mesmo que a pureza. É fruto do Espírito Santo, que é a própria pureza. A pureza é a árvore; a castidade, o fruto da árvore. Deus é pureza, mas não é castidade. Deus é a lâmpada da pureza. Um raio dessa luz é a castidade. A virgindade é algo mui precioso e amado pelo Meu Coração. Procede também, como a castidade, da santa árvore da pureza. A virgindade é um fruto mais rico que a castidade e se origina da mesma luz da pureza. A virgindade que Eu mais aprecio é a da alma, que vem acompanhada por outros dons e frutos de pureza. (CC 13,32-33)

As virtudes emanam da Minha divindade. Eu sou eterno, mas as virtudes se manifestam particularmente na pessoa do Verbo feito Carne. Por isso, não está mal dizer que as virtudes nascem do Verbo encarnado. NEle algumas resplandeceram com mais claridade que outras: não porque Ele não as tenha todas em plenitude, já que as produz todas em grau infinito, mas porque



amou e abraçou algumas mais que outras, para o crescimento e o bem dos homens. (CC 13,35)

3. Inocência

A inocência é filha da pureza e irmã do candor. Limpeza e claridade representam seu ser. Manifesta-se na singeleza, lhaneza, simplicidade e franqueza. Doçura e bondade são sua atmosfera. A profunda humildade é seu apoio. Seu desenvolvimento e crescimento total se encontram no sacrifício e na dor. A modéstia é sua fisionomia. A paz é seu assento. A obediência, seu descanso. Todas as virtudes se juntam em cortejo da inocência.

A inocência arrasta a alma até Deus, e inclina Deus para a alma puríssima que a possui. A inocência não é própria apenas das crianças, que têm-na impressa em seu ser. Não estou falando dessa inocência, embora em parte seja a mesma. Crianças há sem inocência, enquanto há almas, embora poucas, que, mesmo em idade madura, a conservam.

A inocência consiste na limpeza total da alma. A alma pura é inocente. A alma purificada recobra a inocência, mas não é inocente: foi inocente, mas, se alguém recupera algo, é sinal que o perdeu. A inocência não é como uma moeda que, depois de perdida, é retomada exatamente como era antes. Com efeito, a inocência, depois de perdida, é recuperada sempre em grau menor e reduzido.

A inocência que não se perde conserva-se intacta, e é pura, cristalina, santa e perfeita. Essa inocência é um degrau que, geralmente, leva a alma à união divina, a um indissolúvel estreitamento com a própria inocência, com a luz eterna da imaculada pureza. Que formosa é a inocência e como nela se regozija a beatíssima Trindade! Ela é o abrigo escolhido pelo Espírito Santo. Os anjos a acompanham, os santos a admiram, os homens, em geral, não a compreendem, e Eu a amo!

Seus inimigos são muitos! Satanás odeia a inocência tanto quanto lhe permite seu escuro coração, porque a inocência em todo seu esplendor é Maria, que jamais foi maculada ainda que minimamente. Satanás a ninguém odeia mais que a Maria, cujo pé bendito continuamente o esmaga.

A inocência é terra ideal para formar o jardim das virtudes, em que cres-



ce frondosa a árvore santa da Cruz. A inocência e o sacrifício se unem tão fortemente, que nada é capaz de separá-los. Assim quero que seja o Oásis: inocência e sacrifício, amor e dor, pureza e crucifixão. Na inocência pura ou purificada, quero descansar. A inocência pura certamente é Minha preferida. A inocência preserva-se entre os espinhos, mas corrompe-se entre os prazeres e confortos. Unida à penitência e mortificação, a inocência proporciona-Me verdadeiro descanso. Raramente há inocência e dor. Onde hei de buscá-las, onde mais senão no Meu querido Oásis? (CC 13,145-148)

4. Candor

O candor é uma virtude angélica: nasce da pureza, alimenta-se da inocência, cresce e se fortalece com o sacrifício. Quanto ama o Meu Coração essa virtude descida do céu especialmente em prol de Maria! Brilhou o candor de tal maneira em Maria, que o olhar do Pai eterno se compraz com essa criatura saída de suas mãos tão perfeita.

No candor está a sabedoria, porque nele está a humildade. A atmosfera do candor está na humildade. A virtude do candor é irmã da singeleza e da simplicidade. Passa despercebida para a alma que a possui. Unida ao sacrifício, como só pode existir numa alma pura, alcança muitas graças do céu em favor de outras almas. O candor cumpre sua missão sem sabê-lo; só na eternidade verá o que no tempo não vê. A alma que se dá conta de ter essa virtude, imediatamente a perde, pois o candor só existe em corações cegos. Tão pura é essa virtude, que, ao menor sopro de vaidade ou soberba, ofuscam-se seu brilho e sua pureza. Conserva-se no ocultamento, protegida pela discrição, pela obediência e pela dor. O candor é irmão da dor. Quando os dois se encontram, jamais se separam. Têm, na alma, tamanha afinidade, que se atraem constantemente e andam sempre juntos. Bem-aventurada a alma que leva consigo companheiros tão belos: será feliz para sempre.

Muito Eu amo uma alma pura e sofredora. O candor é Meu descanso, e a dor, Minha delícia. Assim quero que seja Meu Oásis: candor e dor. Quero que a dor reine no mundo materialista e fútil. Quero a dor: tenho sede de sacrifício, abnegação, comunhão, fidelidade, expiação, pureza, obediência, singeleza e de outras virtudes cerceadas que ninguém pratica. Ai! O mundo



esqueceu-se das virtudes! Elas não existem com a força que aqui Eu tenho explicado. Entretanto é mister que existam. O mundo dorme no profundo letargo do mais lamentável engano. As almas se perdem, precipitando para sua eterna perdição, porque não há nelas disposição ao sacrifício. A dor preserva do inferno. A Cruz com Meu Coração doloroso salvará o mundo: é a chave do paraíso.

Perde-se o mundo, porque não há candor e dor nas almas! A pureza e a Cruz são sua salvação; a única barreira para deter a torrente impetuosa dos seus vícios. Ai do mundo sem o Meu Coração e sem a Cruz, sem a pureza e sem a dor! Amai e sofrei! É necessário que as almas amem, porém na dor; é necessário que a Cruz se expanda por toda a terra e atraia todas as nações para o Meu Coração; é necessário que a Cruz e o Meu Coração detenham a enorme catástrofe que paira sobre o mundo. Quero corações puros e dados ao martírio, que aplaquem a justiça divina. Quero que o mundo venha ao Meu Coração pelo caminho da Cruz. É por isso que Eu apresento Meu Coração no centro da Cruz, para que compreendam que só se pode chegar ao Meu Coração subindo na Cruz. Indispensável para o mundo é o reinado da dor, pois somente por esse caminho choverão graças e se salvarão as almas. Dai-Me almas puras. Peço almas forjadas pelo sofrimento. Rezem! Rezem! Estes escritos dar-Me-ão almas puras, e terei candor, e terei dor, e regozijar-Me-ei entre lírios e espinhos.

Os inimigos do candor são inumeráveis. Satanás espreita o candor de mil modos, a fim de fazê-lo cair ou, ao menos, manchar sua pureza. Suas armas mais frequentes são o amor mundano e a malícia.

O candor é uma das virtudes que encantam Meu Coração, deliciando-o com seu perfume. Maria possuiu o candor em sua plenitude. Escudo e refúgio do candor é a Eucaristia. Que formosa virtude! (CC 13,109-115)

5. Limpeza de coração³

A limpeza de coração é uma virtude divina que nasce da pureza. É irmã

3 A 4a. Edição em língua espanhola - edição mais antiga disponível - apresenta uma discrepância entre o diagrama da Quinta Família de Virtudes e o corpo do texto: por algum motivo desconhecido não são abordadas no texto as virtudes da Virgindade, Pudor e Modéstia presentes no diagrama, mas substituídas por duas outras: Limpeza de Coração e Claridade (Nota do Editor)



da claridade de consciência, e habita nas almas humildes e mortificadas. A penitência proporciona-lhe vida e crescimento, aumentando mais e mais na alma a sede de purificação e o firme propósito de agradar a Deus. Essa virtude formosa e mui delicada aproxima mais e mais a Mim a alma que a possui. É uma sentinela sempre alerta, pronta a rechaçar os golpes do inimigo. Deus ama se espelhar na limpeza de uma alma pura. Oh, que bela é uma alma limpa, que, em seu íntimo, tem a marca do esplendor divino e da sacrossanta imagem da Santíssima Trindade! O Pai regozija-se ao mirá-la, o Filho enamora-se dela ao encontrá-la, o Espírito Santo busca-a para possuí-la!

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus, não apenas na eternidade, mas também no tempo, por meio das aspirações, dos chamamentos, das virtudes, do amor, da união e de outros modos com que Eu Me comunico. Os limpos de coração sentem o contato divino, o contato da Pureza; escutam Minha voz, entendem Meus sorrisos, alegram-se com Minhas ternuras. Os limpos de coração enxugam as lágrimas do Amado, são os que O conhecem; por Ele, só por Ele se sacrificam. Os limpos de coração são os que têm ouvidos abertos, um recordo vivo do Amado, vontade pronta a ir atrás dEle. Sobem da mesma maneira ao Tabor e ao Calvário, sua vontade fundida à vontade divina, sem outro fim que essa mesma vontade.

Mas quão poucos são os corações limpos! Essa é a razão pela qual há tão pouca virtude no mundo. As almas sacudem-se, mas não se limpam em profundidade, não extirpam pela raiz os vícios. Cobrem-se com atos piedosos superficiais, muitos dos quais são pura vaidade. Na maioria das almas, expiação, penitência e humilhação não descem até o fundo. Quão triste e lamentável é o que se passa no mundo entre os que se dizem Meus sem sê-lo! Conforma-se um grande número de almas com a certeza da virtude, com o nome dela, mas poucas alcançam a plenitude do sacrifício e a verdadeira limpeza de coração. Já é tempo de o mundo despertar, de a virtude reinar tal qual é, e de a verdade brilhar em todo seu esplendor celestial! Guerra a Satanás, à mentira, ao vício e à comodidade que é agora a rainha do mundo! Que venha a Cruz, que venha a dor para aniquilar o demônio! A Cruz e a dor hão de penetrar nos corações para limpá-los e santificá-los. É isso que Eu quero. Esse é o remédio do mundo em seus últimos tempos.

Quão pouca limpeza de coração vejo no mundo! Gostaria de derramar Minhas graças, mas não encontro dignos receptáculos para guardá-las. A



arma cruel com que Satanás ataca a limpeza de coração é a dos escrúpulos. Levanta, diante da limpeza de coração, torres e castelos de poeira e fumaça, com que a atormenta, a distrai e, por vezes, a balança. Os recursos dessa virtude e seus fundamentos estão na obediência cega, na claridade e na humildade. (CC 13,122-127)

6. Claridade

A claridade é um efeito e um dos aspectos da pureza. É filha da luz, a saber, do Espírito Santo que é luz. Nessa luz divina, reflete-se a alma pura que, contudo, sempre encontra manchas a limpar. Deus só concede essa claridade de espírito a almas puras. A claridade habita apenas em corações puros. Quando Deus opera na alma, esta contempla a verdade tal qual ela é, e enxerga, em virtude da claridade divina, seu nada, sua pequenez, suas misérias, defeitos, debilidades e fragilidades. E coloca tudo isso diante da onipotência, beleza, bondade e poder do próprio Deus.

A alma que tem a graça da claridade conhece-se a si mesma, vislumbra a seu Deus e não pode orgulhar-se, porque toca com mão sua realidade e está confirmada em graça. Essa claridade é irmã e companheira da simplicidade e da singeleza, e, muitas vezes, acompanha o candor. Porém é uma graça distinta e um dom vindo do próprio Deus. Poucas almas possuem a claridade. Seu fundamento é uma profundíssima humildade.

A alma que possui essa virtude abre-se facilmente com seu diretor espiritual e consigo mesma: não tem nada a ocultar, mostra e descobre tanto suas manchas quanto suas pérolas. Conforme se vê no fundo de um lago cristalino e quieto, assim sem dificuldade se vê tanto a superfície quanto a profundidade da alma que possui essa virtude especial.

No exato momento em que penetra na alma ainda que a sombra de um vício ou paixão, logo em seguida o nota a alma clara e também seu diretor espiritual. Essa virtude é de grande auxílio para os diretores espirituais assim como para as almas que eles orientam. É uma graça especial dada por Deus a quem lhe agrada. Porém também se adquire por meio da humildade e da expiação amorosa.

A arma que Satanás usa contra essa virtude, que lhe impõe tantas derrotas,

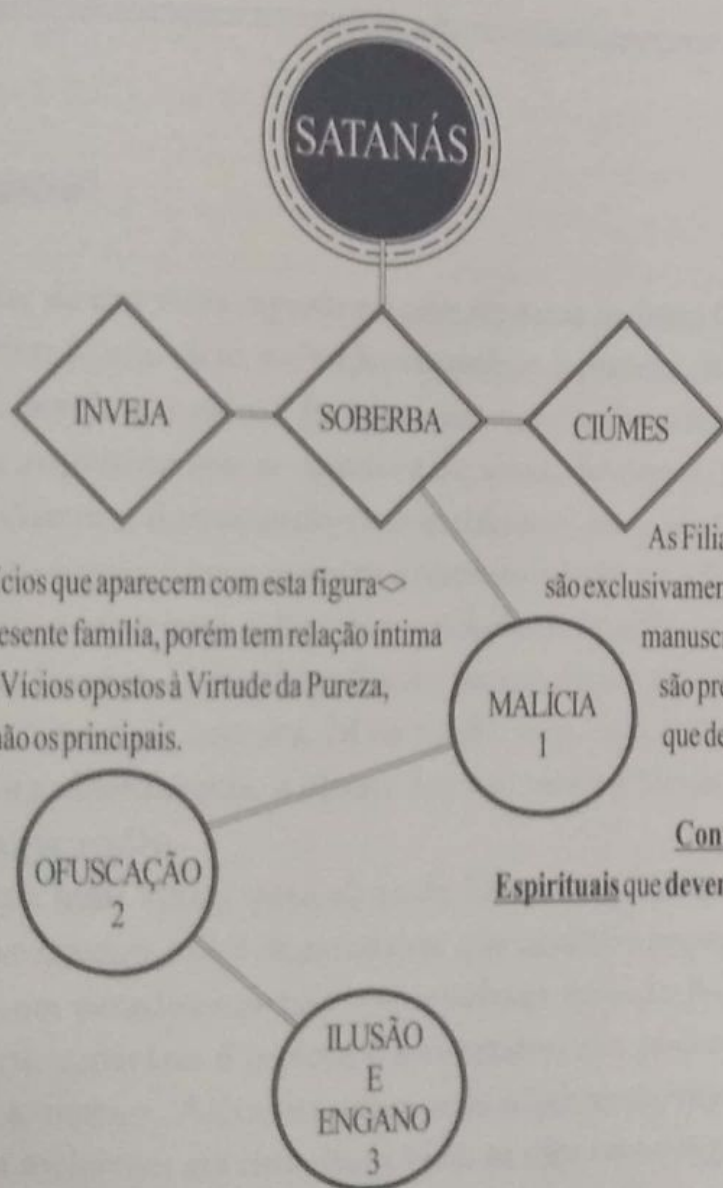


é a do respeito humano. Vale-se também da hipocrisia e da duplicidade. A claridade é uma ajuda admirável para progredir na vida espiritual, porque faz com que o espírito perceba seus diferentes e até menores movimentos.

Sabeis quem reza constantemente e tem o mérito de que Eu envie ao mundo a luz das virtudes para o bem das almas? Maria. A Maria se deve a grande graça da Minha misericórdia. Agradecei-lhe sua intercessão. Quanta gratidão deveis a Maria que tanto cuida e se interessa pelas almas, e de maneira particular pelas almas do Oásis! O Oásis é e há de ser o Meu descanso; representa uma vida de deleite nas virtudes. O Oásis nada mais é do que a posse de todas as virtudes, com suas flores e seus frutos. O Oásis é o conjunto harmônico e perfeito de todas as virtudes. (CC 13, 127-131)

QUINTA FAMÍLIA

VÍCIOS OPOSTOS ÀS VIRTUDE DE PUREZA



Notas:

As Virtudes e os Vícios que aparecem com esta figura < não pertencem a presente família, porém tem relação íntima com ela. Há outros Vícios opostos à Virtude da Pureza, não damos aqui senão os principais.

As Filiações marcadas aqui, são exclusivamente as indicadas pelos manuscritos. Estas Filiações são preciosas para as almas que desejam conhecer-se e mais ainda para os Confessores e Diretores Espirituais que devem conhecer as almas.

F. de Jesus.

Nº	FILIAÇÕES SEGUNDO OS MANUSCRITOS
1	MALÍCIA Filha da Soberba.
2	OFUSCAÇÃO Filho da Malícia.
3	ILUSÃO E ENGANO Filho da Ofuscação.

VÍCIOS OPOSTOS À VIRTUDE DA PUREZA

1. *Imodéstia*⁴

Quero falar de um vício espantoso que repugna ao Meu Coração e enche de almas o inferno, um vício nefando contrário à pureza. Esse vício é filho da soberba. A inveja e o ciúme formam sua coorte favorita. É uma paixão avassaladora e asquerosa que se apodera da alma, do corpo, de todo sentido e potência da criatura, dominando-os e instilando seu perverso veneno.

Pelo pecado contra a pureza entra a incredulidade, paixão que ofusca a fé nos corações, tira a esperança e destrói a caridade. A imodéstia separa de Deus, que é a própria Pureza. O Espírito Santo jamais desce, sequer se aproxima, olha ou escuta uma alma impura. Mais ainda, foge dela, retirando sua graça e sua luz. Assim abandonada, a alma fica em meio a trevas espantosas e a uma profunda escuridão.

O vício que mais afasta uma alma de Deus é aquele que é contrário à pureza. Por isso mesmo, não é de estranhar que as almas impuras se afundem, naturalmente, em pecados mortais e se revolvam no lodo fedorento de suas paixões. O vício contrário à pureza é um veneno tão potente para a alma, que, tocando-a, mata-a. Além do mais, seus hábitos corruptos a infectam, contaminam e molestam até tirar-lhe a vida, se não toma logo o antídoto do arrependimento e da profunda humilhação, ou seja, a Cruz em todas as suas formas.

Esse vício é uma fera de tamanha astúcia, que, para destruí-la, faz-se necessário o próprio Deus. Toda criatura deve fugir da imodéstia como da

4 Aqui também, como já referido na nota anterior, aparece uma diferença entre o diagrama da Quinta Família dos Vícios e o corpo do texto. Por motivo desconhecido e sem nenhuma referência explicativa, não são abordados os Vícios constantes no diagrama, mas há a substituição por outros e, ao final, o tópico "remédios", que não se trata obviamente de um vício, mas de como combater os Vícios dessa família. (Nota do Editor)



mais terrível serpente, pois só seu olhar já envenena e corrompe. Trata-se de paixão vil, baixa e rasteira que degrada o homem até convertê-lo numa besta. Tem o funesto magnetismo da vileza mais infame e da malícia mais solapada. Oculta-se para morder e manifesta-se para precipitar a alma no desespero.

Acudir a Maria, a mais pura das criaturas, a Imaculada sem mancha, remove da alma esse vício horrível.

O germe desse mal surge e finca suas raízes se o homem, antes, não o submete por meio dos sacramentos, das humilhações e do domínio de si. A divina Eucaristia, que contém a própria Pureza, é remédio infalível contra a imodéstia. Ademais, Meu Sangue precioso gera virgens e fortifica corações, purificando-os e infundindo-lhes luz e graça.

O vício oposto à pureza é uma gangrena que, num abrir e fechar de olhos, corrompe os corações mais puros, tão rápido e danoso é seu veneno. Essa espantosa gangrena, se não for cortada imediatamente, ao se perceber seu pegajoso contato abrasador, logo queimar-se-á e formará pavorosos incêndios na alma, que só Eu posso apagar com Minhas graças extraordinárias, não bastando as comuns e ordinárias.

Esse vício é, para além de toda ponderação, horrível, e costuma cobrir-se mais com sedas que com pano de saco. O mundo está cheio de perigos desse vício horroroso. Nos campos e nas cidades, nos palácios e nas cabanas, em todo estado, classe, idade e condição, em maior ou menor grau, há desses perigos.

Mal a razão desperta na criatura, e já esse maldito vício surge e começa a desenvolver-se. Rara, raríssima é alguma alma eleita pelo Espírito Santo, que fica livre dessa praga. Ainda mais rara é a alma que não apenas está livre, mas que também sempre foi livre da imodéstia, sinal evidente de predestinação de uma alma virgem, pura e inocente, reflexo do próprio Deus.

A Cruz é o antídoto contra a imodéstia. A dor em todas as suas formas, além de purificar a alma, traz em si mesma uma virtude que livra as almas desse vício infernal. Feliz a alma que abraça a Cruz! Ela será pura, e Meus olhos buscá-la-ão para comprazer-Me. O Espírito Santo derramará sobre ela graças abundantes, seus frutos e seus dons preciosos. Oh, feliz crucificação, a da carne e a do coração! Quando enfim o mundo compreender-te-á?

A penitência é arma poderosa contra esse vício nefasto. Submeter a natureza ao império da razão e da fé, rechaçando todo excesso e toda desordem, é um ato cristão necessário para quem busca servir a Deus e salvar-se.



Quando se perde a inocência, por culpa desse vício, só a penitência pode vir em nosso socorro. A bela virtude da penitência é nesses casos de muita valia. A mortificação é o escudo contra os dardos de Satanás. A imodéstia produz na alma ouvidos atentos e muito finos com os quais ouve os cantos mais ocultos dessa sereia infernal. Para cerrar esses ouvidos, é necessária a cauterização da penitência e da mortificação.

Oh, quantas coisas poderia dizer desse maldito vício que tantos castigos trouxe ao mundo!

Água e fogo vieram do céu para afogar e queimar essa peste aterradora. O mundo no dilúvio e as nefandas cidades foram presa do castigo do Onipotente. Muitos corações, hoje, pela mesma razão, haveriam de queimar e afogar. Contudo na eternidade será satisfeita a justiça divina.

Mas não. Meu Coração estremece. Quero perdoar. Nos últimos tempos, trago o perdão para o mundo, por intermédio do Meu Coração e da Minha Cruz. A Cruz é a salvação do mundo. Gritai – e essa voz ressoe por toda a terra – que o remédio da imodéstia é a Cruz, a dor santificada pelo Meu Coração na sacrossanta Eucaristia, em Maria. Que o mundo espiritual, tão lamentavelmente enganado e enganador, entenda isso, pois, no íntimo das virtudes, muitas vezes, oculta-se a imodéstia lamacenta.

Quantos e quantos corações começam bem e acabam mal! Os afetos que não são moderados pela virtude – algo raro na natureza humana! – quase sempre, ainda que espirituais, de afetos espirituais passam facilmente a afetos materiais. E acrescento mais ainda: os afetos espirituais desvirtuados são os mais prejudiciais e os que Me ofendem mais intimamente.

As mulheres e os que se dizem decentes também podem ter esse vício abominável, porque toda carne tem o germe do pecado.

Todo sofrimento físico do Meu corpo na Minha dolorosa paixão, os sofrimentos do Meu Coração na agonia do Horto e na Cruz, foram para expiar esse horrível pecado. Digo isso para que tu vejas a gravidade do vício da imodéstia. Sofri e padei tanto quanto foi necessário, de acordo com a imensa e infinita ofensa feita a Deus. Somente o Homem-Deus que é a própria pureza, a luz eterna da imaculada pureza, poderia devidamente satisfazer a pureza ultrajada.

Que abominável é esse horrível vício! No inferno há um fogo especial para castigá-lo. A imodéstia não reside apenas no corpo, mas também no coração.



Por isso é tão funesta. O coração é que comunica esse veneno ao corpo, e não este àquele. A alma impura é toda asquerosa. Até o ar que respira está cheio de miasmas pútridos que a envenenam mais e mais.

O vício da imodéstia sempre está numa encosta tão íngreme, que a alma desgraçada que se torna sua presa geralmente precipita até o inferno. Nada é capaz de detê-la! Esse vício universal que Eu odeio tanto quanto Minha infinita pureza é capaz de odiar, causa profundas e dolorosas penas ao Meu Coração.

Nenhuma alma impura pode conhecer-Me. Muito menos, amar-Me. Nenhuma dessas almas desgraçadas pode aproximar-se de Mim, se antes não se purifica com a água da contrição. Isso nem no tempo nem na eternidade. Meus olhos jamais se detêm numa alma impura. Longe de Mim toda mancha: sou o Deus da luz, da claridade, da limpeza e da imaculada pureza! Minhas voz jamais penetra ouvidos dispostos a escutar Satanás. Eu sou o adversário da impureza. Eu não desço num coração maculado. Ultrajam-Me – dor! – as mãos sacrílegas dos que se passam por Meus! Recebem-Me peitos enlameados e traidores! Aqui tendes Minha paixão cotidiana, que Me faz sofrer e penar incompreensivelmente mais, em sentido místico, que a paixão do Calvário. No Calvário crucificaram-Me apenas uma vez. Aqui, tantas vezes! Então era Eu feliz com o duro contato dos cravos na Cruz. Mas o contato do meu corpo virginal com os corações impuros – ai! – é o maior suplício da Minha pureza virginal. Todos os dias – e quantas vezes ao dia! – se Me sacrifica desse modo. Só os cravos do amor Me obrigam a penas semelhantes! Essa questão dos sacrilégios quase passa despercebida a todos os cristãos que Me amam, mas haveria de ser o foco central de suas expiações.

Oh, que dor ao ver-Me abraçado, tão intimamente, ao que mais odeio, rechaço e repugno! E permito tudo isso, porque amo esse mundo infame que Me arroja nesse imundo lodaçal, e Me aperta e Me pisoteia.

Dar-Me-ão muita glória esses escritos que são Meus, muito Meus, e que têm um fim que só Eu conheço para a santificação das almas. (CC 14,99-116)

2. Sensualidade

A sensualidade desenfreada, como uma víbora, tem todas as características



de um vício contrário à pureza. Leva à escuridão, à ofuscação, à ira, à gula, à baixeza, à vileza, à falsidade e a todas as paixões mais rasteiras e degradantes. Essa impetuosa paixão carrega o mesmo fogo infernal que abrasa as almas em sua eterna perdição. Na sensualidade, encontram-se concentrados todos os vícios e suas funestas consequências.

Quero a pureza para lutar contra esse vício terrível e feroz saído do inferno. Por isso Eu peço pureza, pureza. Jesus imaculado pede pureza: quer candor, inocência e pudor. Por isso, têm sido dadas à luz as virtudes, para que o mundo entenda a pureza do coração, pois ninguém se salva sem ela.

A dor desterrará os vícios nefandos que abarcam o mundo. Não há contrapeso para tão graves males no mundo a não ser a Cruz, apenas a Cruz. Que se pregue aos pecadores a Cruz. Esse santo lenho – Eu o prometo – consumirá vossos pecados e vos devolverá arrependidos e humilhados ao Meu Coração.

Os Oásis são o contrapeso da impureza. Ai, parece ser um mui exíguo contrapeso para tão grande mal! No entanto os Oásis crescerão, consolar-Me-ão e dar-Me-ão descanso.

A sensualidade leva em seu sangue a soberba, e dela é inseparável. Esses dois vícios assombrosos são dois grandes expedientes de Satanás para a perdição eterna das almas. Onde há soberba, se já não houver sensualidade, não tardará em havê-la. Onde há sensualidade, também há soberba em muito alto grau. Esses dois vícios nefandos dão-se a mão e respiram o mesmo ar. A alma que foge de um se livra do outro; e, se se entregar a um, logo ver-se-á presa do outro.

Essas paixões desenfreadas e malditas jamais entram num coração humilde e padecente: podem rodeá-lo, mas nunca vencê-lo nem chegar a possuí-lo. A humildade é o para-raios desses vícios horríveis: na humildade se desfaz toda maquinação satânica, como no vento se dispersa a fumaça. (CC 14,116-120)

A sensualidade é como que o complemento de quase todos os vícios, abarcando a maior parte deles. É filha de Satanás e traz consigo a indolência, a imodéstia, a preguiça e a gula. Todos esses vícios são como o sangue que corre em suas veias. A sensualidade carrega consigo a avareza, a inveja e a soberba como batidas do seu coração. O vício horrendo é como se fosse seu próprio coração, pois a sensualidade quase não existe sem ele.

Na sensualidade, há um conjunto de vícios e defeitos entre os mais odiosos e malignos. A sensualidade enche o mundo e corrompe as sociedades em



todas suas diferentes classes, mas se aloja de preferência nas fileiras mais altas. Faz o seu ninho nos corações soberbos. E, como, desgraçadamente, há corações soberbos em toda condição e situação, ali também se expande o sopro envenenado da sensualidade.

Brotam da sensualidade todos os vícios que acompanham a preguiça, isto é, a ociosidade, o fastio, o cansaço, o desânimo, a delicadeza, a comodidade e a indolência: todos dignos de integrar a coorte dessa rainha que Eu detesto. Quanta sensualidade infesta o mundo infame e o mundo espiritual! Se Eu vos mostrasse os milhões de corações que vivem e morrem envoltos na sensualidade, sérieis tomados de espanto e terror! A sensualidade, com sua força impetuosa, arrasta corações e vontades. Desgraçada a alma que se deixa levar por ela! Se não se deter, perder-se-á sem remédio.

A sensualidade é o vício capital que hoje reina nos corações: sua missão é afastá-los de Deus para perdê-los eternamente. O mundo, o demônio e a carne têm na sensualidade seu império e florescente reinado. No coração em que se encontra a sensualidade, também estão, em maior ou menor grau, conforme o tamanho da sensualidade, o mundo, o vício nefando e Satanás. O inferno está cheio de sensuais.

Todos os sentidos do homem reinam na sensualidade, afugentando totalmente o Espírito Santo, que só descansa em almas puras e fortalecidas pela dor. A sensualidade manifesta-se no uso desenfreado dos sentidos. Ai do homem que, em vez de controlá-los, solta as rédeas, satisfazendo todos seus apetites! Ai desse homem – repito – porque caminha para sua perdição eterna. Os sentidos são as portas por onde o pecado entra e absorve a alma infeliz, que não tem seus acessos cerrados com os cadeados da mortificação e da penitência.

Quando os sentidos dominam o espírito, causam a mais lamentável desordem em que se pode cair, e a alma está em gravíssimo perigo de condenação, porque os apetites desenfreados a cegam e a arrastam, a impelem e a precipitam de pecado em pecado, sem que haja um limite capaz de detê-la em suas quedas. Quando os sentidos não estão sujeitos à razão ou à vontade, são para a alma espadas mortais. Quando imperam no homem e o escravizam, e as paixões despertadas aumentam em demasia, então a graça há de ser mui poderosa para deter esse rio caudaloso sem rumo, que arrasta a alma para o inferno.

Quando os sentidos não estão sob controle; quando não são usados para



o fim santo para o qual foram criados, a saber, para Meu louvor e serviço, para serem crucificados em holocaustos de suavidade e para oferecer-Me o incenso da sua mortificação; mas, ao contrário, despertam, de mil maneiras diferentes, a sensualidade do homem; quando se soltam suas rédeas, sem subjugar-los; então esses sentidos serão – ouvi bem – a ruína das almas. Já o estão sendo! E de quantas almas! Hoje se vive dos sentidos. Horror! Meu Coração lamenta tão grande desordem! Gritai que, na vida do homem, há de reinar a dor. Que deve ser procurada como o maior dos tesouros. As almas precisam conhecer a Cruz e abraçá-la! É necessário que o espírito, por fim, domine a sensualidade nefanda que invade o mundo material e o espiritual. Detesto infinitamente a sensualidade, que pretere a Cruz e faz brilhar o reinado dos sentidos. Não, não. Já é tempo de que o mundo desperte, de que as paixões sejam refreadas, de que os sentidos morram ao pecado e me sirvam.

A Cruz proporciona todos esses benefícios. Ela e somente ela é o antídoto, o remédio e a defesa desse mal tão grande e universal. A Cruz, a dor e o sacrifício vêm derrotar essa enorme serpente.

Quero almas que vivam do espírito e não dos sentidos. Quero que a crucificação de si mesmo detenha as águas transbordantes do sensualismo atual. Quero que o Espírito Santo tenha seu reinado nos corações, coisa que não pode realizar-se enquanto os sentidos imperam. (CC 14,258-267)

3. *Malícia*

Malícia, maldade ou malignidade é uma inclinação ao mal, mais exatamente a tudo que é contrário à pureza. A malícia é filha predileta da incontinência e tem em suas veias o sangue do vício nefando. É uma praga universal que Eu odeio e detesto tanto quanto sou capaz, quer dizer, infinitamente. Ai, quantos estragos faz no coração, e como, num instante, arrebatá-lhe o que há de mais amável para Mim, a saber, o candor, o pudor e a inocência!

Muitas almas podem se livrar dos vícios desenfreados, mas da vil e rasteira malícia muito poucas almas lograrão livrar-se! A malícia mata a alma e, num instante, a torna digna do inferno eterno. A malícia é uma serpente disfarçada que dirige o homem, ficando oculta dentro do seu mesmo ser: às vezes, ela se desenvolve antes dele; e é tão precoce que, por vezes, se encontra



madura – ai! – no coração das crianças.

A malícia faz estragos no mundo e leva a milhões de pecados. Infiltra-se nas potências e em cada um dos sentidos, corrompendo tudo o Eu coloquei neles de reto e de santo, quando criei o homem. A malícia perverte os sentidos, de puros e dignos de prêmio que eram, em asquerosos e merecedores de terríveis castigos. A malícia pode mesclar-se – e, de fato, se mescla com uma frequência que só Eu sei e lamento – a todo ato da criatura, em qualquer seu movimento interior ou exterior.

A malícia foge da Cruz e foge de Maria. É refratária a toda luz, porque tem sua morada na escuridão sombria do pecado, enquanto que a Cruz é luz, e Maria, com sua claridade, candor e pureza, é a mais pudica e inocente criatura. Em virtude desses títulos, Maria foi escolhida para pisar a vil serpente da malícia infernal.

Entretanto, se essa malícia nasce com o homem e é imanente a seu mesmo ser, em que consistiria a culpa do homem? A culpa vem do pecado, desde o pecado de Adão, pelo qual entrou a malícia no mundo. Desde então, a humanidade traz em si o germe do pecado, que é o pecado original, com o qual nasce a tendência ou inclinação ao mal. Apartou-se Adão da ordem, e a desordem atingiu sua posteridade. O germe do mal nasce com o homem. Contudo o homem tem a seu dispor todo tipo de graças para combatê-lo: o homem culpado, em vez de fugir do pecado e das ocasiões de pecado, abraça-as livremente, apartando-se de Mim com toda sua inteligência e vontade.

É verdade que o homem tem em si uma carga ou inclinação ao mal, mas, ao mesmo tempo, tem a ideia clara de que existe um ser sobrenatural que castiga o mal e recompensa o bem. Ademais, Eu pus isso como um instinto no coração humano, até mesmo nos selvagens que não têm ideia de religião.

Portanto toda malícia é culpada. Desde o momento que houver malícia no coração, haverá culpa. Falo dessa espécie de malícia contrária à pureza, à qual me refiro nesse tratado.

Há outro tipo de malícia que chega a ser uma qualidade e até uma virtude: defende-nos de muitos males; é companheira da prudência; em muitos casos da vida, é até necessária, sobretudo para os que governam; é acompanhada pela pureza, pela castidade, pela inocência e pelo candor. (CC 14,121-127)



4. Remédios

Esses vícios horríveis machucam Meu Coração tão puro e bondoso. Por isso, quero apontar o remédio para curar a alma. Sabes qual é? O sacrifício constante de uma alma pura, que arranca de Mim graças especiais capazes de romper o gelo dos corações voluptuosos. Somente a oração e o sacrifício podem conter e deter a torrente desbordante da voluptuosidade.

Somente se pode conseguir uma plena reação à voluptuosidade, como a necessita o mundo atual, fazendo com que reine a modéstia, o pudor, o belíssimo candor, a inocência e a pureza, pelos meios espirituais da oração e do sacrifício das almas puras, pela prática firme das virtudes e pela extinção dos vícios.

Bem-aventuradas as almas que, quais vítimas inocentes, unidas à grande Vítima, oferecem-se generosamente para expiar os pecados do próximo e deter a ira do Onipotente! Ditosas também as almas que, apartando-se de vícios funestos e infernais, começam uma vida pura e santa, ajudando-se, para isso, com a firmeza, o vigor moral, o domínio de si, a humildade e a confiança em Minha grande misericórdia. (CC 15,191-193)